This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

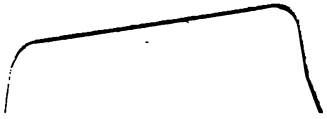
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

24375 f. 9



NARRATIVAS E EPISODIOS

DA

VIDA POLITICA E PARLAMENTAR

RICARDO GUIMARÃES

NARRATIVAS

E EPISODIOS

DA

VIDA POLITICA E PARLAMENTAR

(1862 E 1863)

LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
RUA DOS CALAFATES, 110

1863

« Rien de plus inévitable que cette résurrection opiniâtre des partis, cette inquiétude hostile qui succède pour eux à la confiance et au désarmement, cette défense aggressive qui suit la soumission. »

M. de Chateaubriand, sa vie, ses écrits, son influence littéraire et politique sur son temps, par M. Villemain, pag. 201.

AO SENHOR

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

MEU BOM AMIGO.

Pondo na frente d'estas paginas, o titulo de NARRATIVAS E EPISODIOS DA VIDA POLITICA E PARLAMENTAR, a quem poderia eu dedical-as, que reunisse mais elevados e legitimos triumphos de tribuna, do que ao principe dos oradores parlamentares, cujo nome está gloriosamente gravado com buril de oiro nos fastos da eloquencia politica?

O talento é sempre benevolo e generoso. E o seu tem sido para mim tam opulento de conselhos, tam abundante d'incitamentos, tam espontaneo em delicadezas immerecidas, que espero não engeitará desdenhoso a offrenda do prosador balbuciante e inexperto.

Agosto, 1863.

Ricardo Guimarães.

DUAS PALAVRAS

Este livro, escripto desambiciosamente e ao correr da penna, é a mais declarada rebellião contra os preceitos horacianos, repassados de sabia prudencia, no tocante á diuturna revisão das obras do espirito, e á inobservancia formal do salutar conselho de Boileau aos oradores do seu tempo, formulado neste verso:

«*Vingt fois sur le metier remettez votre ouvrage.*»

Principiado e concluido com a celeridade da locomotiva deslisando sobre os carris, não é difficil encontrar-se em cada pagina a ausencia do esforço paciente e da perseverança indispensaveis para limar as asperezas da phrase, e despegar-se da chrysalida grosseira da improvisação a borboleta do pen-

samento que se chama estylo, voando reluzente, e matisada de côres.

Encerradas as côrtes no dia 30 de Junho, poucos dias depois accommettia-me o prurido de escrever alguma coisa, ao acaso, sem plano determinado, sem fórma preconcebida, que avivasse as lutas e peripecias dramaticas do recente periodo da sessão legislativa, singelamente narradas, ou guarnecidas dos arabescos phantasiosos das digressões humoristicas e dos devaneios sarcasticos do folhetim, tão differentes das invectivas ferinas e das allusões mordentes da comedia politica d'Aristophanes.

Para que o negar? A velleidade de introduzir o publico na confidencia das nossas mais reconditas impressões é a ferida incuravel, *immedicabile vulnus*, de todos os que uma vez renderam culto solemne e publico ás musas mais ou menos severas do pensamento ou da imaginação; doce e sagrado culto, que exalta a alma e ennobrece a intelligencia.

As numerosas maculas de dicção, as transições frequentemente abruptas d'uns para outros capitulos, a precipitação com que vão narrados alguns as-

sumptos que reclamavam mais detida e larga desenvolução, trahem demasiadamente os trinta e seis dias, em que foram escriptas estas paginas; praso não excessivamente longo para a serena elaboração do pensamento, mesmo quando se applica a um volume insignificante e nullo, como este, que não é, nem jamais aspirou a ser passaporte para a gloria litteraria, nem tem pretenções titanicas a escalar o Olympo da immortalidade.

O auctor apavora-se com as viagens aventurosas d'Icaro; nem quer dar na queda o seu nome a nenhum mar. Sabe, ou antes segreda-lh'o o terror das catastrophes do orgulho e da audacia, que os raios buscam as eminencias, e que as tempestades se comprazem em açoitar os pincaros das montanhas.

Por isso não receiem, que elle embarque imprudente em nau alterosa, e se entranhe nas solidões do oceano a desafiar as coleras da tormenta.

Não se arroja a tanto. A sua excursão será terra a terra, costeando a praia, não desferindo a pequena vela ás lufadas violentas dos ventos; antes colhendo-a aos primeiros negrumes do horisonte, e não

cessando de implorar os astros, para que lhe sorriam favoraveis e clementes.

Arroste, quem quizer, a braveza dos ventos e dos mares; o auctor submisso aos conselhos do poeta confiará o seu pequeno batel ás aguas tranquillas como a superficie d'um lago, que tepidas brisas apenas encrespam:

«*Vós mare tentetis, vos detis lintea vento:*
«*Me vehat in tutos parva carina lacus.*»

Cascaes, 13 de agosto de 1863.

RICARDO GUIMARÃES.

I

Abrira-se a sessão legislativa de 1862. As calorosas e ardentes discussões, em que as parcialidades politicas iam em breve exhalar os seus resentimentos e consumir os esforços dos seus mais possantes oradores, ainda não tinham começado.

Forçada por um doloroso mas impreterivel dever a providenciar legislativamente sobre as funcções temporarias e eventuaes da regencia, a camara dos deputados preoccupara-se, com sobeja razão, da necessidade de promulgar uma lei para obviar aos graves transtornos, que poderiam derivar da repetição de catastrophes dolorosas, eguaes ás que, semanas antes, haviam enluctado o paiz, com a perda de um rei querido da nação, e a quem cingia a fronte juvenil a dupla corôa da realeza e da virtude.

Póde dizer-se, que não se levantou séria controversia entre os deputados liberaes na discussão d'este

projecto, cuja approvação era dictada pelas mais triviaes indicações da prudencia, como o tinha sido em França, em 1842, n'uma identica medida legislativa, sustentada contra os esforços de poderosos athletas da palavra pelo mais profundo pensador da França, talvez o mais severo orador da tribuna parlamentar, o sr. Guizot, na camara dos deputados; e na camara dos pares, pelo duque de Broglie, então presidente do conselho de ministros do rei Luiz Filippe.

Apenas um representante obstinado mas convicto do partido legitimista, o sr. deputado Pinto Coelho, oppugnara o projecto, sob o fundamento das cortes romperem attribuições delimitadas pela letra da constituição politica, deferindo a um elevado personagem as augustas funcções da regencia, por não estarem revestidas de poderes especiaes.

A indole essencialmente temporaria das elevadas mas transitorias e eventuaes funcções da regencia excluiam-as da letra e do espirito do artigo 144 da carta, cujas disposições ficavam completamente ao abrigo dos golpes com que a camara, approvando a lei da regencia, as dilacerava, na phrase habilmente arguciosa do chefe da opposição anti-dynastica.

A lei foi votada quasi por unanimidade na sessão

de 18 de janeiro, não se agitando a menor discussão sobre ella, depois da camara haver descido á especialidade do projecto.

Após este incidente parlamentar provocado pelos desastres em que se haviam affundido vivazes e sanguineas esperanças do paiz, arrebatando-nos a vida d'um rei modelo de principes liberaes, exemplar de raras virtudes civicas e domesticas, e cortando em flor a existencia de dois jovens principes, outro tumulo se abria para recolher um finado illustre entre os maiores vultos da revolução liberal.

Sabida a fatal nova no dia 20 de janeiro, a camara dos deputados, de que Passos Manuel fôra um dos mais brilhantes ornamentos, apressou-se a honrar a memoria do venerando chefe do velho partido progressista com unanimes homenagens de respeito e saudade, consignando solemnemente na acta das suas sessões, demonstração da sua dor, e estatuindo, que o busto do grande ministro da revolução fosse collocado na bibliotheca da camara, que elle havia inaugurado.

Os desastres succediam-se aos desastres!

Em tres tumulos de principes virtuosos se cifravam, como em lugubre epilogo, os fastos do anno anterior; e *medeando* apenas alguns dias, descer-

ravam-se aos nossos olhos as perspectivas do novo anno, não enfloradas de rosas, mas sombreadas de cyprestes!

Redemoinhava novamente o tufão de dezembro e desencadeava-se em furias, abatendo a fronte de Passos Manuel — illuminada das glorias do talento — no mesmo pó, em que, pouco antes, havia tombado a fronte augusta do rei de Portugal e as dos virtuosos principes, seus irmãos, resplandecentes das graças juvenis e das castas seducções da virtude.

Eburneas, como devem ser as portas da felicidade e da esperança, as do novo anno abriam-se negras como grade de cemiterio, não patenteando campinas ridentes nem paisagens festivas, mas descobrindo aos olhos ainda aterrados das recentes catastrophes a perspectiva melancolica d'uma alameda funeraria e povoada de sarcophagos, em torno dos quaes medra a Flora dos mortos, as perpetuas immarcessiveis.

A um homem que, como eu, votára a Passos Manuel o mais desinteressado culto de admiração desde a mais verde mocidade, em quem os discursos parlamentares do generoso orador tantas vezes accenderam a febre do enthusiasmo, jámais poderão desvanecer-se da memoria as recordações da primeira

vez que o tractei de perto. Datam ellas de 1847, e tão vivas e nitidas subsistem na minha lembrança que, ao memoral-as, me parece narrar impressões, não de annos arremeçados já para longe pelo curso impetuoso do tempo, mas de poucos e recentissimos dias.

Depois de fadigosas marchas desde Coimbra até Santarem, de Santarem a Torres Novas, e d'esta villa, notavel pela sua provada constancia e civismo nas luctas da liberdade, até á industriosa e pittoresca Barquinha, que parece banhar os pés, como uma nympha, na agua pura do Tejo, regressara novamente o batalhão academico a Santarem. Era n'este ponto, formidavel pela sua posição e recursos, que estavam concentradas as forças militares e populares sob o commando do intrepido general conde das Antas. Digamos de passagem, e em devido preito á verdade, que a memoria do honrado e valente caudilho do partido popular vive triumphante dos libellos detractores, com que a pretenderam macular os seus inimigos e emulos, porque os teve, como todos os homens superiores.

Aos olhos desanuviados de preconceitos e animadversões, o general presidente da junta do Porto apparece sempre o que realmente foi: a espada

mais intelligente e dedicada do partido popular, espada que nunca adormeceu na bainha, todas as vezes que o partido progressista appellou para ella nas horas angustiosas do perigo e nas explosões tremendas da insurreição.

Em boa e leal verdade, não podiam ser acolhidos em parte alguma os estudantes, que haviam trocado a batina universitaria pela farda de soldados, com mais expansiva franqueza — verdadeiramente ribatejana — do que o foram em Santarem.

Impondo-se a si mesmos o dever de não avexarem os habitantes com os incommodos e sacrificios, sempre inherentes á hospedagem forçada dos *aboletados*, acontecia, não raro, o lavrarem roedoras e caninas fomes pelos estomagos dos filhos de Minerva, transformados em guerreiros da liberdade.

Fornecida a cada um de nós pelo furriel uma magra ração de carne, segundo as mais severas prescripções do *stricti-juris* em materia de alimentação, e escoltada por um pão de munição, côr de mulato, os nossos estomagos, graças a este regimen spartano, estavam transformados em relogios activos, dando horas continuadamente, como se diz em phrase vulgar.

Com esta sobriedade, que professavamos como

Quakers involuntarios, um jantar abundante e variado, quando a Providencia nol-o deparava, era um acontecimento, quasi um phenomeno, celebrado por nós em estrophes dilacerantes de appetite anticipado e impaciente.

O acaso de eu ser do Porto e pertencer a uma familia, com a qual, desde tenros annos, Passos Manoel estava ligado por cordiaes vinculos d'amizade, mereceu-me da parte do grande cidadão a honra de me convidar a jantar em sua casa.

A Providencia tinha sido commigo infinitamente misericordiosa: além d'um jantar, que, nas circumstancias escriptas, não era indifferente aos que mais presumiam de stoicos, offerecia-me o ensejo de tractar mais de perto um homem,—brilhante personnificação do partido, em cuja defeza se tinham armado o paiz inteiro e a flôr da mocidade portugueza.

Á mesa, presidida pela respeitavel e insinuante esposa do modesto cidadão, sentavam-se tres ou quatro officiaes militares, e—para cumulo de fortuna—José Estevão, que apenas eu via pela segunda vez, pois não o avistára desde Rio Maior, na marcha de Coimbra para Santarem, e que acabava de chegar com uma columna de populares.

Nunca me esquecerá a sincera e expansiva alegria com que contemplámos aquelles dois notaveis vultos—o estadista e o orador do partido popular—lançando-se mutuamente nos braços e interrogando-se com loquaz curiosidade ácêrca das eventualidades e episodios da guerra civil, que os distanciára por algumas semanas.

Conversou-se animadamente; discutiu-se a grandeza da luta, a energia da resistencia popular, a cegueira da camarilha, surda ás vozes da prudencia e aos ensinamentos da historia.

Por ultimo, o dialogo versou, entre Passos Manuel e José Estevão, ácêrca das operações da columna de populares onde militava o grande orador:

—«Varo, que fizeste das tuas legiões?» perguntava o primeiro.

—«Ahi as trago. Se veem exhaustas pelo cansaço, ao menos não foram cortadas pelo ferro inimigo.»

—«Não acceitaste batalha campal?»

—«Retirei systematicamente; retirei sempre!»

—«Bravo, José! Fizeste como Xenophonte. Resta o escreveres como elle a tua gloriosa retirada.»

Com a exuberancia da graça natural—tão outra d'este espirito, que laboriosamente distillam alguns homens-alambiques de salão—graça que ornava a

conversação de Passos Manuel e de José Estevão, as horas voavam rapidas.

Estava-se ali tão bem, quanto se está mal perto d'estes titeres de sociedade, que não sabem senão murmurar dos outros, desengonçar-se desgraciosamente nos *lanceiros*, estropear a grammatica n'uma missiva d'amor, e — Petrarchas de bastidor — confiarem os suspiros da paixão alvar, em que os traz requeimados a nova bailarina, ás brisas linguareiras da chronica ou do *noticiario* dos jornaes.

Em Passos Manuel alliavam-se, em harmonia feliz, immensas qualidades, todas valiosas, que o tornavam admiravelmente apto para exercer poderosa influencia na scena politica.

Nas grandes crizes; na emigração; na opposição memoravel de 1834, bem como na arrojada dictadura de 10 de setembro de 1836; nas luctas parlamentares do congresso constituinte onde a estatura intellectual dos oradores e dos ministros parecia graduada pela grandeza dos acontecimentos que serviam de thema ás pugnas acaloradas e incessantes; na immortal e gloriosa opposição aos ministerios da contra-revolução, animados pela influencia dominadora e intransigente do conde de Thomar, jámais desfalleceu o superior espirito de Passos Manuel, nunca o seu animo suc-

cumbiu perante os lances agitados de tão dramaticos successos.

No meio das circumstancias gravissimas e em extremo arriscadas onde os homens publicos são compellidos a exhibir a medida exacta da coragem e dos talentos com que a Providencia os aquinhoou, Passos Manuel foi constantemente mais do que um apostolo, foi um athleta. Os seus hombros nunca vergaram ao jugo das tremendas responsabilidades impostas por uma insurreição vencedora.

A revolução de setembro, contra que urdiam conspirações quotidianas os generaes cobertos de glorias recentes, os altos funccionarios do estado, o paço e a diplomacia ingleza, manteve-a elle, triumphante das ciladas e conluios dos inimigos, pelos prodigios da sua actividade organisadora, pelos esforços da sua eloquencia generosa e convicta. Passadas as horas afflictivas do combate, serenadas as vagas da revolução, vagas como só as levanta o bulcão popular, Passos Manuel nobilitou o grande movimento politico de 36 por largas e fundas reformas, que são outros tantos padrões da elevação do seu engenho, e nos quaes transluz entranhado amor aos interesses moraes e á prosperidade physica do seu paiz.

Em tão breve espaço, cortado sempre de agita-

ções e estremecimentos sociaes, que não affiançavam boa sazão ás edificações tranquillas e duradouras, nenhum obreiro da civilisação moderna, entre nós, seria capaz de lidar com o ardôr de Passos Manuel pela educação litteraria e artistica da nova geração.

Respondem pela verdade do que asseveramos, os institutos utilissimos que entre nós florescem, e cujos fructos de benção o paiz tem copiosamente saboreado, bemdizendo a memoria do illustrado ministro, — semeador de tão fecundos germens de civilisação. Não se circumscreveu, porém, ás providencias da instrucção official, vastas e difficeis pela variedade de aspectos sob os quaes pode ser encarada nas suas relações com as necessidades do espirito e da sociedade, o vigoroso e expansivo espirito de Passos Manuel.

A par e passo com estas eloquentes revelações da sua investigadora attenção para com os mais elevados interesses da ordem moral, outras providencias surgiam na mente incançavel do joven ministro da revolução, destinadas a acudirem ás exigencias da vida administrativa, multiplices e crescentes como o progresso da sociedade, de que ellas devem ser ao mesmo tempo cortejo e auxiliar.

O codigo administrativo de 1836, onde as prescripções se ajustam ás ideas mais latitudinarias do tempo, no tocante á vida politica dos cidadãos, eis o monumento da solicitude governativa do chefe do partido progressista pelos interesses positivos e graves dos cidadãos, interesses que carecem salva-guardados, e protegidos por uma legislação previdente e illustrada em materias d'administração publica.

Era com estas largas providencias—documentos mais perduraveis do que as detracções e as injurias de seus emulos,—que o ousado ministro da dictadura reformadora de setembro fazia emmudecer as calumnias; acareava innumeras adhesões á causa das innovações uteis; confundia os estadistas trôpegos que aspiravam ás pastas como a uma bonançosa sinecura, e viam nos bofetes ministeriaes uma Capua onde se regalam e deliciam os *abdomens* conservadores; e coroava pelo triumpho moral sobre os espiritos a causa da revolução, sanctificada por medidas tão proficuas como audaciosas.

Agitava-se em tumultuoso cahos a fazenda publica, resultado em parte devido aos homens, e em parte tambem, diga-se com a verdade da historia, provocado pelas turbações civis e ensanguentadas, que durante annos haviam abalado pelos fun-

damentos a sociedade portugueza. Este estado era ao mesmo tempo um embaraço e um perigo constante para a existencia da revolução. Com as asperezas inseparaveis de tão rude tarefa se affrontou corajosamente Passos Manuel, vencendo pelo poder da vontade, pelo trabalho infatigavel, e pela fé viva nos destinos da revolução, as apprehensões sombrias e os terrores não infelizmente injustificados, que apavoravam o espirito de muitos dos seus mais chegados sequazes, ao percorrerem com elle as sendas escabrosas e apertadas, em que ao primeiro desvio, corria o perigo infallivel de desconjuntar-se, tombando nos abysmos, o carro triumphal da revolução.

Accusaram de menos zeloso dos interesses do thesouro ao secretario d'estado da fazenda d'aquella agitada época, pelos demasiados lucros affiançados, nas amiudadas operações então contraidas, aos argentarios que o habilitavam a fazer face aos encargos do erario, e a assegurar a existencia á revolução!

Só a completa ignorancia da situação financeira e do estado politico d'então, influindo uma sobre o outro, como invariavelmente succede, poderia hoje perfilhar a *arguição*, fulminada n'aquella época con-

tra Passos Manuel e os seus successores na gerencia da fazenda pelas injustiças partidarias.

E se havia partido, que não devia ser o primeiro a atirar a pedra como na parabola da Samaritana; era certamente o que representava as faustosas prodigalidades dos recursos publicos, a herança politica das tradicções devoristas, cujos financeiros emeritos não honraram com fervoroso culto a austera economia e a estreita parcimonia na gestão dos dinheiros do estado!

Imagine-se como não excederia as forças de muitos ministros, consummados em assistir a *Te Deums*, e jantar em casa dos embaixadores estrangeiros, classicos até no estylo com que redigem a portaria de louvor ao administrador implacavel contra dois refractarios ao recrutamento; imagine-se como muitos d'esses *Guizots* de contrabando desfalleceriam nas poltronas ministeriaes aos primeiros instantes em que tivessem de vigiar as conspirações latentes e manifestas; fazer a situação respeitada dos seus fortes e numerosos adversarios; planear reformas largas sobre um terreno agitado por vulcões; tentar esforços herculeos para obter recursos, lutando com a ausencia do credito que só confia na paz publica, e sentindo-se morder da usura, como Lacoonte pelas

serpentes, — da usura que confrange as victimas entre as prezas dilacerantes, tanto mais, quanto são graves as crises, agitados os tempos, incerto o dia de ámanhã!

Na protecção ás industrias debeis e nascentes, que careciam de ser defendidas da lucta desordenada da concorrencia estrangeira, Passos Manuel, concedendo-a no decreto de 10 de janeiro de 1837, não affirmava que a liberdade economica e industrial não pode expandir-se e frtuctificar a par da liberdade politica.

Em politica e em industria professava o illustre chefe do partido progressista as mais livres e desassombradas theorias. Homem d'estado, comprehendia excellentemente, porque lh'o dizia a razão e lh'o ensinava a experiencia, que ha uma infancia industrial das sociedades, durante a qual a protecção ministrada pelo estado, deriva do mesmo principio, em que a auctoridade paterna se estriba para amparar e dirigir os filhos nas primeiras edades da existencia.

É preciso não nos desvairarmos a ponto de confundir a liberdade, que a sciencia economica aponta entre as suas verdades absolutas, com a negação systematica da protecção dispensada pelo estado ás

industrias nascentes, que mal se agitam no berço ligadas pelas faxas infantis.

Para Passos Manuel, como para todos os espiritos illuminados pela luz divina da philosophia liberal, a liberdade economica em toda a sua plenitude era o supremo ideal, o ponto consolador das suas esperanças a luzir no horisonte do aperfeiçoamento progressivo da sociedade.

Como todos os pensadores, não desconhecia, porém, quantos perigos, quantos desastres poderiam surgir para as manufacturas e para as fabricas nacionaes, de as abandonar indefensas e desarmadas da egide da instrucção professional, aos embates das industrias estrangeiras, cujos productos, collocados em circumstancias incomparavelmente vantajosas, zombavam de quaesquer certames, conscios da propria e indisputavel supremacia.

Começar pela liberdade industrial e commercial, antes de desaffrontar as classes productoras, do jugo humilhante de industrias estranhas, amadurecidas, experientes e confiadas nas proprias forças, era não só suffocar na origem os esforços do trabalho nacional, mas inverter grosseiramente os termos do problema economico.

Passos Manuel, tão grande pelo coração como

pelo pensamento, concentrando nos vastos recursos do seu genio estadistico as mais adiantadas e fecundas theorias de governo, comprehendeu e executou a opinião de um distincto economista contemporaneo—o sr. Cochut, que em circumstancias analogas aconselha ao homem de estado a fazer pela industria o que o pae faz pelos filhos: dar a instrucção, e depois a liberdade.

Crente com sincero ardor na alliança fecunda do throno com as instituições representativas, Passos Manuel temperou sempre o culto da realeza constitucional, de que foi leal servidor, pelo mais puro enthusiasmo democratico reflectido em todas as suas creações administrativas.

O elemento popular, fonte e essencia da democracia, penetrava em todos os corpos politicos do estado pelo principio electivo, exercido na maxima largueza. Era na eleição, applicada a todas as hierarchias politicas e administrativas, como n'um fecundo manancial, que a liberdade e a confiança popular se retemperavam a miudo, adquirindo novas forças, e crescente prestigio.

Dotado d'indefectivel fidelidade á corôa constitucional, alliada ás mais largas e democraticas instituições, Passos Manuel faz accordar no nosso esp-

rito vivas affinidades politicas com o generoso typo do general Lafayette.

Um dizia: «Luiz Filippe é a melhor das republicas:» outro exclamava, jubiloso, no parlamento portuguez de 1844: «Fui eu o ministro que cerquei o throno de instituições republicanas!»

Nobres corações cujos erros e mesmo illusões generosas sempre foram inspiradas pelo mais puro e ardente amor da liberdade!

Terminada a revolução, vencedores os Catilinas que se agitavam nas trevas da conspiração logrando derribar a constituição politica e acclamados triumphadores sobre os escudos dos pretorianos, inauguraram-se administrações que desgraçadamente viam nas liberdades energicas da imprensa e da tribuna menos um elemento impreterivel de vida constitucional, do que uma arma de vingança, meneada pela ambição e pelos odios partidarios.

As repressões severas e ciumentas do menor ruido provocam a desesperação, precursora das revoltas. O paiz tumultava, e rompia phrenetico os pesados ligamentos com que lhe comprimiam a natural elasticidade de movimentos.

D'ahi a pouco, a guerra civil estalava com o sinistro estampido do trovão popular. O poder victo-

rioso e fremente de colera coroava as alegrias de vingança pelas represalias e proscripções, limo hediondo que deixam atrás de si as vagas embravecidas dos rancores politicos.

Durante estes periodos calamitosos de que todas as parcialidades foram collaboradoras, Passos Manuel, sempre benevolo e inaccessivel ás suggestões odientas, combateu tenazmente a intolerancia, este phantasma invocado nas épocas violentas, não cessando de lutar no terreno legal, algumas vezes com a penna e sempre com a palavra, contra um regimen que reputava altamente infesto ás liberdades, a cujo santo apostolado se devotára.

Em 1845 e 1846, a taça da paciencia politica transbordara; o rugido da tormenta eccoara por todos os angulos do paiz; a idéa da resistencia tinha-se implantado em todas as cabeças com a mesma profundeza, com que se entranhára no coração de todos o odio aos furores da prepotencia.

N'esta quadra, cuja lembrança fugitiva exhumamos inteiramente alheios ao proposito de inflammar paixões e malquerenças, Passos Manuel, incansavel como O'Connell o grande agitador, percorria todo o districto de Santarem, onde tinha fixado residencia, orava *calorosamente* ás multidões ruraes, improvi-

sando um *rostro* no primeiro carro aldeão aonde trepava, e transformando em *Agora* atheniense e em *forum* romano o mais inoffensivo e sertanejo mercado.

Em toda a parte e a todas as horas o verieis tribuno ardente, abrasando as turbas com o calor de uma eloquencia irresistivel, por ser gerada do intimo convencimento e do proprio enthusiasmo!

No Porto em 1847, presencearam todos o mesmo espectaculo. Exhortando o povo á resistencia, inspirando-lhe os affectos do mais heroico civismo, Passos Manuel era ainda o Pedro Eremita da crusada popular, nobremente emprehendida em favor da liberdade!

Recolhido á vida domestica aonde o attrahiam as mais vivas affeições de esposo e de pae, quebrantado pelos padecimentos, Passos Manuel sentiu não poder já prestar ao partido, a que sempre foi fiel até ao derradeiro momento, o immenso auxilio da sua palavra inspirada e consummada experiencia.

Curvado lentamente para o tumulo, minado já de obstinada e afflictiva doença, jámais deixou Passos Manuel de fazer votos ardentes pela gloria do partido a cujos destinos presidira, engrandecendo-o pelo seu incomparavel desinteresse, digno dos mais

austeros tempos, e pelo esclarecido arrojo das suas reformas, inauguradas no centro de lutas apaixonadas e de temerosas crises.

Poucos, raros homens entre nós teem podido jactar-se de reunir tão numerosos e elevados dotes, como os que possuia aquelle homem cuja memoria deve ser para nós todos um culto, uma religião politica.

Educado na pureza classica da antiguidade, eram familiares a Passos Manuel os grandes poetas e eminentes prosadores gregos e latinos. Dotado de prodigiosa memoria, nunca o trahiam as citações de auctores que versara com aturada diligencia na sua estudiosa mocidade.

Orador grave na discussão dos negocios publicos, voando ás regiões da eloquencia do sentimento nos assumptos em que o coração predomina; com grande opulencia de imagens e admiravel facilidade de phrase, Passos Manuel, quando a sua voz se ouvia na tribuna, fazia do mais indifferente espectador um caloroso adepto, tão persuasivo era o condão de sua palavra, resplandecente de convencimento e de probidade!

Homem de lettras e escriptor politico, muitas vezes o vimos no Porto redigir com notavel celeri-

dade, já dictando, já escrevendo de proprio punho, artigos incisivos e repassados da acrimonia do pamphleto, os quaes transsudavam a imaginação atrevida e as graças litterarias, tão seductoras nas paginas inflammadas de Armand Carrel, e de Marrast.

Rico d'uma flexibilidade intellectual, só concedida por Deus ás organisações privilegiadas, susurrava tão agradavelmente n'uma conversação viva, faiscante, e illuminada das mais caprichosas phantasias e dos mais scintillantes arabescos, que não se diria poder a mesma bocca d'onde manavam perolas serenas de conversação amena e frivola, trovejar tremendamente no senado, desatando-se em coleras vingadoras da liberdade e da justiça como os Gracchos, e soltando rugidos temerosos como os soltam os leões da palavra humana, os Demosthenes e os Ciceros, quando os fere a tyrannia.

Modesto na vida privada como Jefferson ou Washington, o dictador d'uma revolução triumphante parecia o mais obscuro cidadão do seu paiz, tanto brilhava pela ausencia completa do fausto e das insignias um pouco theatraes do poder, que se comprazem em ostentar os ambiciosos de encruzilhada.

. . . . . .

. . . . . .

De todas estas glorias que resta? Uma memoria illibada, um melancolico ataude, sobre o qual nem ao menos se estiram ao cair da tarde as resteas do sol no occaso!

II

Tempestuosa e carregada de electricidade politica appareceu a atmosphera parlamentar que durante largos dias occupou os mais valentes lutadores do circo parlamentar, depois da lei da regencia, sendo assumpto exclusivo a discussão dos tumultos de que a capital fôra theatro nos dias 25 e 26 do corrente, tumultos que a eloquencia incomparavel de José Estevão definiu, n'esta bella phrase: «a anarchia da dôr respondendo ao despotismo da morte.» Todos se recordarão de que os infortunios reaes excitaram a sensibilidade popular, exaltada pela horrivel tragedia d'aquelles lugubres dias, cuja só recordação ainda nos enche de terror. O açoite implacavel da morte parecia insaciavel de victimas, e ameaçava de alçar-se sobre todos os principes da real familia, tão estremecida por este povo que vê n'elles, como vergonteas d'um tronco glorioso, os netos do *heroe soldado*, d'aquelle que Passos Ma-

nuel, n'um rapto de feliz eloquencia, appellidou de Washington coroado.

Não é do nosso proposito fazer a critica minudenciosa de tão recente discussão, fresca de certo nas mais ingratas memorias.

É curioso, porém, observar que José Estevão, ainda em opposição ao ministerio presidido pelo sr. duque de Loulé, e de que faziam parte os srs. Avila e Carlos Bento, alvos procurados sempre pela frecha epigrammatica do grande orador, operou solitariamente n'este recontro, repudiando a tactica dos seus *companheiros* parlamentares.

Em quanto o sr. Fontes Pereira de Mello, exprobrava ao governo o ter cruzado os braços ante os attentados perpetrados na exaltação do momento, e não os haver punido com a condigna severidade; ao passo que o sr. Casal Ribeiro, levantando pela primeira vez a voz no parlamento depois da ausencia dos negocios publicos, por mais d'um anno, e lastimando tomarem o passo as discussões politicas ás controversias administrativas e economicas, censurava em phrases acerbas a pusillanimidade do governo em escarmentar os cumplices nos recentes successos, José Estevão apreciava a situação com differente critica.

O immortal orador em quem a previsão politica nós momentos solemnes desconcertava os mais perspicazes, sem fazer a apotheose do governo, cujos ministros da fazenda e da marinha ainda n'este debate foram aspergidos de finas ironias, justificou a attitude em que os oradores da opposição não viam senão frouxidão e impericia; e fulminando o attentado brutal contra victimas innocentes nos desastres reaes, obra e decreto da Providencia, amnistiou a exaltação popular, inspirada na sua origem pelo desespero da dôr publica.

Despedindo do carcaz inexhaurivel epigrammas acerados aos Argos da ordem publica e aos Serenos da propriedade que pullulavam insoffridos no desejo de verem descer a espada da vindicta legal sobre todos os actores e comparsas, mais ou menos obscuros, das scenas tumultuosas dos dias 25 e 26 de setembro, exclamava o orador popular:

«Este debate é magnifico, é maravilhoso, e para que houvesse inversão completa de todas as regras, até o *Genuense* foi o primeiro fulminado! Do nada, nada se faz. Pois da sociedade patriotica que, salvo o respeito devido aos membros que a compoem, é nada, faz-se tudo d'ella nesta discussão, e para obviar aos seus desvios e para a conter, sairam as vestaes

da propridade, cujo officio o senso publico tem tornado desnecessario; sairam os cavalleiros da ordem publica, sairam os condestaveis da lei, que nós viamos ha muito tempo retirados da arena politica[1] e parecendo estremecer de entrarem n'ella; sairam todos os espiritos predestinados a acatar as sociedades, e a destruirem com o seu zelo todos os fermentos de desordem e de anarchia, e clamaram: «Temos cá a anarchia. A anarchia chegou hontem; o nosso officio começa; principia a nossa tarefa, o nosso prestimo está reconhecido. Vamos á anarchia! Desembarcou a anarchia!» Temos um caminho de ferro para admirar, e a anarchia para esmagar. É um systema completo de governo.»

Tão grosso chuveiro de ironias zombeteiras não o haviam experimentado, havia largo tempo, os zeladores matriculados da *ordem*, e os faceis heroes do caminho de ferro Hislop, — d'esta materialissima epopea nacional, que espera por um Camões inedito para a celebrar em cantos immortaes.

Na sociedade patriotica onde os estadistas do caminho de ferro viam o ninho temeroso dos abutres da propriedade, o antro lobrego de salteadores bem

[1] Alludia o orador ao sr. Corrêa Caldeira que fallára n'esta discussão

menos poeticos do que os de Schiller; universidade de ciganos onde doutores graduados pela policia correccional abriam cursos publicos de latrocinio; — um club de jacobinos, inflammados em coleras demagogicas e minados de rancores communistas contra a sociedade, nenhum d'estes horrores existia, que legitimasse a oratoria sombria e os vôos da tetrica phantasia dos deputados da opposição.

Pelo contrario, José Estevão, a quem sempre foram antipathicas as repressões, louvava o governo por não ter recorrido á violencia para debellar a crise originada, em grande parte, d'uma viva apprehensão do povo, pelo paiz e pela liberdade!

Censurando com maxima indignação o brutal espancamento do sr. conde da Ponte — espancamento covarde e ignominioso para os auctores de tão feio maleficio — o grande orador elevou-se á grandeza natural do seu genio e do seu coração, contemplando nas manifestações d'aquelles dias, embora maculadas de demasias condemnaveis, um solemne testemunho dado pela capital á Europa em favor da nossa liberdade e independencia.

De feito, certo grupo politico lidára por implantar fóra do paiz a crença de que não era sincera a alliança entre a dynastia e o paiz.

Na tarefa de calumniar o grande partido liberal, que diariamente vê alargar os quadros dos seus combatentes, esse grupo descontente e adverso á dynastia e ás liberdades constitucionaes, chegára á propalar que o paiz, fundamentalmente afferrado ás tradições e usanças do velho regimen, professava nas intimas regiões da consciencia o amor ao absolutismo, apesar de mascarado sob os ouropeis da liberdade.

Essas calumnias destruia-as clamorosamente e de um modo irrefragavel a revolução recente, não tramada nos subterraneos, mas accendida na dôr dos subditos, perante a fatalidade, tão inexoravel como incomprehensivel, que feria — uns após outros — tres principes, esperança e penhor das instituições!

Para os que avaliavam com seguro juizo a posição de José Estevão n'esta grave conjunctura, em que os mais destros lutadores da opposição desceram á pugna politica a travar-se braço a braço com o ministerio, não era duvidoso que elle suspirava e favorecia uma modificação ministerial.

Poupando cuidadosamente os seus golpes aos membros do gabinete, com excepção unica do sr. Avila e Carlos Bento, usando mesmo para com aquelles *de* phrases attenciosas e benevolentes, não era dif-

ficil prescrutar nas secretas intenções do orador o proposito de prestar o seu valiosissimo apoio a uma situação, em que o partido progressista, desaffrontado do attrictos embaraçosos e muitas vezes asperos do sr. Antonio José d'Avila, fosse seriamente representado no poder, consolidando a sua permanencia com a assimilação de elementos de energia reformadora e fecunda.

Pelo que respeita á opposição, os seus chefes tinham escolhido ingrato e declivoso terreno para offerecer batalha politica, alienando cada vez mais, em vez de as attrahir, as sympathias populares.

Que ganhou n'este combate a opposição? Demonstrar que a trabalhava intimamente uma metamorphose conservadora e neo-catholica, que não tardou a revelar-se, arrogante de franqueza insolente, na discussão da lei do ensino. Poz-se em litigio, negou-se o amplo direito de associação, e descreveu-se como um perigo e uma ameaça ás intituições e á paz publica, em nome da mesma logica, que poucos mezes depois só via a glorificação da liberdade na diffusão do ensino clerical, solto de todas as peias, desaffrontado de todas as restricções! Forcejando por illuminar com falsa luz a physionomia do ministerio, arguindo-o de timorato e vacil[illegible]

para com uma associação que o amedrontara como se fosse a cabeça da Medusa, a opposição, agitando nas mãos o facho delator, só logrou fazer reflectir o clarão sobre as proprias feições, ainda contrahidas pelo medo ante a catadura de mais temerosas e não menos irrequietas sociedades.

Sob a segunda administração do sr. Fontes de Mello, e regendo este cavalheiro a pasta dos negocios do reino, tinha-se inaugurado em Lisboa uma associação denominada — Futuro Social — em 14 de novembro de 1859.

Sem que precedesse a approvação legal dos estatutos, que nunca teve, annunciára aquella associação aos seus associados e pessoas estranhas, para thema de debate, importantissimas theses de philosophia social, taes como: «se a faculdade de ensino devia ser livre ou condicional; se a revolução franceza tinha sido util á humanidade.» Em fim, elevando-se ás mais eminentes regiões do direito politico, interrogára os seus consocios sobre quaes são em toda a sua largueza philosophica os *direitos e deveres* dos cidadãos.

E comtudo o sr. Fontes de Mello, que assistira impassivel a estas discussões gravissimas; o sr. Fontes, que não estremecera de terror nas cathedras

ministeriaes, quando os publicistas do Futuro Social annunciaram publicamente uma reunião em que devia discutir-se, se *podia* e *devia* effectuar-se a união iberica; apparecia transido de medo á ultima hora, assombrado com as controversias politicas da sociedade patriotica, indubitavelmente menos gravidas de perigos, do que a d'aquell'outra associação, cujas locubrações, se as não protegera com o amor de um Mecenas, não as havia comtudo arrojado ás proscripções do seu consulado politico com a sanha perseguidora de um Scylla.

Finalmente, a politica tenaz de resistencia, de que o sr. Guizot faz a constante apologia, em defensão dos proprios erros e obcecações, do que não andam exemptos os espiritos mais vigorosos e os mais claros entendimentos, foi glorificada pelos oradores da opposição. Faltou apenas á eloquencia dos commentadores a coherencia dos proprios actos.

Era assim, obedecendo á sua fatal estrella, que a opposição quotidianamente se enfraquecia na opinião, afugentava a confiança e arredava do seu seio aquelles que, como o auctor d'este livro, tendo em subida conta a lealdade politica, se desligam dos vinculos que a impõe, quando essa lealdade importa, nada menos, do que o perjurio dos principios, a

apostasia da crença progressista da qual recebera o baptismo sacrosanto, nas lides ensanguentadas de 1847!

Na camara dos pares, reproduziram-se, como eccos servis, as arguições feitas ao procedimento do governo na camara electiva, onde haviam sido pulverisadas; aproveitando-se da largueza natural ás discussões em que se jogam os destinos d'uma situação, o sr. conde de Thomar, para defender os actos da ultima administração a que presidira, e na qual o sr. Antonio José d'Avila, adversario obstinado do sr. conde n'esta discussão, exercera o pontificado financeiro.

A camara e o publico ouviram os doestos e as reconvenções, menos proprias d'um senado aristocratico e conservador, em que os dois lutadores, esquecida por momentos a antiga confraternidade, exhalaram amargos e pessoaes resentimentos. A todos, e ao paiz restava, porém, a consolação de ver em breve renascer a concordia dentro do mesmo recinto — theatro da ephemera dissenção — entre o Orestes e o Pylades da fracção conservadora!

O instincto da conservação politica, mais do que o sentimento da solidariedade ministerial, impellira o sr. Antonio José d'Avila, vehemente e irascivel

nos certames parlamentares, a investir acremente contra o sr. conde de Thomar e a imprensa da colligação; a ponto do orgão official d'ella — a *Revolução de Setembro* — escrever contra o ministro da fazenda um libello atrocissimo em que não eram respeitados, nem o caracter, nem a intelligencia, nem o nascimento peão mas honrado do seu adversario, ou antes da sua victima retalhada pelos golpes da diffamação!

Verdade é, tambem, que decorridas poucas semanas, a penna dos mesmos Aretinos humedecia-se na tinta dourada das apologias ao ex-ministro, ennegrecido por convicios tão grosseiros como os que exprobram a um homem publico o não ter achado no berço brasões heraldicos, mas a divisa honrosa do trabalho! Era mais um espectaculo edificante para a moral e para o prestigio da imprensa polida e decorosa!

III

Tinham apenas mediado oito dias após a controversia irritante que acabamos de narrar, quando a

folha official publicava os decretos de exoneração dos srs. Antonio José d'Avila, Carlos Bento da Silva, e Alberto Antonio de Moraes Carvalho, dos cargos de ministros para que haviam sido nomeados em 4 de julho de 1860.

Esta modificação ou organisação ministerial, pois que permaneceram no gabinete o sr. duque de Loulé, presidente da anterior administração, e os srs. visconde de Sá e Thiago Horta, surprehendeu a algumas pessoas, as quaes ignoravam que os proprios ministros tinham entre si accordado na idéa de modificar a organisação do gabinete, não compromettendo a existencia politica da situação, bastante vigorosa para resistir aos embates ambiciosos da opposição, mal unida e traspassada no coração pelo abandono de José Estevão.

Differentes causas tinham concorrido para aquella resolução no animo dos ministros, afóra o cançasso de espirito produzido naturalmente pelos esforços consumidos em dois annos de gabinete e de tribuna, coroados pelas grandes catastrophes que enlutaram a familia real e o paiz inteiro.

No systema representativo, por mais robusta que seja a estructura de um ministro, a vida consome-se-lhe rapida e devoradora nas lutas quotidianas

da tribuna e da imprensa, e nos abalos e excitações da opinião.

O gabinete de 4 de julho de 1860, na totalidade de seus membros, não podia subtrahir-se ás lentas mas infalliveis causas de enervamento e de fadiga ministerial, inherentes a um regimen que se agita n'um ambiente de combates e de resistencias.

Aggravavam-se estes motivos com a permanencia da questão das irmãs de caridade, cuja solução, digamol-o francamente, melindrosa e difficil, não affiançava prompto e satisfactorio exito, permanecendo na pasta dos negocios estrangeiros o sr. Antonio José d'Avila, cuja timidez e affeições partidarias, latentes ao principio, e por ultimo menos secretas, não o talhavam de molde para encerrar aquelle já tedioso episodio, germen de irritações, objecto de inquietação para os liberaes, e impeço permanente para os governos.

Parece-nos tambem que á saída do sr. Antonio José d'Avila não seria inteiramente indifferente o caracter voluntarioso do ex-ministro, cuja vaidade não sabemos se tem constituido a gloria ou o martyrio da sua existencia politica, pondo-o em frequentes conflictos ora com os seus collegas de gabinete quando *é ministro*, ora com os membros dos cor-

pos politicos e scientificos a que tem pertencido na sua longa carreira publica.

O sr. Carlos Bento, se enfraquecia o ministerio com a sua saida, roubando-lhe um orador habil e espirituoso, não o debilitava na sua energia administrativa; pois que a subtil intelligencia d'aquelle ex-ministro nunca se ajustou aos lavores burocraticos, que elle trocou sempre por ocios ininterrompidos e disfructados no seio da mais serena despreoccupação, da qual acordava apenas para desfechar um epigramma, ou narrar com elegancia litteraria uma anecdota de salão.

Abandonava a pasta da justiça o sr. Moraes Carvalho, jurisconsulto distincto e fluente orador, como mais uma vez o provara nas ultimas discussões da camara dos deputados e na dos pares; mas ausentava-se do poder em cordiaes relações com os restantes ministros que permaneceram á frente dos negocios, demonstrando na posição politica que até hoje tem tomado, como procedem os caracteres respeitaveis e mais attentos ás indicações do dever e da coherencia, do que a escutar as perfidas suggestões da inveja e da vaidade pessoal.

A necessidade de proseguir na discussão d'uma *lei importante* sobre classificação de estradas, cujo

pensamento altamente louvavel consistia em arrancar o systema de viação publica do cahos em que as administrações anteriores, de certo por causas desculpaveis, a haviam mantido, forçou o sr. Thiago Horta a persistir por algum tempo na repartição das obras publicas, d'onde saiu pouco depois, tendo alcançado a justificada reputação de ministro inaccessivel a nepotismos, activo e intelligente, de que dão testemunho a bem elaborada proposta sobre a regularisação do pessoal technico, a lei sobre estradas, bem como outras não menos uteis providencias, que honram uma gerencia não menos severa do que proficua.

Substituiam, pois, ao sr. Antonio José d'Avila, na pasta da fazenda o sr. Joaquim Thomaz Lobo d'Avila; ao sr. Moraes Carvalho, o sr. Gaspar Pereira da Silva; ao sr. Carlos Bento, na repartição de marinha o sr. José da Silva Mendes Leal; ao sr. duque de Loulé na pasta do reino o sr. Anselmo José Braamcamp. Todos os quatro novos ministros eram extrahidos da maioria da camara dos deputados onde uns na tribuna e outros nas mais laboriosas e activas commissões tinham prestado aos ministros demissionarios o concurso valioso do talento e da lealdade politica.

Dos membros do velho gabinete permaneciam na administração o sr. duque de Loulé com a presidencia e a pasta dos negocios estrangeiros, o sr. Thiago Horta nas obras publicas, e na guerra o sr. visconde de Sá da Bandeira.

IV

O ministerio apresentou-se nas côrtes no dia 22 de fevereiro. Em breves palavras, e com a habil concisão que lhe é familiar, o presidente do gabinete enunciou perante a camara dos deputados que o seu pensamento na organisação d'um novo ministerio fôra o de representar na administração a politica da maioria, promettendo acudir a algumas necessidades mais instantes da administração; a empenhar-se com ardor na consolidação do credito do estado e a occupar-se de algumas questões pendentes cuja resolução era reclamada pelo governo e pela publica opinião.

Após o presidente, cada um dos novos ministros esboçou em curtas phrases os intuitos administrativos e politicos, com que contavam resgatar-se da missão do poder, difficil sempre, e em tal conjuncto de acontecimentos difficilima.

A camara enclausurára-se no mais glacial silencio. Nenhum zumbido das abelhas ruidosas que enxamêam no vasto cortiço de S. Bento e nem sempre fabricam favos da mais doce eloquencia!

Os iracundos Demosthenes d'antes da ordem do dia envolviam-se com medonho sobrecenho na austeridade de sua mudez, como n'uma toga ameaçadora e fatal. Aquelle silencio claustral, plagiado de um cenobio de *trappistas*, presagiava a tempestuosa aurora que alvorecia no céo ministerial.

Representava-se o que em linguagem dramatica se appellida de scena muda, onde os actores privilegiados operam maravilhas, arrancando aos espectadores bravos irreprimiveis e espontaneos. As galerias permaneceram, porém, immoveis e geladas ante a scena muda, cujo effeito tinha sido laboriosamente estudado nos camarins pelos Talmas encanecidos nos artificios theatraes.

E, comtudo, nenhum phenomeno politico de mais lucida explicação, do que esta recepção *lugubre*, como a definiu o glossario politico dos oradores e dos jornaes hostis ao ministerio.

O que uma organisação ministerial produz de esperanças, de malogros, de aspirações irrequietas, de *invejas dissimuladas*, de despeitos inconsoláveis, só

póde avalial-o quem, como nós, tiver pisado o territorio de S. Bento, e sabedor da topographia parlamentar, houver devassado os seus recessos, trepado ás suas fragosidades, e irrompido atravez de suas brenhas. Esse verá como todos os cerros e planuras do paiz parlamentar se abrolham de Curcios desinteressados e impacientes de se arremeçarem, impellidos, já se sabe, por indomavel e fogoso patriotismo, á temerosa voragem de uma pasta.

Não os aterrareis lembrando-lhes a moeda ingrata com que Milciades foi pago das feridas gloriosas contra os Persas, sendo encerrado pelos seus concidadãos nas masmorras d'Athenas onde exhalou o derradeiro suspiro.

Não lhes digaes que o ardente patriotismo de Themistocles foi punido com o ostracismo, sendo compellido o heroe de Marathona a refugiar-se, não nos portos da Grecia redimidos por elle, mas nas praias inhospitas da nação barbara, abatida pelo vigor do seu braço.

Inuteis serão estes exemplos evocados da antiga historia e outros cuja auctoridade, por não ser exornada do venerando diadema dos seculos, não é menos prestigiosa. N'aquelles peitos ardentes referve *a ancia de suster* as redeas do carro do estado, em

risco imminente de desvairar-se na carreira impetuosa, se o não reger a dextreza dos aurigas devotados a conquistar, á custa dos proprios perigos, o repouso de todos os concidadãos: «*Meis propriis periculis parere commune reliquis otium*»: dizia Cicero, avô d'est'outros em genio e eloquencia, ao combater a hesitação pusillanime que afasta a certos caracteres do tumulto da vida politica.

Não os queremos injuriar — aos salvadores da patria — assacando-lhes que todos elles hajam lido Cicero; mas em compensação, o que os honra em grau bem mais subido, advinham-no sem o lerem.

Nas horas solemnes em que um elevado personagem, investido pelo rei na mais alta magistratura politica, anda em busca de ministros, como Diogenes vagava pelas ruas d'Athenas ao meio-dia á cata d'um homem, allumiando-se ao clarão da cynica lanterna; que agitações intimas! que afflictivos sobresaltos! que mortaes impaciencias!

Havendo de jogar-se naquelles momentos quasi á sorte a tunica do poder, como ha dezoito seculos foi jogada a do divino Redemptor, os phariseus da ambição accorrem de tropel em demanda do farrapo *aleatorio*. Acotovelam-se no peristilo do

distribuidor das graças os clientes famintos, e esperançados no favoravel exito da loteria ministerial.

Por algumas rezes que buscam pastio para matarem velhas fomes do poder, e tão farto e pingue o deparam, que se ficam retouçando pelo mais fechado daquellas moitas, quantas não voltam com a pelle rente dos ossos, como as vaccas magras do sonho biblico, cubertas de gafeira, e reclamando mais os soccorros do veterinario do que o ferro do magarefe!

Tal advogado sertanejo e rural reputa-se preterido pelo não collocarem, na pasta da justiça, á frente da magistratura nacional que elle nem sequer enxerga — a pobresinha! — por entre os relampagos do genio.

Enganaram-no as miragens do amor proprio. O modesto Hortensio se o despachassem delegado, ficaria muito além da sua craveira intellectual.

Outro que geriu com admiração da irmandade da sua parochia a thesouraria d'uma misericordia cujo principal elogio está em dispensar doentes não prescindindo do capellão, e triumphou nobremente da maledicencia do boticario, zoilo effectivo, transformando-o em seu Plutarcho, não soffre resignado *que o não convidem* a dirigir os negocios financei-

ros. Sob a sua vigilante e perspicaz administração veriamos como a divida publica, — este Ménalo dos financeiros classicos, — se moveria aos sons maviosos da lyra do improvisado Orpheo da fazenda. Veriamos o *deficit* — o minacissimo Minotauro do orçamento — abatido pela clava possante do novo Hercules dos algarismos, e restituido aos caros penates o *saldo positivo*, — exilado e errante desde os bellos tempos do sr. conde de Tojal, e desventurado heroe da Odyssea financeira.

Não acabariamos nunca se amiudassemos as immensas, as infinitas vocações despertas pelo Deus interior da ambição, e que fazem dos candidatos, mais do que heroes, semi-deuses votados a povoarem o Olympo ministerial.

Infelizmente porém acontece aos famintos do poder, o que as sagradas lettras promettem ás creaturas fadadas a gozarem de perennal bemaventurança:

«Muitos serão os chamados, poucos os escolhidos.»

A opposição não podia acolher o poder com jubilos, porque o poder para ella é causa permanente de melancolia, o que não custa a comprehender.

A parte da maioria, que chorava threnos sobre *os rios de Babylonia*, tinha sido victima d'uma de-

puração, saindo dois ministros que a lisongeavam, e não fazendo parte da nova organisação um, pelo menos, para symbolo de adhesão e esteio d'influencia.

Essa fracção da maioria, pela reconstrucção ministerial, ficava gravemente mutilada; e nesta mutilação perdiam os Abeilards, posteriormente designados pelo nome de dissidentes, a virilidade politica.

Para o resto da camara o ministerio nem podia ser surpreza, nem desgosto.

Escolhidos d'entre os membros da maioria, com a reputação de parlamentares distinctos uns, gozando outros da opinião de laboriosos e assiduos nas soluções das questões submettidas ao exame das commissões, os novos ministros tinham, cremos nós, ganho os bastões onde se alcançam.

Os dissidentes, supersticiosos Levitas, esses, viam profanado o templo, e polluidas as aras onde tinham queimado puros incensos aos mesmos numes cujo culto acabavam de renegar.

Isto, ainda não diziam, mas profundamente sentiam os sacerdotes da dissidencia, com sincero horror!

V

Contava apenas tres semanas de existencia o novo ministerio, e já as facções hostis assestavam contra elle, ou antes contra o ministro da fazenda, o pesado ariete da calumnia, que abala, se a não derroca, a mais solida reputação. Foi o caso, que devendo ser adjudicadas em leilão diversas propriedades, pertences do mosteiro das freiras d'Arouca, um deputado da opposição aventurou o lanço de 3:280$000 réis por uma propriedade mal designada no cadastro predial das monjas pelo nome de casas da Aborrida. O lanço não media pelo rendimento da propriedade. Ás restantes não se tinham apresentado competidores: outro lançador apparece, então, procurando todas as propriedades, incluindo aquella a que já nos referimos.

O licitante deputado, allegando ao ministro, que presidia ao leilão, titulos de posse sobre certa porção de agua de que até então se serviam as religiosas do mosteiro, em plena praça pretende do ministro que não tome accordo definitivo sobre a venda,

em globo, dos bens, sem se resolver o objecto da sua petição.

Novas diligencias foram postas por obra, n'este mesmo intuito, pelo deputado e primitivo licitante, reiterando ao ministro, por intermedio do respectivo funccionario do thesouro, a affirmativa de que as propriedades em questão não attingiriam o preço elevado que lhes fôra marcado para base da licitação; e que em tempo pediria strictas contas ao ministro de as não haver vendido todas pelo lanço offertado, não desistindo do direito, antes revalidando-o, á posse das aguas, que por mero favor derivavam das suas fazendas para a propriedade das freiras, objecto d'esta controversia.

Decidira o ministro que se sobre-estivesse provisoriamente na venda até colhêr mais seguras informações, voltando então de novo á praça, o que por mero expediente da repartição do thesouro foi mandado annunciar na folha official, ignorando-o o ministro.

O acaso, não menos explorado pela fortuna do que aproveitado pela malevolencia, fez com que a praça, segundo a primeira resolução, estivesse aberta no mesmo dia em que appareceu o annuncio para *se suspender* a venda, succedendo comtudo o que é

natural, isto é, não afugentar o contra-aviso a ninguem, pois que a praça abre cedo, e o *Diario* tarde amanhece para o publico, e por consequencia, para os interessados na adjudicação.

N'estes incidentes, faceis de comprehender, um facto apparece irrecusavel; e é que o ministro não tomou o mais pequeno arbitrio sem escutar os fiscaes da corôa, como calumniosamente propalaram as trombetas diffamadoras.

O annuncio, retirando da praça as propriedades d'Arouca, apesar de publicado sem o conhecimento previo do ministro, era um documento official. Suscitado na camara este incidente por um deputado da opposição, e reconhecida a existencia do annuncio, o ministro apressou-se a declarar perante a camara que ordenára a annullação da adjudicação, por carecer de uma formalidade legal, que por nenhum modo pertendera preterir.

Era evidente a innocencia do ministro. Não era elle só quem estava alheio á inserção do annuncio official, estavam-n'o tambem o conselheiro procurador geral da fazenda, que assistira á praça sem oppugnar a legalidade d'ella, no mesmo dia em que não podia abrir-se se tal funccionario houvera conhecido o annuncio publicado no Diario.

Na camara, os srs. Pinto d'Araujo e Pinto Coelho apressaram-se a increpar rudemente o ministro, mas as arguições foram desfeitas pelo funccionario arguido com a franqueza e lucidez, proprias da innocencia e da verdade.

José Estevão, exasperado com esta tactica desleal e torpissima, encaminhada mais ainda a minar pelo desconceito os partidos, que se prevalecem da calumnia, do que a demolir a reputação moral dos adversarios, flagellou com indignação o recurso de taes meios, accusando aos collaboradores n'esta empreza de fazerem da tribuna uma tripeça, e da penna um estylete. O leão da eloquencia agitava a juba magestosa e ululava de nobre colera vendo golpeado a frio um homem, de certo sujeito a erros, mas inaccessivel ás veniagas assoalhadas na imprensa pelos immundos pregoeiros da diffamação.

N'um movimento de impetuosa eloquencia em que brilha e scintilla a chamma da paixão, e voltando-se para o sr. Pinto Coelho que o arguira de desemparar a regeneração e commetter o nefando crime de romper um pacto transitorio com homens a quem elle engrandecêra á sombra da sua eloquencia in[illegible]mparavel, valendo elle só bem mais do que alguns

dos antigos clientes de que fôra o patrono politico, exclamava o orador:

«Com que direito vem fallar em vagabundagem politica o illustre deputado que não póde sem vagabundar, dar aqui um passo, ter aqui assento? (*Apoiado.*) A posição do illustre deputado é a da immobilidade: está entre dois impossiveis — o impossivel do passado com todas as anachronicas instituições que o caracterisam, e o impossivel de um futuro com certas condições e certa ordem de idéas com que o illustre deputado suppõe que caminha, e em que pensa lhe dará apoio alguma escola liberal d'esta terra. Mas está enganado. E quer tambem saber um dos motivos porque eu não estou hoje com a regeneração? É por me parecer que o illustre deputado faz hoje parte d'ella. »

Inspirando-se de toda a abnegação, verdadeiramente heroica, do seu caracter, como eram bellas e repassadas de intimo convencimento estas palavras:

« Aceito todas as sujeições que me queiram impôr, mas peço que me deixem aspirar a esta derradeira gloria de um homem de coração e convicções, que me deixem pugnar pelos meus principios, vendo n'este homem um coração forte e um cara-

cter dedicado que acabou como tinha principiado. Esta gloria desejo-a, até ao final da minha vida.»

E comtudo, este nobre e honrado caracter, do qual se podia divergir, poupando-lhe a honra de todos acatada, na vespera havia sido salpicado n'este mesmo incidente e a par do ministro diffamado, pelo lodo em que os Paschinos da imprensa atascam a penna, com o lodo d'onde para si extrahem ouro!

Com que superior despreso elle amordaçava os mastins famintos de lhe devorarem a honra, e os fustigava inaccessivel ás mordeduras furiosas!

«Fallou-se em umas cartas, disse elle: o homem da minha posição e da minha consciencia, quando encontra calumniadores, pega n'elles, por mais volumosos que sejam, arremeça-os para os lados e nem passa por cima d'elles, porque quando se anda pela rua é que se passa pela lama, mas um calumniador é peior do que a lama. Que me importa isso que se diz!»

Se a imprensa da opposição não levantou mão d'este assumpto, explorando-o e traduzindo-o ao sabor das suas conveniencias, o sr. Casal Ribeiro censurou esta aberração da moral politica, e achou na rectidão do juizo e na largueza do animo palavras eloquentes — por serem inspiradas do coração e da

justiça—para depôr em favor da innocencia do ministro.

Transcrevemos as palavras d'este orador, indisputavelmente o homem mais importante do partido regenerador, por conterem uma lição de decoro partidario e um documento de generosos sentimentos de que os caracteres publicos não devem abdicar no mais acceso das luctas politicas.

«Nós não mandamos ninguem levantar esta questão (*Muitos apoiados*). Quando ella se suscitou, eu não sabia, não sonhava sequer a sua existencia; ignorava se se tinham arrematado bens de Arouca, e quem os tinha arrematado; não sabia nada d'isto quanto menos que tal questão viria ao parlamento. Veio; pareceu-me pequena ao principio, mas vieram logo em volta d'ella nascendo e crescendo as suspeitas más. E eu senti-me confrangido e magoado... Ha muito aqui quem o saiba (*apoiados*); a muitos dos meus amigos disse e affirmei (appello para o seu testemunho) que não partilhava taes suspeitas (*muitos apoiados.*) Folgo em ver a atmosphera clara e limpa como ella hoje se apresenta para todos, como sempre se apresentou para mim. (*Apoiados—Vozes*: Muito bem.) Não tinha tenção de entrar no debate, mas agradeço a provocação que

se fez, porque o coração me chamava para elle. Mas que podia eu dizer? Que estava convencido de que o sr. ministro da fazenda estava puro? Sim, era essa a minha vontade, era um grito da consciencia que queria escapar-se dos labios. Mas o meu acto espontaneo podia ser mal interpretado. Sem documentos, sem provas n'uma questão de boa fé, mais que o testemunho da minha consciencia, eu não podia dar senão um attestado de probidade ao sr. ministro da fazenda: mas taes attestados não se dão, nem eu queria, que alguem menos bem intencionado, podesse inferir que o sr. ministro da fazenda precisava d'elles. *(Apoiados.)* Não precisava; a consciencia do sr. ministro dizia-lhe que a sua honra estava illibada, como a de outros que injustamente foram aggredidos n'esse melindroso terreno *(muitos apoiados.)*»

Depois de haver ferido a calumnia no rosto hediondo com epithetos vehementes, o sr. Casal Ribeiro explicou os intuitos politicos da regeneração; intervindo no debate desviado já do seu primitivo objecto os sr. Fontes de Mello e Martens Ferrão; os quaes encareceram a excellencia da constituição do seu partido politico, onde se acceitava com a [illegible]*mpleta reserva* das questões politicas o concurso

dos homens de todas as parcialidades, para collaborarem nas questões administrativas e economicas.

O principio era excellente; se a regeneração não se tivesse encarregado todos os dias com notavel irreflexão de o inutilisar, e o que é peior, tornal-o suspeito, emparceirando-se em graves assumptos ao lado dos mais tenazes conservadores; renegando assim as tradições honrosas que a influencia e o predominio de José Estevão e de muitos progressistas lhe tinham alcançado principalmente na primeira epoca do seu governo.

É preciso confessar, que no seu segundo ministerio, afóra as reformas tributarias do sr. Casal Ribeiro e a feitura do caminho de ferro do norte e prolongação do de leste promovidas pelo sr. Antonio de Serpa, a regeneração mostrou-se desamparada dos anteriores estimulos, e fallida da iniciativa organisadora de 1852.

Os bons Homeros da regeneração dormitaram: pena foi que o fizessem antes de haverem, como lhes cumpria, proseguido com a Iliada administrativa, a que o sr. Fontes, no segundo ministerio, não acrescentou uma só pagina depois de Rodrigo da Fonseca Magalhães!

Não lhe sorrindo a estrella politica, como nos au-

reos tempos da regeneração, o ministro do reino parecia condemnado a annunciar reformas, e a não as realisar nunca!

O contrato do tabaco resistiu sempre aos editos estrepitosos de extincção proxima, gerindo o sr. Fontes a pasta da fazenda durante cinco annos.

Os passaportes, cuja abolição foi proposta pelo sr. Fontes, quando ministro do reino, esses mesmos permaneceram intemeratos. Onde estavam os vestigios sequer da antiga energia? Desapparecera a audacia, mas rebentára com brava espontaneidade a jactancia de a possuir.

O orador popular, longe de isentar-se da responsabilidade dos actos administrativos da regeneração, aceitou-a mais uma vez. É assim que procedem os homens de crenças energicas, incapazes de repudiarem seus precedentes com indigna covardia.

Mas d'essa paz, sempre e a proposito de tudo invocada, poderia logica e racionavelmente concluir-se que os partidos politicos haviam expirado, envoltos todos no sudario da regeneração? Essa syncope politica dos ultimos annos seria porventura, como alguns acreditavam, a agonia extrema do espirito de partido?

[redacted] era patente a todos os olhos, que no centro

da regeneração se alimentava o fogo, cada vez mais latente, de um certo mysticismo sombrio, de um neo-catholicismo intolerante e zebrado de rancor contra as conquistas democraticas? Em breve a discussão sobre a lei do ensino aclarou as duvidas, rasgando o véo das illusões.

Não tentamos reproduzir esta larga e substanciosa controversia, não menos importante pelas doutrinas que se oppugnaram, esmaltadas — nos discursos dos mais notaveis oradores — de todas as pompas da eloquencia, do que preciosa pela revelação, já insophismavel, das tendencias, das mutações operadas, das allianças contrahidas.

Era evidente, que em alguns se effectuara a mais radical transformação — talvez fructo do tempo e do convencimento —; mas que, por isso, não deixava de ser a antithese das antigas doutrinas, a negação dos velhos programmas, a ruptura dos tradicionaes compromissos que haviam congregado certos homens em redor das bandeiras da regeneração, durante alguns annos desfraldadas ao vento da liberdade forte e democratica.

Fallava-se agora mais de associação monastica, e menos de associação artistica, industrial e politica. Não se tolerava a sociedade patriotica, mas fazia-se

a apologia das ordens religiosas. Tremia-se de susto pelo edificio social; presentiam-se vulcões e estremecimentos, quando se discutia a hereditariedade do pariato; affirmava-se que a extincção d'ella era a ruina eminente da realeza constitucional!

Appellou-se até para o catholicismo, que se quiz desenhar ameaçado pelos novos Lutheros e Calvinos, cuja unica heresia era contrariar o curso de uma politica que, se triumphasse, poderia fazer recuar a sociedade ao fanatismo sombrio e povoado de terrores de Filippe II.

A regeneração parecia esconder envergonhada o alvião, insignia honrosa da sua primitiva administração, e comprazia-se em envergar a sobrepelliz dos ostiarios, ostentando os bentinhos com a seraphica devoção de Luiz XI.

O paletó prosaico de empreiteiro de caminhos de ferro trocára-o ella pela farda de peão-fidalgo.

Abandonára as officinas, seu antigo enlevo, pelos salões palacianos, exhibindo vaidosa o *talon-rouge* nos minuetes de côrte com a mestria de uma duqueza da regencia; e resgatando-se d'estas frivolas mundanidades, cingia os rins com cilicios, em austera penitencia e sob a cugulla de monja, como a infeliz Lavallière.

José Estevão foi n'este memoravel debate o campeão esforçado da liberdade viril e sincera, conquistada por elle e pelos seus camaradas—soldados illustres do imperador. O grande orador prestára o mais momentoso serviço á causa liberal sempre minada pelas toupeiras de sacristia, e ao partido progressista, cuja ausencia do poder, em tão grave conjunctura e em presença de tal allucinação de doutrinas, seria de certo a alvorada da reacção ordeira e beata:—a mais deleteria e perigosa de todas,—seduzindo pela simulada mansidão, e desarmando os adversarios com a devota compostura de Tartufo—o typo repugnante da torpeza e da hypocrisia.

As raras individualidades que ainda adheriam á regeneração pelos vinculos da lealdade partidaria, estavam fatalmente compellidas a abandonarem-na sem saudades.

Addiada a camara, depois de haver sido eleita a commissão incumbida de examinar o projecto de lei do governo sobre as congregações religiosas; abriu-se pouco tempo depois, para do alto da tribuna se fazer a apologia da influencia clerical sobre a educação e o ensino da nova geração.

A fracção devota ardia em ancias de reptar em discussão solemne, em batalha campal o grande par-

tido liberal, cioso das tradições e da independencia do poder civil. Animavam essa fracção alguns corrilhos esperançados em servir-se do partido aristocratico como de facil degrau para treparem ás eminencias do poder.

Ensaiava-se, pois, nas mais tempestuosas regiões, a comedia do *diabo feito ermitão;* e não tardaria que o partido liberal e o paiz assobiassem a comedia, pateando clamorosos os actores.

Emquanto se approximava esta representação, duplamente attractiva pelo apparato theatral e pelo significado politico, os ministros aproveitavam as curtas ferias parlamentares em elaborar providencias, algumas das quaes já estão traduzidas em leis do estado. Apesar de batidos pelas tempestades, os ministros affrontavam-se resolutos com ellas, e respondiam á celeuma das paixões com a serena coragem de seus actos.

VI

As turbações da ordem publica preludiaram as lutas da tribuna. Abertas as camaras em 23 d'abril, d'ahi a 3 dias rebentava um motim em Povoa de

Lanhoso, d'onde os amotinados em numero de 300, pela maior parte camponezes, partiram pouco depois para Guimarães, penetrando n'aquella cidade, alguns armados, e invadindo tumultuariamente as repartições de fazenda. A occasional origem, ou antes, especioso pretexto d'estes tumultos, foi a severidade usada pelos exactores publicos na cobrança dos impostos.

Trazido este incidente á camara dos deputados, alguns membros da opposição mal puderam dissimular os impetos da paixão politica; intentando, sob expressões mais ou menos transparentes, explorar aquelles acontecimentos reprehensiveis, filiando-os na impopularidade da situação e no desgosto publico.

Ao sr. Fontes de Mello, cujo caracter e tradições o afastam das agitações desordenadas da praça publica e do vozear tumultuoso da insurreição, escaparam algumas phrases que não seria difficil, no ardor da occasião, tomar á conta de combustiveis para o incendio popular, tão prompto em alimentar-se com as centelhas inflammadas da tribuna. O sr. Fontes quiz ver nos motins do Minho mais do que as repugnancias dos contribuintes ruraes; decifrando n'elles a explosão das animadversões do

paiz contra uma situação, que o ex-ministro appellidou de anormal e infractora de todos os preceitos constitucionaes na origem e formação do gabinete.

Taes palavras pronunciadas no momento em que a ordem publica padecia graves alterações, pareciam mais incitamento do que reprovação.

Ao mesmo tempo, a imprensa de Lisboa, inspirada pelos homens mais importantes do gremio opposicionista, arremettia contra os ministros, espumando coleras e estillando insinuações venenosas a respeito da probidade pessoal d'alguns d'elles.

Agitando n'uma das mãos o facho da exaltação devota e justificando com hypocrita reserva as reluctancias dos amotinados; essa imprensa, no seu delirio d'aggredir, não hesitou em apodar de *parvenus* os novos ministros, cujos nomes ella não achava inscriptos no livro de ouro do patriciado ministerial.

Apesar de merecer mais piedade do que indignação, o epitheto de *parvenus* arremessado como injuria ao rosto dos novos ministros por um jornal—outr'ora democratico—foi em pleno parlamento commentado por José Estevão em phrases repassadas de nobre colera; porque não as inspirava o culto pessoal dos ministros, mas a religião dos prin[illegible]rnecidos com cynica indifferença.

«Nós chegámos a um tempo, exclamava o orador, em que os jornaes livres quizeram fazer pécha aos homens que a corôa chamou aos seus conselhos; e chamaram-lhes *parvenus!*

«Foi escandaloso, principalmente saido da penna de que saiu, e escripto no jornal em que se escreveu. Não sei como os typos se não levantaram, e recusando-se á impressão não disseram: — ha vinte e tantos annos que estamos ao serviço de outras idéas— por verem que iam imprimir uma blasphemia, uma vilania, não digo escripta com a penna d'um *parvenu*, mas com a auctorisação de chapados *parvenus* que são todos os que chegam a esta assembléa com talento, com dedicação pelo serviço publico e qualidades pessoaes recommendaveis; sem que comtudo ninguem lhes dê tal nome.

«O que eu quero é que cheguem todos. Estes chegaram agora, outros já chegaram ha tempos, e hão de chegar ainda mais.»

Foi sob estes auspicios, onde não era difficil enxergar o prologo da revolta ensanguentada de Braga, e vertendo a imprensa da opposição suspeitas e negras calumnias sobre a orthodoxia catholica dos ministros, que se abriu a discussão do projecto do governo, em que se prohibia a existencia de congre-

gações religiosas de um e outro sexo, e se retirava á influencia das mesmas congregações toda a intervenção no ensino e educação da mocidade, unico meio decisivo de refrear o impeto das crescentes e cada vez mais audazes invasões do espirito clerical na esphera civil, attentatorias dos direitos do estado.

O governo, nascido da maioria, mantinha-se, com esta proposta, fiel ás duas votações quasi unanimes da mesma camara, nas quaes ella fizera profissão de crenças, — explicita e insophismavel — sobre este assumpto de tanto vulto e de tão graves consequencias para o destino intellectual e moral da juventude portugueza.

A maioria da commissão fôra hostil ao projecto do governo, e consignára as suas opiniões em um extenso relatorio, onde não faltava o habil consorcio de opiniões oppostas, nem as graças litterarias do estylo.

A commissão, no proposito de lisongear os partidarios da secularisação do ensino, e ao mesmo tempo de não desservir a causa dos sectarios ardentes da educação clerical; e imbuida na leitura d'um trabalho notavel do sr. Rendu sobre o estado de instrucção na Alemanha, preoccupara-se excessivamente com perigos não existentes entre nós, que

o eminente escriptor, dominado por tendencias conservadoras, exaggerára, vendo completa dissolução de crenças no paiz que preparou o terreno sobre o qual se fundou *a alliança evangelica*, associação europea cujo intuito é unir n'uma especie de federação todas as communhões divergentes.

Quem ignora, que a escola alemã, a quem a Europa deve, em grande parte, tudo quanto ha original na poesia e na philosophia modernas, tende com visiveis esforços a approximar as differentes seitas, no seio das quaes semeára Calvino a dissenção, levado d'intuitos menos largos e dominado por instinctos exclusivistas?...

E, comtudo, foi ante o espectaculo da Alemanha, ante o seu devastador *racionalismo*, que a commissão recuou espavorida, tremendo que no torrão nacional vecejasse o *nihilismo* de Bruno Bauer e de Feuerbach! Vãos terrores, approximações ociosas, por não subsistirem entre nós causas sérias que os alimentem e legitimem!

Apavoraram-se os membros da commissão com a propaganda racionalista, que elles definiram «o desvario do orgulho humano», acrescentando que «após o racionalismo vem o materialismo que é a degradação da especie.»

Para estes phantasmas e perigos que ninguem via, toda a severidade: para as tentativas manifestas do partido clerical; para a sua resistencia declarada ás resoluções do poder civil; para as calumnias lançadas do alto da cadeira sagrada, e emanadas dos paços episcopaes contra as tendencias da liberdade e da civilisação moderna, toda a complacencia e docilidade!

Ha phrases calculadas para o terror moral, como as visagens pintadas que os chinas ostentam na guerra para amedrontar os inimigos. O racionalismo germanico é uma d'essas phrases; e, para sermos justos, não devemos occultar que a escola theologica tem pretendido calumniar as intenções de muitos pensadores, como, em tempos que já vão mais distantes de nós, se quiz deturpar a significação do *livre exame*, applicado na esphera religiosa.

O livre exame, envocado pelos sectarios da reforma no seculo XVI, envolvia mais a idéa de um dever para com Deus do que a de um direito individual.

O pensamento dominante dos reformadores era arrancar os christãos da dictadura do padre, para o collocar directamente sob a auctoridade da Biblia. *Os concilios* e o papado não se accordavam com a

mais rigorosa exacção, ácerca da palavra divina; era pois em favor de Deus, que os reformadores reivindicavam a liberdade d'elle se fazer escutar. Garantindo a cada um o direito de professar a crença, que lhe aprouvesse, «os propugnadores da reforma, diz o sr. Milsand, pedindo o livre exame ou a *Biblia* para *todos*, tinham plena confiança em fundar assim a unidade de crença, o triumpho universal da doutrina, que elles reputavam a unica interpretação verdadeira da Escriptura.»

Não queremos amnistiar perante a orthodoxia muitas theorias religiosas, professadas pelos sectarios da reforma; mas a imparcialidade ordena, que não reconheçamos no protestantismo nascente as sinistras intenções que lhes foram attribuidas a proposito de consagrarem o livre exame como principio fundamental.

O veterano da diplomacia prussiana, ministro em Roma mais de vinte annos, embaixador em Londres mais de quinze, notavel principalmente pelos seus trabalhos de antiquario e de historiador, o sr. Bunsen pergunta com desdem:

«Quem póde imaginar que se ha de curar a miseria do nosso tempo e levantar-se o christianismo do abatimento, redobrando de severidade para for-

çar os povos e os individuos a fazerem tudo o que o clero tem decretado, com a promessa do céo para os que o fizerem, e ameaçando com o inferno aos que o não fizerem?»

O racionalismo, como o entendem os espiritos elevados, avigorando a independencia da razão, despertando a actividade do pensamento, não acarreta após si o materialismo, degradação da especie. Pelo contrario, affirma o christianismo, e vê na santidade d'elle a maxima fé, acreditando na razão: «Suppôr que a razão é hostil ao christianismo, diz um escriptor contemporaneo, é não ter fé, é negar que elle seja a verdade; pois que, *se elle é verdadeiro*, não póde ser contrario á razão.»

E não pensem que glorificamos o racionalismo: explicamol-o, sem negar a existencia de desvarios solitarios, que vão além dos dominios racionaveis d'elle; como as exaggerações do ultramontanismo desnaturam e corrompem a natural pureza da fé catholica, compromettendo os interesses da egreja, ameçando as conquistas da philosophia e da liberdade, fundamentos indestructiveis da immortal religião de Jesu-Christo.

Mas porque não tremeu dos desvairos do ultramontanismo e os não censurou a commissão, e ape-

nas se confrageu de medo diante do *nihilismo* de Feuerbach e das escolas *hegeliannas*, que os nossos *espiritos-fortes*, por muito ignorantes, desconhecem?

Valia bem a pena de evocar estes espantalhos, que ainda nenhuns olhos tinham enxergado nas searas do catholicismo nacional, onde o bom trigo da sã tradição e pura doutrina esteve sempre estremado do joio mau da impiedade e atheismo!

A liberdade do ensino é o ideal supremo da escola liberal, desenvolvidas e parallelas com essa liberdade todas as outras que podem e devem coexistir na associação humana, taes como a liberdade de industria, de commercio, de transito, de pensamento, de consciencia, de cultos.

Estas liberdades são limitadas pelo interesse e segurança do estado, que presta auxilio e protecção a cada uma das espheras da actividade social.

Pois a liberdade de commercio não será uma consequencia rigorosa da liberdade politica? Para que, pois, as alfandegas e as pautas, e tantas outras restricções á livre permutação dos fructos do trabalho humano? E apesar d'isso, não as sanccionam as conveniencias do estado, limite d'essas liberdades, que, em principio, não podem deixar de ser absolutas?

Pois não será a liberdade de transito um corol-

lario impreterivel da liberdade politica? E, a despeito d'isso, as portagens nas estradas e nas pontes, que nós legalisamos, não serão outros tantos impeços á plenitude d'essa liberdade indisputavel?

Pois a liberdade dos cultos será menos inviolavel e augusta do que a liberdade de commercio e de industria? E comtudo não se lhe oppoem entre nós a religião dominante do estado, poderosa objecção áquella liberdade, já reconhecida e consagrada pela legislação politica de nações estranhas?

A liberdade de ensino pertence á cathegoria das liberdades humanas, cujas unicas limitações são determinadas pelos grandes interesses e conveniencias sociaes.

Investir a todos, seculares e membros de congregações religiosas, na missão do ensino; eis a verdade theorica e especulativa.

Limitar essa liberdade no intuito de subtrahir a influencias damnosas a geração nova e destruir pelos fundamentos a reacção clerical, que não contente com a doutrinação da cadeira sagrada, no recinto do templo, anceia imprimir sobre o espirito da juventude o cunho de uma theocracia ambiciosa e dominadora; eis a necessidade social, o dever dos *governos* prudentes e esclarecidos.

Os governos tem de respeitar conjunctamente os principios e as necessidades sociaes, inspirando-se do tempo em que governam, medindo a responsabilidade dos actos pelas circumstancias peculiares á sociedade a cujos destinos presidem.

Acaso a liberdade de associação, na maxima largueza, não é uma magestosa expressão da liberdade humana?

Permitte-a acaso o nosso codigo, recebem-n'a como dogma pratico as nações, modelos de instituições robustas, e vivificadas pela seiva da liberdade?

É ella, porventura, lei predominante em Inglaterra, onde os *meetings* são regulados pelos actos do parlamento de 1817?

A França constitucional de Luiz Filippe, a França democratica de 1848, consagraram porventura na legislação politica esse grandioso principio, que é ao mesmo tempo uma das vergonteas que a arvore da liberdade, na sua espontanea florescencia, braceja para toda a humanidade?

É bem conhecido de todos o judicioso trecho do sr. Guizot pronunciado na camara franceza em 1834.

«Tempo virá, espero-o, dizia o profundo pensa-

dor, em que a liberdade ampla da associação possa ser uma realidade, e que será conservada como uma nova conquista do principio de liberdade; mas emquanto esse facto se não dá, é necessario que a lei seja executada e que seja efficaz.»

Mas de facto, os oradores da opposição, como o sr. Beirão, deputado legitimista, que abriu a discussão contra o projecto, o sr. Casal Ribeiro e o sr. Fontes, cuja discreta reserva e sobria argumentação fizeram notavel confronto com as expansões imprudentes e attribiliarias dos seus correligionarios; os membros da opposição, diremos, não combatiam pela liberdade de ensino, invocavam-na apenas como um rotulo sympathico.

Não era ella, porém, mas o monopolio do ensino nas mãos do clero, quem podia triumphar nos esforços dos pelejadores parlamentares.

Á influencia do clero pela supremacia religiosa, á autocracia exercida sobre as consciencias, ao consideravel poderio estribado na rigorosa hierarchia que prende todos os soldados da milicia ecclesiastica ao Pontifice pelos vinculos da mais submissa obediencia e pelo terror das armas espirituaes, accrescentar, em favor dos membros das congregações religiosas, a dominação dos espiritos juvenis pelo

ensino, seria a mais leviana e damnosa de todas as liberalidades.

Entornal-a, da cornucopia governativa, quando entre nós uma congregação esquecida da humildade e resignação impostas em preceito por seu piedoso instituidor acabava de levantar a cabeça, arrogante, insolente, e pretendendo assoberbar com sua rebellião o poder civil, não seria mero erro, mas grave crime de inepcia, sem expiação possivel para o governo, que o commettesse.

Havia largo tempo, que a capital não acompanhava com tão vivo interesse os incidentes de uma discussão parlamentar. Reviviam as lutas da tribuna, mais eloquentes, mas não menos agitadas, do que a curiosidade e o sentimento populares.

Discutia-se com ardor em todos os circulos a questão das commupidades religiosas e do ensino.

As classes que vivem da honrosa remuneração do trabalho, os artistas, os commerciantes, e a alta burguezia viam com olhos sympathicos o projecto de lei, do governo, e applaudiam a coragem com que desafára as difficuldades, e arrostára as coleras das sacristias.

Em alguns salões, eriçados de indecisos cambiantes devoto-reaccionarios, os conservadores e fanati-

cos exhalavam o seu descontentamento, como é natural.

Renascia contra o ministerio a mesma guerra que os devotos, ha um seculo, haviam movido em França ao duque de Choiseul, pela energica resistencia contra os jesuitas, triumphando, a final, a galante Du-Barry na habil intriga tramada contra o ministro de Luiz xv, a ponto de o expulsar do ruidoso Versalhes na solidão de Chanteloup.

Mais feliz do que elle, o ministerio progressista não era condemnado ao exilio, nem sequer afastado do poder, onde permaneceu tranquillo e mais radicado na sympathia e na confiança publica com o triumpho parlamentar tanto mais brilhante, quanto havia sido esforçadamente disputado.

Por parte da opposição combateu-se, é mister confessal-o, com desesperada coragem. Ella antevira que, perdida a victoria, ficariam indefinidamente adiadas as probabilidades de conquistar o poder. Se na região dos factos não lhe sorriu benigna a fortuna politica, na esphera moral subiram de ponto os seus desastres, porque perdeu a opinião publica, cimento indestructivel das opposições e dos partidos.

Dos oradores que oppugnavam o governo, nenhum

se elevou tão alto, desferindo vôos arrojados e felizes, como o sr. Cazal Ribeiro, cujos discursos sob o aspecto litterario mantiveram o lustre da tribuna.

No fundo, porém, contemplava-se constante apartamento das idéas mantidas como religioso deposito de tradições pelo velho partido liberal, estranhamente surprehendido com o estylo ascetico de que abusára inopportunamente na apologia do monachismo o correcto orador, chefe da opposição.

Nesta discussão deu o sr. Fontes solido documento de prudencia politica; e o seu liberalismo mostrou-se digno das tradições do seu antigo inspirador, de Rodrigo da Fonseca Magalhães, cujo espirito, não se espraiando pelos horisontes mais vastos das innovações e das reformas audaciosas, jamais vacillara na defensão sincera das conquistas da revolução liberal, mantendo-as e zelando-as sempre contra as surrateiras machinações dos Catilinas tonsurados.

A regeneração, porém, arrependida do antigo culto dos interesses materiaes, forcejava por ostentar-se devota e mystica.

Tinham-lhe dito, que ella — athea e utilitaria — não curava senão de devorar a grossura da terra, deslembrada das serenas delicias da alma a embe-

cos exhalavam o seu descontentamento, como é natural.

Renascia contra o ministerio a mesma guerra que os devotos, ha um seculo, haviam movido em França ao duque de Choiseul, pela energica resistencia contra os jesuitas, triumphando, a final, a galante Du-Barry na habil intriga tramada contra o ministro de Luiz xv, a ponto de o expulsar do ruidoso Versalhes na solidão de Chanteloup.

Mais feliz do que elle, o ministerio progressista não era condemnado ao exilio, nem sequer afastado do poder, onde permaneceu tranquillo e mais radicado na sympathia e na confiança publica com o triumpho parlamentar tanto mais brilhante, quanto havia sido esforçadamente disputado.

Por parte da opposição combateu-se, é mister confessal-o, com desesperada coragem. Ella antevira que, perdida a victoria, ficariam indefinidamente adiadas as probabilidades de conquistar o poder. Se na região dos factos não lhe sorriu benigna a fortuna politica, na esphera moral subiram de ponto os seus desastres, porque perdeu a opinião publica, cimento indestructivel das opposições e dos partidos.

Dos oradores que oppugnavam o governo, nenhum

se elevou tão alto, desferindo vôos arrojados e felizes, como o sr. Cazal Ribeiro, cujos discursos sob o aspecto litterario mantiveram o lustre da tribuna.

No fundo, porém, contemplava-se constante apartamento das idéas mantidas como religioso deposito de tradições pelo velho partido liberal, estranhamente surprehendido com o estylo ascetico de que abusára inopportunamente na apologia do monachismo o correcto orador, chefe da opposição.

Nesta discussão deu o sr. Fontes solido documento de prudencia politica; e o seu liberalismo mostrou-se digno das tradições do seu antigo inspirador, de Rodrigo da Fonseca Magalhães, cujo espirito, não se espraiando pelos horisontes mais vastos das innovações e das reformas audaciosas, jamais vacillara na defensão sincera das conquistas da revolução liberal, mantendo-as e zelando-as sempre contra as surrateiras machinações dos Catilinas tonsurados.

A regeneração, porém, arrependida do antigo culto dos interesses materiaes, forcejava por ostentar-se devota e mystica.

Tinham-lhe dito, que ella — athea e utilitaria — não curava senão de devorar a grossura da terra, deslembrada das serenas delicias da alma a embe-

cos exhalavam o seu descontentamento, como é natural.

Renascia contra o ministerio a mesma guerra que os devotos, ha um seculo, haviam movido em França ao duque de Choiseul, pela energica resistencia contra os jesuitas, triumphando, a final, a galante Du-Barry na habil intriga tramada contra o ministro de Luiz XV, a ponto de o expulsar do ruidoso Versalhes na solidão de Chanteloup.

Mais feliz do que elle, o ministerio progressista não era condemnado ao exilio, nem sequer afastado do poder, onde permaneceu tranquillo e mais radicado na sympathia e na confiança publica com o triumpho parlamentar tanto mais brilhante, quanto havia sido esforçadamente disputado.

Por parte da opposição combateu-se, é mister confessal-o, com desesperada coragem. Ella antevira que, perdida a victoria, ficariam indefinidamente adiadas as probabilidades de conquistar o poder. Se na região dos factos não lhe sorriu benigna a fortuna politica, na esphera moral subiram de ponto os seus desastres, porque perdeu a opinião publica, cimento indestructivel das opposições e dos partidos.

Dos oradores que oppugnavam o governo, nenhum

se elevou tão alto, desferindo vôos arrojados e felizes, como o sr. Cazal Ribeiro, cujos discursos sob o aspecto litterario mantiveram o lustre da tribuna.

No fundo, porém, contemplava-se constante apartamento das idéas mantidas como religioso deposito de tradições pelo velho partido liberal, estranhamente surprehendido com o estylo ascetico de que abusára inopportunamente na apologia do monachismo o correcto orador, chefe da opposição.

Nesta discussão deu o sr. Fontes solido documento de prudencia politica; e o seu liberalismo mostrou-se digno das tradições do seu antigo inspirador, de Rodrigo da Fonseca Magalhães, cujo espirito, não se espraiando pelos horisontes mais vastos das innovações e das reformas audaciosas, jamais vacillara na defensão sincera das conquistas da revolução liberal, mantendo-as e zelando-as sempre contra as surrateiras machinações dos Catilinas tonsurados.

A regeneração, porém, arrependida do antigo culto dos interesses materiaes, forcejava por ostentar-se devota e mystica.

Tinham-lhe dito, que ella — athea e utilitaria — não curava senão de devorar a grossura da terra, deslembrada das serenas delicias da alma a embe-

triumphaes a fronte do vigoroso athleta, que aquella voz portentosa expiraria para as glorias da tribuna dentro de tão breve espaço, e que o sol explendido da mais deslumbradora eloquencia tocaria tão rapido o seu occaso, afundindo-se no melancholico crepusculo dos tumultos!

VII

Com a approvação da importante lei do ensino, que arredava das funcções pedagogicas as irmãs de caridade nos diversos asylos de beneficencia, dirigidos por senhoras piedosas e de extremada virtude, demittiram-se do encargo de reger os beneficos institutos aquellas virtuosas e caritativas damas, entre ellas uma augusta personagem, Sua Magestade a Imperatriz viuva.

Hoje que estamos a maior distancia dos acontecimentos, e que não respiramos a atmosphera das inflammadas paixões do momento, se não podemos absolver inteiramente o ardor, de certo menos sereno, com que tantas e tão acatadas senhoras, benemeritas dos desvalidos, significaram o desgosto

profundo de que estavam dominadas, abandonando a puericia por ellas confiada á direcção intellectual e moral das irmãs de caridade, manda a voz intima da consciencia que não tomemos á conta de proposito calculado o que foi impeto impensado e instantaneo, e amargo resentimento exacerbado talvez pela violencia das aggressões.

Aquellas damas tinham inabalavel convencimento da proficuidade do ensino e da excellencia dos methodos pedagogicos das irmãs de caridade. Era um erro, uma obcecação, que provas posteriores evidenciaram.

Arrancadas do ensino as irmãs de caridade, as virtuosas directoras dos asylos viam arrebatarem-lhes o objecto das suas mais ferventes preoccupações e de suas mais ameigadas esperanças.

Um só expediente, na improvisação escandecida do momento, se lhes deparou: abdicar da superintendencia dos estabelecimentos de beneficencia, como um protesto de exaspero contra os poderes publicos, que as contrariavam na mais intima de suas predilecções.

Se o abrir mão, abruptamente, da tutella carinhosa de innocentinhos confiados á caridade tantas vezes provada, e ao amor christão de tão distinctas senhoras

não póde ser defendido por nós, não hesitamos em acreditar, que antes uma explosão de desgosto, do que um calculo de vingança determinou a resolução, que por todas as razões fôra mais prudente haver reprimido, afim de não dar alimento a suspeitas injustas, que não podem ferir senhoras, cuja abnegação e caridade são proverbiaes, e que teem, nas proprias obras, levantado perduraveis monumentos de sua virtude e piedade.

Então presenciou-se um espectaculo sublime, e que bastaria para fazer o panegyrico das virtuosas prendas que adornam o caracter moral da nação portugueza. De todas as classes sociaes, desde as mais humildes até as mais elevadas, brotaram espontaneos e quantiosos donativos, com que todos os dias se opulentava o fundo de soccorros destinado a manter a infancia desvalida dos asylos dirigidos pelas irmãs de caridade, á qual ainda não tem escaceado até hoje o espontaneo valimento da caridade privada, dos soccorros publicos, e a solicitude do governo, protector natural e supremo dos institutos de beneficencia.

Poucos dias depois os vestigios d'esta accesa lucta de apprehensões sinceras e de despeitos malferidos apagavam-se na esteira do transporte fran-

cez *Orenoque*, o qual conduzia a seu bordo para França as irmãs de caridade, cujas toucas apenas vivem na lembrança, por serem extremamente desgraciosas.

Não obstante as qualidades pessoaes d'ellas, que não contestamos, a verdade é que tinham despertado as susceptibilidades femininas, menos em alguns dos limitados circulos da sociedade aristocratica, e incorrido na antipathia popular, sendo para nós de fé, que as irmãs de caridade eram então mais aborrecidas do que os escrivães de fazenda.

Estes probos funccionarios n'aquelle tempo foram vivo objecto de repugnancias, e as infelizes victimas, em quem os povos puniam as demasiadas, e até certo ponto, incompativeis attribuições de que haviam sido investidos pela reforma tributaria do sr. Casal Ribeiro. Andavam a monte os pobres homens, perseguidos pelo povo, rebelado contra os inoffensivos Cerbéros das contribuições. Nas feiras publicas ouvia-se frequentemente gritar: — abaixo o escrivão de fazenda! — e não raro se levantavam tumultos forçando os Verres involuntarios a levantar a tenda da cobrança, fazendo de burocratas sedentarios uns verdadeiros Ashaverus fiscaes. Pobre escrivão de fazenda! da remansada chanternidade

de tua fallaz escrevaninha, só brotaram para ti, perigos, aventuras e terrores! Não blasphemes, ó escrivão, se os fados te propiciaram tão adversamente o teu destino de exactor; se nas dramaticas, e algumas vezes, tragicas catastrophes que se desataram sob teus pés, imitaste a sorte aventureira do capitão dos argivos; e, sem o querer, ias sendo o plagiario do erradio esposo de Penelope, não contadas as tuas aventuras por Homero ao sol da Achaia, mas gravadas dolorosamente na tua pelle, em mortifero rhytmo de polvora e bala, declamado pelas espingardas e clavinas minhotas e transmontanas, que são os rapsodes d'esta especie de Odysseas.

Desventurado escrivão! Mofina estrella luziu sobre o teu céo fiscal, obrigando-te a conduzires as matrizes—os teus penates!—do ermo para o povoado; ficando tu para cumulo de desgraça, menos exposto ás alimarias que vagueiam pelas solidões do que ás muito maiores e mais ferozes alimarias das villas e cidades.

Bode expiatorio da reforma tributaria, a final triumphaste, fluctuando a tua escrevaninha sobre as vagas entumecidas da colera popular, como a arca sobre as aguas do diluvio. Parabens ó escrivão!

VIII

É curioso o espectaculo das camaras legislativas nos ultimos dias de sessão. O bulicio e o ruido, assimilham a camara ao ruidoso precinto da *Bolsa*, ou ao tumultario concilio ecumenico de corretores, agentes, e *tutti quanti* do britannico *Stock-exchange*.

Os deputados apinham-se em redor da mesa da presidencia, pretorio ante o qual allegam direitos de preferencia e ancianidade as impertinentes e teimosas pretenções particulares que, nas rapidas horas da agonia parlamentar, reduzem a missão de legisladores ás modestas proporções da judicatura civil, convertem as orações politicas em arrasoados de advogado, e o parlamento n'uma vulgar audiencia.

É para ver como cada um moureja pelos corredores e coxias da camara, atropellando os collegas, sulcando as vagas revoltas com o braço erguido, em cujo topo fluctuam os projectos predilectos,— Lusiadas prosaicas, que os Camões parlamentares n'aquelle naufragio da ordem, lidam por aproar, em feliz singradura, ás praias hospitaleiras da presidencia.

Em frente da mesa dos tachigraphos e na coxia central, boqueirão da mugidora caverna, é onde as vagas tumultuosas refervem, precipitando-se em infernal cachoeira.

Todos pedem a palavra a um tempo, com grande desafinação de sons, e martyrio indisivel dos ouvidos, exactamente como succede com os *cheios* em S. Carlos, onde não é raro desposarem-se em casamento *morganatico* a voz argentina de Mongini com os uivos constipados de Bruni, desvalido da harmonia, mas um verdadeiro Rotschild... em *notas falsas.*

O presidente severo e digno—*Sacerdos magnus secundum ordinem Melchisedech*—debalde recommenda silencio, e agita a campainha. As vagas da assembléa não cançam de collear irrequietas; a tempestade cresce, e avisinha-se, porque—oh fatalidade! —destamparam-se de todo os odres dos Eólos legislativos.

Um agita convulsamente a lista das pensões que deseja preferidas na discussão; outro florêa um projecto que auctorisa uma camara a contrahir emprestimo para fazer uma ponte; outro não cessa de desenrolar os estatutos de um monte-pio, unico mas sacrosanto sudario de suas fadigas parlamentares: «*Eu e o meu* projecto de estatutos» brada ufano.

Achilles tambem exclamava: «*Patroclo e eu!*» Os heroes copiam-se nas phrases, sem mesmo o suspeitarem.

Alaga e assoberba tudo no curso impetuoso a corrente de *projectinhos*, como se diz em desdenhoso diminutivo inventado pela *giria* parlamentar.

As economias, o mote dos spartanos da camara, são proscriptas d'esta Aganipe, como musas importunas e indignas de se lhes render culto.

É assim que vereis aferventados em avolumar o já crescido cumulo dos gastos do estado muitos dos andadores das economias, e dos curandeiros emeritos, cuja sciencia financeira consiste na material e cirurgica amputação de quaesquer verbas do orçamento que elles appellidam de chagas cancrosas. Mas as opposições clamam que nunca no seu tempo se representaram taes saturnaes, e velam as faces de simulado pudor, reservando-se a esperança de por seu turno fazerem com a propria camara que censuram, o que os antigos faziam com os manuscriptos, apagando-lhes os caracteres, para sobre elles cópiar outros, que são a repetição do texto obliterado; isto é, escreverem com o parlamento um palimpsesto politico.

Se o fim da sessão de 1862 não foi assignalado

pela habitual celeuma de todos os annos, em que, não por preterir as formulas legaes e violar as do decoro, mas com o desejo de aproveitar o tempo ás vezes malbaratado em incidentes e questiunculas, a camara lida por desbastar o acervo de negocios, de que estão atulhadas as commissões; não póde dizer-se, que não se proveu de remedio a instantes necessidades administrativas e fiscaes.

Installados recentemente no poder os ministros, numerosas providencias appareceram elaboradas durante o breve adiamento da camara, lisongeiro prenuncio de vigorosa e ininterrupta iniciativa, não só nos emprehendimentos de maior vulto, senão que na hierarchia mais modesta, mas utilissima de trabalhos parlamentares. São estes, bem o sabemos, a vida quotidiana e caseira dos governos; mas da reflectida elaboração d'elles, dependem, em grande parte, os meios praticos de administrar com solicitude e proficuidade os importantes interesses de muito variadas ordens, que lhes incumbe tutellar e desenvolver.

A sessão encerrou-se, sem se haver descurado uma das mais instantes necessidades da occasião, qual a de aquietar os povos, sobresaltados com a demasiada e abusiva concentração de funcções, al-

gumas incompativeis, na mesma entidade fiscal — o escrivão de fazenda—cumulativamente juiz e parte.

D'esta providencia, iniciada pelo ministro da fazenda, resultou o alliar-se a stricta severidade com que devem ser collectados os contribuintes ás indispensaveis garantias de recurso aos collectados e á conveniente segurança de não serem julgados pelo mesmo funccionario contra quem haviam reclamado, com verdadeira ou supposta justiça, das anteriores decisões.

D'este modo não só se deu condigna satisfação ás formulas e solemnidades da justiça tributaria, mas retirou-se de sobre as povoações a apprehensão cada vez mais funda a respeito dos escrivães de fazenda, reputados não agentes benevolamente inspirados na distribuição do tributo, estipendio da civilisação, mas sanguesugas insaciaveis da propriedade e legitimos haveres dos contribuintes anticipadamente condemnados á extorsão legal.

Com as providencias inspiradas d'este pensamento e da vontade de aperfeiçoar, revendo as matrizes içadas de clamorosos defeitos, restabeleceu-se a ordem nos espiritos, e rehabilitaram-se aquelles funccionarios sem minimo detrimento antes com manifesta e reciproca vantagem do fisco e dos contribuintes.

Com o encerramento das côrtes coincidiu o mais extraordinario acontecimento da historia financeira de Portugal, ao qual não hesitamos em qualificar assim, pelas circumstancias de que foi revestido. Alludimos ao emprestimo de cinco milhões de libras esterlinas, dirigido e realisado em Londres pela intervenção e esforços do ministro da fazenda.

Circumstancias independentes da vontade dos homens, mas por isso mesmo poderosas, tinham conspirado para minar a solidez do credito publico nas praças estrangeiras.

O principal mercado do mundo havia sido assaltado dos receios e desconfianças geralmente quinhoados ácerca da nossa situação financeira, menos exactamente apreciada nas praças estrangeiras.

Com o avultado emprestimo de Londres, celebrado em 26 de junho e ratificado em 2 de julho, evidenciava-se, que os receios haviam cedido o logar á confiança, dissipadas as nevoas, que entenebreciam a verdadeira situação economica do paiz.

Por cinco milhões de libras esterlinas, solicitados aos capitaes inglezes na subscripção aberta pelos banqueiros Knowles e Foster, vinte milhões esterlinos nominaes se offereceram em tres dias, animados de fé nos nossos recursos e no progressivo desen-

volvimento da nossa civilisação. O exito excedia as mais ambiciosas esperanças. Estavamos vingados dos baldões que por largos annos vilipendiaram o credito nacional nas praças estrangeiras! Acolhia-nos benigna a rainha das nações, e dignava-se celebrar comnosco um accordo tão util para os pacificos commettimentos da civilisação portugueza, como honroso para o paiz, por ser uma attestação solemne, emanada da primeira chancellaria da industria e do commercio do mundo, em abono dos nossos esforços e adiantamentos moraes, physicos, exhibidos na progressiva rede da viação ordinaria e accelerada, nos torneios industriaes aonde acabavamos de justar com galhardia, e mais do que tudo isto, nas paginas da vida politica dos ultimos annos, thermometro seguro da prosperidade e da civilisação nacionaes.

Traduziam-se as vantagens immediatas d'esta larga operação, não superiores ás que acabamos de enumerar, se bem que apreciaveis, na certeza de nos desempenharmos de anteriores compromissos para a feitura dos nossos caminhos de ferro, cuja conclusão pelo lado financeiro, ficava desde logo a cuberto de eventualidades nocivas, que o são todas as que impecem o leal e stricto cumprimento das obrigações contrahidas. Entre as conveniencias apontadas

e que por si mesmas fallam, devemos enumerar o preço do emprestimo effectuado a 44 por cento, achando-se então o dos nossos fundos a 44 1/2.

Em todo este conjuncto de auspiciosas circumstancias reconhecidas por fortes intelligencias hostis á politica do ministerio, lavraram como em fertil veio de calumnias os mineiros da honra, envenenando as intenções do ministro da fazenda a proposito de ajustes estipulados no emprestimo que na larga discussão financeira da sessão d'este anno, o sr. Lobo d'Avila evidenciou serem proficuos ao thesouro e ao estado, confundindo os impugnadores leaes e pulverisando as infamantes suspeitas da imprensa, alimentadas a proposito da reserva de quinhentas mil libras.

No relatorio dirigido ao governo, na qualidade de commissario regio na exposição universal, pelo sr. visconde de Villa-maior, um dos mais notaveis caracteres scientificos do paiz, avaliou-se em harmonia com os nossos juizos o conceito em que subiramos tão lisongeiramente aos olhos das nações estranhas e especialmente da ingleza. Extrahimos algumas linhas d'esse importante documento official, como commemoração dos nossos tropheus nas lutas incruentas da civilisação moderna.

«Esta opinião favoravel e justa, escreve o sr. visconde de Villa-Maior, que alcançamos ou fortalecemos agora, não é por certo indifferente para as nossas relações e transacções com os outros paizes, e principalmente com a Inglaterra, com a qual os nossos interesses intimamente nos ligam. Se Portugal não tivesse concorrido á exposição universal de Londres, ou se o tivesse feito por modo menos decoroso, teriamos perdido consideravelmente na opinião da Europa; e não dando testemunho da nossa vitalidade, apenas se contaria a nossa existencia entre a dos povos em decadencia, sem prestimo, sem credito e sem futuro.

«Deve portanto o governo lisongear-se de haver bem merecido do paiz, promovendo e auxiliando quanto coube em suas forças, o concurso dos productos portuguezes á actual exposição.»

Ao passo que nos enobreciamos perante a Europa com os brazões conquistados nas lidas honrosas do trabalho e nas victorias do credito, alguns Iroquezes da civilisação portugueza largavam fogo aos estabelecimentos dependentes das minas do Braçal, assacando a estas as calamidades do *oidium tuckery*, atacavam os operarios, e saqueavam tudo que encontravam na vandalica e devastadora carreira.

Outros selvagens da politica não menos hediondos do que os incendiarios do Braçal, hervavam as frechas da diffamação, e despediam-nas contra o ministro da fazenda, accusando-o de nepotismo e veniaga na concessão a um industrial de Lisboa, de importar até dois mil moios de trigo estrangeiro para o reexportar reduzido a farinha e a bolaxa, dentro do praso que se fixasse.

Da concessão deste pedido não se derivava offensa de nenhum preceito legal, pois que não se permittia a admissão de cereal para *consummo* nem para *deposito*, mas para ser reexportado sob a indicada transformação industrial. Concessões identicas tinham-as sanccionado muitos ministros, algumas d'ellas em flagrante contravenção da lei de 14 de setembro de 1837, e muito recentemente ainda os srs. Antonio José d'Avila e Casal Ribeiro, como o demonstram as frequentes portarias publicadas na folha official pelo secretario d'estado da fazenda.

Denegar o pedido feito, era condemnar ás agonias da miseria duzentos empregados na labotação da fabrica impedida de funccionar pela escassissima colheita de cereaes. Mas nem esta perspectiva, nem a consideração de verberarem no adversario politico os proprios amigos, solidarios em identicos procedi-

mentos, fizeram recuar os diffamadores, apontando sordidos libellos ao rosto do ministro innocente, como os quadrilheiros abocam a clavina aos peitos do viandante.

Recusa-se a penna a avivar sobre as paginas d'um livro desvarios monstruosos, que provocam a indignação das almas generosas, só ao recordal-os!

IX

Alvoraçava-se o paiz inteiro com a nova, para todos jubilosa, do futuro enlace d'el-rei com a virtuosa e illustre princeza d'Italia, Maria de Saboya.

Suspirado era por todos os amigos sinceros do throno liberal o casamento do senhor D. Luiz I com a joven princeza descendente da casa nobilissima de Saboya, ligada á dynastia de Bragança por antigos laços, identificada com a causa da liberdade nos revezes e triumphos, e engrandecida aos olhos da Europa pelos prodigios de heroismo assellados com sangue nos campos de batalha.

A Italia e Portugal inclinavam uma para a outra, não esquecendo a antiga origem, attrahidas por ge-

nerosa communidade de sentimentos e de instituições; e nesta sacrosanta fraternidade se radicava e fortalecia a espontanea alegria por tão auspicioso acontecimento.

As côrtes foram convocadas extraordinariamente para o dia 4 de setembro, nos termos do art. 111 da Carta Constitucional, a fim de lhes ser presente o contracto de casamento d'el-rei com a virtuosa princeza.

Desannuviado já de incertezas o espirito publico pela noticia official, o jubilo popular ascendeu até ao delirio, tanto mais, quanto alguns jornaes, orgãos indiscretos de despeitos e rancores reaccionarios, forcejavam por desnaturar a indole e significação deste enlace, duplamente risonho para a felicidade domestica do rei e para os sinceros amigos da liberdade, cujos olhos, digamol-o com franqueza, não veriam com egual sympathia a uma princeza cercada de tradições de familia, adversas á causa liberal.

No prurido de opulentar a corôa com as joias da reacção, insinuou-se n'uma especie de annuncio, que mal dissimulava o encomio latente, a vantagem do rei de Portugal desposar uma virtuosa, rica, e bella *princeza,* irmã de Francisco II, ex-rei de Napoles!

Esta candidatura ao thalamo real foi enthusiasticamente preconisada em alguns circulos, que viam com desprazer, na ligação das casas reinantes de Bragança e de Saboya, a alliança affectuosa e intima com a generosa nação italiana, alvo dos odios e das cabalas da facção devota.

Não descontinuavam a negra trama de suas machinações os Catilinas do confessionario e do pulpito, antes profundavam a mina subterranea com dobrado ardor, incitados pelo malogro d'audaciosas esperanças, que o proximo casamento d'el-rei cortava em flór.

Sentiam-se estremecimentos, como que repercutindo rumores surdos de activas conspirações, que o governo não se descuidava de vigiar. Era evidente que a fracção reaccionaria, ferida de desespero, tentava o caminho perigoso das aventuras e das ruinas. Estava imminente a invasão armada dos Attilas da politica — açoite e deshonra da civilisação — e approximava-se, alteando-se como a vaga no impeto da tormenta, mas vaga impura de cupidez, de odios, de vindictas, e de assassinios! Onze dias depois de haverem sido convocadas as côrtes para a alegre communicação do contracto do casamento do monarcha com a senhora D. Maria Pia de Saboya, o

grito da revolta militar acordou os pacificos habitantes de Braga. Era alliciando os soldadòs, desvairando-os com promessas e subornos, que a facção clerical se associava aos jubilos nacionaes.

A proposito d'uma festa real, dada no Palais-Royal em 1830, dissera mr. de Salvandy uma phrase admiravel: «É uma festa verdadeiramente napolitana; dançamos sobre um volcão.»

A phrase podia applicar-se ás festas preparadas para commemorar o enlace d'el-rei. Folgava-se sobre um volcão! Não tardava que se inflammassem os combustiveis subterraneos, accumulados na escuridão dos antros. A cratera abriu-se finalmente, vomitando a lava ardente da revolta para dentro das casernas d'um regimento de soldados.

As participações recebidas pelo governo ás 10 horas da manhã do dia 16 referiam, que de madrugada o regimento n.º 6 d'infanteria se sublevára nos quarteis, e adherira á revolta quasi toda a guarnição de Braga; que o general de divisão debalde chamara á obediencia os soldados amotinados, os quaes, longe de o escutarem, o acolheram com chufas insultuosas. Ao mesmo tempo era ferido o coronel commandante do regimento 6; e caia no chão, *varado* pelas balas d'uma descarga de fuzilaria o ma-

jor Vasconcellos, chefe do estado maior de divisão, que pretendera conter a soldadesca desvairada.

Os amotinados, ebrios, prestaram homenagem ao valor e á lealdade do digno official, que punha o dever acima da propria vida, traspassando-o, depois de morto, com o ferro de suas deshonradas e mercenarias bayonetas.

A revolta nascida na orgia expirava n'um covarde assassinio. Confluiam, tingindo o solo, o vinho e o sangue, preludio e remate obrigados das sedições pretorianas e das revoltas de janisaros!

Arvorara-se por Seyde das legiões sublevadas um capitão Macedo de infanteria n.º 6, militar, ao que temos ouvido, de genio inquieto e propenso a motins. Assumira as funcções civis um professor do lyceu nacional de Braga, Alves Passos, cirurgião habil, espirito intrigante e ambicioso, indifferente nos meios de se elevar, libellista vulgar mas insolente, que no jornal o *Bracharense* dilacerava a honra de muitos caracteres publicos, com a facil coragem que dá aos insultadores a impunidade anticipadamente assegurada no despreso que lhes tributam as victimas.

Alves Passos, improvisando-se dictador ephemero da insurreição fadada a viver breves horas de allu-

cinada existencia, proclamou aos povos do Minho em linguagem consentanea áquella bachanal politica, infelizmente borrifada de sangue generoso.

Eis alguns periodos d'aquelle documento, notaveis pela especulação impia com as crenças religiosas e pelas calumnias e diffamadoras allusões á probidade dos depositarios do poder:

«Minhotos! Chama-nos outra vez o dever ás armas. A patria estende para nós os braços, e confia em nosso valor!

«Uns poucos de ambiciosos sem religião, sem crenças, sem principios, sem pundonor e sem vergonha, collocados pelo acaso nas alturas do poder, escarnecendo de Deus e da sua egreja, e cuspindo as maiores affrontas e insultos nas faces do povo e do exercito, chamaram a Portugal propriedade d'elles e aos portuguezes seus servos da gleba.»

Em outro periodo expressava-se assim o furibundo agitador da facção clerical, salpicando com immundos aleives a honra do ministro da fazenda:

«Querem muito dinheiro, dinheiro sem conta para comerem e gosarem com os afilhados. Contrahiram um emprestimo monstro e vão gastando sem orçamento o que lhes parece e melhor convem aos seus interesses particulares.

«O paiz que sue, emquanto 'elles mandam vir de Londres trens e cavallos de luxo, pagos á nossa custa para nos salpicarem de lama.»

Em seguida arvorava o pendão da cruzada religiosa; e novo Pedro Eremita concitava as povoações a pelejarem pela fé, e a resgatarem da mourisma ministerial o sagrado deposito das crenças.

«Ainda soam, dizia elle, nos ouvidos de todos as *heresias* prégadas pelos ministros e pela sua imprensa. Ainda não devem ter esquecido os insultos e affrontas escriptas e prégadas por elles contra o successor de S. Pedro, e vigario de Christo na terra!

«Para que perseguem o clero? Para que negam á egreja os seus direitos e regalias?

«Minhotos! Tomae as armas contra estes indignos ministros, que abusam do poder para *opprimir a egreja* e escarnecer do povo.».....

.....

.....

O tribuno religioso appellava no fim da proclamação para o marechal duque de Saldanha, procurando sob esta invocação attrahir o exercito ao movimento insurreccionario, que, na sua instantanea duração, deixava rastos de sanguinaria ebriedade em dois cadaveres insepultos—um d'elles bar-

baramente mutilado—e nos cofres publicos arrombados e roubados por Alves Passos brutaes vestigios de rapina.

Abandonado por todos, e pelos proprios soldados, Alves Passos conseguiu evadir-se internando-se em Hespanha, horas depois de haver succumbido na empreza revolucionaria; levando comsigo—por unica recordação das suas breves horas de poder—as quantias arrancadas dos cofres publicos, que ascendiam proximamente a quatro contos de réis. Eram estes os deuses lares, que o profugo transportava além das fronteiras, para lhe avivarem na memoria a imagem da patria, e o confortarem no agro do desterro, cicatrisando-lhe os golpes do coração alanceado de funda nostalgia!

Apenas informado da existencia da revolta, o governo expediu ordem de marcha aos regimentos de infanteria 7 e 16. No dia seguinte (16) uma brigada composta d'aquelles dois regimentos, e de duas bocas de fogo, sob o commando do brigadeiro Taborda, embarcava para o Porto em dois vapores da companhia União Mercantil, reservados no Tejo para qualquer eventualidade durante a ausencia da divisão naval, que tinha saído para Italia.

Esta ultima circumstancia, que nos mostra o go-

BIBLIOTECA BODLEIANA

verno apercebido, como já dissemos, contra os tramas occultos, desconcertou inesperadamente os calculos dos agitadores, tranquillos a respeito da carencia absoluta de transportes por mar.

Na presença da provocação armada das sacristias, favoneada por conluios politicos, de que tinham sido fructo os anteriores tumultos da villa da Barca reprimidos pela força, e os de Ferreira do Alemtejo, de menor vulto, mas da mesma e exclusiva procedencia, o governo não hesitou, apesar da intima reluctancia a medidas excepcionaes, em propôr em conselho d'estado a suspensão das garantias constitucionaes por tempo de trinta dias, e unicamente no districto de Braga, theatro das recentes turbações.

Ao governo incumbia como dever principalissimo o de preservar o paiz do açoite das contendas civis, as mais damnosas e impias de todas, porque são pelejadas por irmãos contra irmãos no seio da patria-mãe commum, rasgando-lhe as entranhas, ao passo, que a si proprios se dilaceram com o ferro fratercida.

Pondo a mira nesse dever, o governo usou dos ultimos recursos cujo discreto emprego só póde graduar-se pela gravidade das conjuncturas, não vacil-

lando em caminhar por amor á tranquillidade civica, além das fronteiras constitucionaes; conscio de que valia bem conquistar a paz publica seriamente ameaçada, mesmo a preço da suspensão temporaria das garantias civis e politicas dos cidadãos.

A par destes vigorosos meios de repressão, foram empregados os conciliatorios e persuasivos, declarando o augusto chefe do estado, que os illudidos pelos cabeças da revolta seriam considerados pela sua real clemencia, se, no praso de tres dias, se apresentassem ás auctoridades locaes.

No dia immediato ao da revolta, 16 de setembro, em que eram suspensas as garantias no districto de Braga, e enviadas as tropas para o Porto, era encarregado interinamente do governo civil de Braga, e da direcção superior dos negocios militares da 4.ª divisão militar o general Passos, respeitado pela sua inconcussa lealdade e inexcedivel vigor, alliados ás prendas mais apreciaveis da intelligencia e do coração.

Devotado desde os mais verdes annos á defensão armada da liberdade, pela qual se expatriara como tantos dos seus bravos companheiros d'armas, soldados do imperador; emigrando novamente do paiz em 1844 para Hespanha, em consequencia de ter

succumbido nos muros d'Almeida a revolta que rebentara em Torres Novas contra as violencias de um governo oppressor e intolerante, o general Passos fôra sempre incansavel mantenedor e distincto caudilho do partido progressista, assignalando-se entre os seus camaradas pela mais nobre abnegação pessoal, pela constancia ininterrupta d'opiniões e pela austera probidade de caracter.

Tão solidas e não vulgares qualidades tinham-no recommendado em 1857 para identicas funcções ás que acabava de aceitar, sendo n'aquella epoca investido no governo civil e militar da Madeira, durando difficeis circumstancias, com as quaes soube affrontar-se por modo tal, que ainda hoje viçam as saudades dos madeirenses, sem distincção de matizes politicos, em redor do nome festejado e bemquisto do honrado general.

Este foi, e difficilmente podia deixar de ser, o funccionario de quem o governo confiou em tão melindrosa conjunctura o districto cuja capital se sublevara, concentrando o poder civil e militar nas mesmas mãos, para surtirem, como convinha, effeitos promptos e decisivos, e restabelecer-se a ordem publica, do que era segura promessa o nome do honrado general.

Quando o valente veterano da liberdade entrou em Braga, tres dias depois de ter sido nomeado, havia muito que a sedição se dissipara, execrada por todos, e desamparada de quaesquer auxiliares.

Das forças empenhadas no movimento sedicioso, parte foram dissolvidas e reorganisadas de elementos novos. Aos officiaes e officiaes inferiores que collaboraram na revolta, foram-lhes designados logares onde deviam aguardar o resultado dos processos. As praças de pret, com exclusão dos officiaes inferiores, foram mandadas distribuir por differentes corpos estacionados nas provincias do sul do reino, a fim de continuarem o serviço militar.

Os soldados de caçadores n.º 3, sobre os quaes pesavam principalmente os crimes perpetrados contra a disciplina e contra a humanidade durante a ephemera existencia da rebellião, «foram, diz o relatorio official que consultamos, mandados continuar o serviço militar em uma provincia do ultramar, na qualidade de destacados do seu batalhão, ao qual continuam a pertencer.»

«A par destas provisões, o governador civil e militar empregava todos os meios de conciliação e tolerancia para extinguir odios, e atalhar vindictas, tranquillisando os animos dos povos, affiançando-

lhes a manutenção da segurança publica, restituindo a força e prestigio á auctoridade, sendo em todos estes esforços coadjuvado pelas pessoas mais conspicuas do districto.»

Antes de terminar o praso de 30 dias foi restituido o imperio da lei, e com elle cessou a suspensão das garantias.

Mediaram poucas semanas entre os acontecimentos que acabamos de esboçar e o casamento d'el-rei.

O manto da amnistia caindo sobre os fautores e cumplices dos attentados de Braga, escondia-os nas amplas dobras, poupando-os á vindicta das leis.

Assim terminou a revolta de Braga revolta cynica, mas perfumada de aromas devotos; simulando defender as crenças de nossos paes por todos acatadas; tomando nas mãos e desfraldando ao vento a bandeira catholica para a polluir de crimes; bradando contra a cupidez interesseira dos ministros, e expirando sobre os cofres publicos, como Marco Antonio sobre os seios da fascinadora Cleopatra.

Por mais uma vez — e permittisse Deus que fosse a derradeira — se baldavam os assomos da ambição politica, que brandira o facho das discordias, logrando por epilogo de suas lidas allumiar ao clarão sinistro desse facho uma saturnal hedionda, na qual o es-

pectro do desventurado Vasconcellos — o martyr do dever! — projecta permanentemente a sua sombra tragica e sanguenta.

X

A revolta expirava; os chefes ostensivos succumbiam; mas os incitadores continuavam uns a rodar em opulentas carruagens, outros a afiar a guilhotina das reputações dos seus adversarios, e a decretar a apotheose aos revoltosos. Não sabemos até, se se congregou concilio ecumenico para a canonisação dos novos martyres, de certo abençoados pela santa memoria de fr. João da Neiva adorado pelos milagres orthopedicos, apesar de não ter moradia de santo nos registros do Vaticano.

Grosseiros e brutaes em seus appetites de calumnia contra antigos amigos, alguns libellistas da opposição colligada escreveram, que a honestidade d'Alves Passos e Macedo era de todo o ponto egual á dos nobres caracteres do movimento revolucionario de Torres Novas em 1844, os srs. Cesar de Vasconcellos, general Passos, Lobo d'Avila e José Estevão.

Como os odios politicos obscurecem os entendimentos, e desvairam as faculdades humanas na recta e conscienciosa apreciação dos factos!

Que traços communs podiam, ainda nos mais obscuros e microscopicos accessorios, confundir a physionomia das duas revoltas, tão oppostas na indole, tão contrarias nos intuitos?

O sr. Cesar de Vasconcellos, a quem a emigração de 1844 affectou os haveres do seu patrimonio cerceando-o, o que muitos conspiradores emeritos tremeriam d'aventurar ás contingencias da incerta fortuna; o denodado campeão do velho partido progressista não consummiu em gastos pessoaes um ceitil sequer dos dinheiros publicos, de que se apossou para estipendiar despezas da insurreição, exclusivas d'ella, e essenciaes á sua existencia. A este meio recorreram sempre desde tempos immemoriaes todos os que teem sentido sobre os hombros a grave responsabilidade dos destinos d'uma insurreição; e ninguem ousou ainda marcar a fronte de taes homens com o ferrete aviltante da concussão e do latrocinio.

Mas acaso pode acrescentar-se á pleiade de agitadores desinteressados aquelle que, como Alves Passos, depois de se haver assentado aos umbraes

do tumulo da revolta já extincta, e vertido prantos de vencido, corre, vôa aos cofres publicos e commette sobre elles inteira e violenta depredação, não para municiar as hostes de pretorianos, já dispersas, e suffocadas em blasphemias contra o ephemero dictador, mas para se escoltar de oiro na imminente e premeditada fuga?

Só a obcecação dos odios não poderá discriminar a opposta moralidade de procedimentos tão diversos e hostis, mas que astuciosamente se pretendeu irmanar, como se as subtilezas d'uma polemica, fadada a viver o que vivem as rosas, podessem obscurecer os fulgores da verdade, e apagar as noções rudimentaes da logica na intelligencia das multidões!

Era n'esta solidão de Cascaes, sob os mesmos tectos que ora nos cobrem, que ouviamos José Estevão, ha menos d'um anno, lardear de sarcasmos os panegyricos sobre posse de Alves Passos, traçados em detrimento dos revolucionarios de 44 por Plinios de pacotilha.

José Estevão! cuja voz nos parece estar acordando os eccos adormecidos d'esta habitação, que elle povoava com os recursos infinitos do seu espirito original e da sua conversação successivamente devaneadora e sarcastica, como uma pagina de Larra

ou de Heine; faiscante como um dialogo travesso de Dumas; ora desmaiando no crepusculo do scismar, que os francezes chamam *rêverie*, ora purpureando-se das labaredas da paixão!

José Estevão! o interprete eloquente, o immortal defensor da liberdade, cujo nome está intimamente associado a todas as causas generosas!

.....

Quem lhe herdou o primado da palestra familiar, que elle exercia desaffrontado de rivaes? Por ora é elle herança jacente, como o é, e será — Deus sabe por que tempo! — o sceptro doirado da eloquencia de que não poderam despojal-o em vida os mais possantes emulos, sceptro que ainda hoje poisa sobre o tumulo do orador, insignia indisputada d'aquella realeza do genio. Egualmente o seu diadema, ao contrario do que acontece nas dynastias vulgares, ainda não foi transmittido a outra fronte: pende solitario do ataúde, como symbolo saudoso e adorada recordação de tantas glorias e triumphos que verdejavam, quando luziam mais vivas as esmeraldas de nossos annos juvenis, e que não cessaram de florir, subjugando-nos pelo enthusiasmo, depois de havermos transposto o limiar menos encantado das desillusões da virilidade!

Emmudeceram os eccos d'aquella voz rugidora, que, como a de Demosthenes, desafiava o bramido das vagas das assembléas politicas!

Expirou o rumor d'aquella palavra imaginosa e colorida, ás vezes desegual e desordenada como a propria paixão; outras lyrica e repassada d'atticismo, fazendo brotar das almas suaves sentimentos, e vibrar os affectos tragicos da piedade e do terror!

O zumbido de tão vivaz e matisada elocução desappareceu no lugubre silencio das campas.

D'aquelle orbe de luz que allumiava serenas perspectivas, e logo com os mesmos raios accendia os mais temerosos e devoradores incendios nos corações; d'aquella flor com opulenta folhagem de purpura e delicioso cortejo d'aromas, como nenhuma encontrarieis nas doiradas Hesperides da eloquencia, o que resta? o que sobrevive? Cinzas arrefecidas, perfumes extinctos!

Como são ephemeras e fugazes as miragens da gloria! Como se esconde nos insondaveis abysmos, para nunca mais bruxulear sequer, o sol dos mais brilhantes genios! Como em redor das vozes mais inspiradas se condensam as trevas das catacumbas cheias de terrores!

O grande orador, que tantas vezes subira á tri-

buna da palavra, onde reinou pela omnipotencia do genio, desceu a final os degraus do tumulo, que é tambem a tribuna do silencio!

Nenhum de nós, que o amámos, ouvirá mais aquella voz que será da região das sombras, até que a desperte a trombeta do archanjo.

Só não cessa d'escutar-se a voz eterna do oceano, que a esta hora responde com o lamentoso ulular das vagas aos doces murmurios da noite.

É que só a natureza, a eterna musa, não interrompe o lyrismo de seus canticos. Coroada de flores, e sustendo na mão a harpa d'oiro, canta, canta sempre, passeando por entre os tumulos das gerações e as ruinas das cidades, e arrastando desdenhosa a candida tunica por sobre os escombros do Parthenon ou do Colyseo, do *forum* ou do *àgora* atheniense, onde retumbou a eloquencia de Cicero e de Demosthenes, de Scipião e de Eschines, dos Gracchos e de Pericles!

Em quanto, umas após outras, todas estas vozes desfallecem, só a eterna musa da natureza ora suspira melancholicas elegias, ora entôa ao Creador hymnos sublimes no fragor das catadupas, no rumorejar das selvas, e no bramido da procella!

.....

Seja-nos relevada a funebre divagação. É santa a religião dos mortos; e a saudade dos que ficam, é decerto o mais agradavel culto, que pode render-se aos que se ausentam para a derradeira jornada. Quereria dedicar algumas paginas á memoria de José Estevão, não tanto como piedosa offrenda, mas principalmente como divida sagrada do partido progressista. Demove-me, porém, d'este desejo a consideração, de que n'um livro recente se erigiu fastoso monumento ao orador popular.

No meio das circumstancias, que iamos narrando, prestou José Estevão ao governo o concurso ininterrupto do conselho e da acção.

Impedido uma vez de vir conferenciar com alguns dos ministros sobre negocios politicos, encarregou-me de procurar o ministro da fazenda, e de lhe dizer «que não o poupassem, chamando-o a Lisboa, quando houvesse necessidade politica.»

Posteriormente á revolta de Braga, subsistiram as mesmas e tão intimas ligações como não é ignorado de muitas pessoas, testemunhas presenciaes. José Estevão assistiu em casa do ministro do reino a algumas reuniões de ministros, e ali praticava largamente sobre negocios publicos.

Na então projectada nomeação de trinta pares,

entendia elle, que eram indispensaveis sessenta, para tentar resolutamente a reforma da camara hereditaria.

Durante o mez de julho, haviamos nós, a pedido e para uso do grande orador, collegido numerosos apontamentos ácerca da discussão sobre a lei regulamentar do pariato, onde o sr. conde de Lavradio e visconde de Sá, entre outros, combateram como damnosas as pretenções exaggeradas dos parciaes da hereditariedade, applicada ás funcções legislativas, preoccupando-se ardentemente da solução d'este problema politico, que elle entendia não dever adiar-se por mais largo tempo.

Muito depois de haverem sido destacadas para o ultramar as trinta praças de caçadores n.º 3, envolvidas nos acontecimentos de Braga, José Estevão aconselhava constantemente o governo, que em breve tempo o contaria por um de seus membros, se os decretos da Providencia não zombassem das combinações humanas, frageis como os castellos de cartas, que o sopro de uma creança derriba.

Se pouco importam estas minucias para se apreciar a bondade intrinseca dos actos então praticados, respondem comtudo na linguagem persuasiva dos factos ás insinuações infundadas, de que José Es-

tevão havia de divorciar-se com o ministerio pela ida d'aquelles soldados para uma das nossas possessões d'alem-mar.

Não: José Estevão não se apercebia para aggredir esse acto, das eminencias da tribuna; para o que se aprestava — e sabem-no muitos! — era para estreitar nos braços de colosso, tomando-os corpo a corpo, os adversarios do partido progressista.

Quantas vezes, n'estes mesmos logares, alludindo differentes correligionarios do grande orador ás palmas recentes, que colhera nas ultimas lutas, não lhe ouvimos dizer, cedendo á vivacidade meridional do temperamento: «Não me ouviram senão os preludios. A musica heide cantal-a em janeiro.»

É por estas e identicas phrases, que elle demonstrava o ardor de fitar, rosto a rosto, no meio da arena, os lutadores da colligação, cujos talentos apreciava, mas não temia. E, de feito, não era de crer, que o medo podesse habitar no athleta esforçado, que contava quasi pelos certames as victorias.

XI

O campeador, que sonhava novos triumphos, não para a vaidade pessoal, que essa engeitava elle, mas para a causa do progresso politico e social, em que acreditava com tão viva fé como no proprio Deus, caia antes de percorrer de novo o estadio luminoso da eloquencia, fulminado por subitanea e invencivel doença.

No dia 3 de novembro, em que deixei Cascaes, e regressava de vez a Lisboa, o padecimento do illustre enfermo aggravara-se espantosamente. Pela noite redobrou de intensidade. Annunciavam-se de instante para instante melhoras quasi imperceptiveis, que não tardavam em ser desmentidas pela recrescencia da enfermidade. Sobre os labios de todos errava já o amargo sorrir da desesperança. Perto da meia noite, os amigos que estanceavam no pateo de entrada, contiguo aos quartos, ao res-do-chão, do agonisante, receberam a nova fatal. José Estevão acabava de exhalar o ultimo sopro!

Deus chamava o indefeso trabalhador do progresso á sesta do descanço. Confrangido pela dôr, em vão

tive coragem para me approximar do leito, e dar-lhe o ultimo *vale*.

Havia oito dias, que nos separaramos depois de dois mezes de assidua convivencia. Elle despedira-se de mim com as ultimas folhas, que descoroavam as arvores, tombando amarellentas no chão!

XII

Relanceando os olhos pelos acontecimentos politicos, que acabamos de avivar em rapidas e imperfeitas paginas, vemos, que até á perda irreparavel do grande orador, a opposição colligada se enfraquecera nos repetidos assaltos e amiudadas investidas aos arraiaes do poder.

Escolhendo para terreno de combate o projecto sobre as congregações religiosas, despertara ainda os mais indifferentes, que acudiam ao toque d'alarma, tangido em todos os campanarios liberaes.

A attitude particular do grupo regenerador, n'este debate, acabara de desprestigiar as glorias da primitiva regeneração. Os wagons das vias ferreas, por *ella iniciados*, appareciam velados das negras sotai-

nas, como d'um véo sinistro d'obscurantismo theocratico e de resurreição feudal. O ascetismo improvisado fulminara com epithetos deprimentes o uso livre da razão humana, enthronisando uma devoção pusillanime, que, na phrase de Mr. Cousin, é indigna do christianismo e condemnada pela egreja, pois que recusa á razão humana o direito e a força de se elevar até Deus.

A tribuna da camara dos pares, vangloriando-se de ser o asylo privilegiado das theorias mais favoraveis á reacção politica e religiosa, tinha conspirado poderosamente, e com melhor exito do que a imprensa progressista, para exacerbar as suspeitas e desgostos, cada vez mais profundos, do partido liberal, condemnado a ouvir quotidianas apologias ás instituições anachronicas do monachismo, e ás iniquidades decrepitas da antiga sociedade, que se pretendia amparar dos embates da opinião.

Desgrenhando invectivas envenenadas contra a probidade d'alguns dos ministros, em dois incidentes parlamentares, a opposição trahiu o delirio da ambição em pretender substituir no poder, á custa da reputação moral delles, os adversarios, que, havia pouco, tinham tomado nas mãos as redeas do governo. E as opposições que não récuam em gal-

gar ás ameias do poder, conculcando as leis do pudor, que tolhem o uso da diffamação a frio, mal pensam que as escadas por onde trepam, lhes estalam surdamente, de podres, debaixo dos pés.

Na esphera do poder, o governo avigorava-se com os desvarios e imprudencias dos oppugnadores, enfileirando-se a seu lado o partido liberal, cuja bandeira o governo desfraldara com a resolução a todos sympathica e popularissima de manter as grandes conquistas da revolução politica, esconjurandas quasi ás claras como obras de Lucifer pelos santões de reacção.

Ao mesmo tempo, para fazer face ás grandes emprezas de viação accelerada, cujos compromissos urgia a todo o custo satisfazer, honrando a fé dos contractos; e para attender a importantes necessidades financeiras, a primeira das quaes é o credito robusto e desassombrado de quaesquer maculas, realisara o governo o emprestimo de cinco milhões de libras esterlinas.

O facto, importantissimo como era, por ser a mais larga operação de credito que se havia realisado no paiz, era a confutação eloquentissima e irrespondivel das apreciações da politica ministerial, reluzentes do colorido bilioso das facções cuja mira era der-

ribar os adversarios, e tomar-lhes das mãos as pastas com a humildade de que fazia uso o mendicante de um celebre romance comico, supplicando o obolo aos viandantes, encostado ao lado a escopeta.

A opposição, apesar de dirigida por distinctos engenheiros, lidos nas obras de Vauban, não tinha sido bem amestrada em assediar a praça ministerial, onde pullulavam espontaneos defensores, que repelliam, cheios de brios, as investidas dos sitiantes.

Veio coroar as antipathias publicas, desnudando a demencia, a colera, a impaciencia, a avidez dos adversarios irreconciliaveis do ministerio, a revolta de Braga.

Pouco faltou para que a sociedade, ao lêr em caracteres de sangue na fronte da Megera politica a divisa tremenda:

In flammas et in arma feror

não empunhasse as armas vingadoras da paz publica, não vencida d'idolatria pelas pessoas dos ministros, mas repassada d'indignação contra os ambiciosos de cujas bocas se exhalava o grito impio da guerra civil.

A classe commercial do Porto offereceu-se para

fazer o serviço de policia urbana, caso fosse necessario desguarnecer de tropas a heroica cidade do imperador, para as enviar contra os revoltosos, se se alargasse a area da sublevação.

Em Lisboa, ao constar que se tinham disparado os primeiros tiros em Braga, e que fôra arremessado á valla dos mortos um militar valente e leal, como a victima immolada nas aras da vindicta e da ambição, os artistas e commerciantes, ignorando se a revolta expiraria ao cabo de breves horas, como lhe aconteceu, diziam por toda a parte, que, se era preciso enviar tropas, não hesitasse o governo em as expedir, tomando elles sobre si a manutenção da segurança e da ordem publicas.

Nobre procedimento, apenas egual ao profundo horror, que a tantos cidadãos causou o attentado sacrilego d'uma insurreição, forjada em plena paz, estando desassombradas e patentes todas as tribunas de que póde dispôr um povo livre!

Comprehendia-se bem, que a vertigem da politica entontecesse os conspiradores, precipitando-os nas labaredas das discordias civis. Era uma allucinação criminosa, mas que podia invocar pela ingenuidade da loucura, a commiseração e a piedade publicas.

Mas não foi esta a physionomia d'aquella sublevação. Premeditada com a negrura da hypocrisia, para revoltar as consciencias, invocou a religião como seu evangelho politico, delatou os adversarios como perseguidores e hereticos, e ensaiou na sua existencia de horas os preludios sanguinarios d'outro S. Bartholomeu!

Ao contemplar o rasto de sangue, com que os trabucarios de sotaina assignalavam o seu itinerario de propaganda religiosa, convertendo os suppostos impios pela eloquencia mortifera das espingardas, o paiz sentiu-se trapassado de profundo asco, e bradou: Fóra, hypocritas!

Era o grito invencivel do despreso, com que Orgon açoita no rosto a Tartufo, ao hypocrita vil, que procura homisiar a torpeza na penumbra dos sanctuarios, e lavar as maculas da infamia na agua lustral dos baptisterios, para mais a salvo devorar com beijos lascivos os labios da virtuosa Elmira, e deshonrar o leito conjugal do credulo Orgon.

Como esse, o paiz encarou de frente o vulto revolucionario, e apontando para as vestes seraphicas, enodoadas de sangue, repetiu a phrase da immortal comedia de Moliere:

He bien! te voilá, traitre!

O proprio general, cujo nome era invocado pelos actores da ignobil comedia ao divino, era investido n'uma missão diplomatica, como querendo protestar com o proprio procedimento contra a criminosa solidariedade nos manejos revolucionarios, que os especuladores teimavam em affirmar, para manter a incerteza nos espiritos d'uns, e carear as adhesões de outros. Deste modo ficaram desnorteados, no seu rumo de turbulentas aventuras, os Colombós dos cofres publicos e seus sequazes e parciaes, mais ou menos dissimulados.

No parlamento e nos conselhos do governo sobrelevara a todos em vigor, combatendo a reacção conspiradora, José Estevão.

A liberdade, forte como Samsão, tambem adormece no regaço dos interesses materiaes, aproveitando-se d'este repouso a reacção, perfida Dalila, cujas thesouras são do mais polido aço.

José Estevão arrancou o partido liberal do perigoso lethargo em que jazia; avivou-lhe a susceptibilidade embotada pela longa paz octaviana; restituiu-o á severidade das antigas crenças, bastantemente relaxada pelas mollezas da Capua politica, em que por largo tempo hybernaram as legiões liberaes, descuidosas dos trabalhos de sapa, com que o exer-

cito da reacção lhe minava as fortificações, e lhe introduzia pelos fossos, até aos mais reconditos baluartes, inimigos armados e intrataveis.

A tempo acordou o partido liberal! Mais alguns dias de somno, e o despertar seria menos tranquillo. Não nol-o assegura a intima consciencia? Não nol-o evidenciam as lutas encarniçadas da tribuna, quando José Estevão, cheio de habil audacia, provocou expansões doutrinaes, que foram, ao mesmo tempo, ensino precioso e aviso salutar?

José Estevão dera batalha á indifferença politica, e vencêra com o auxilio dedicado dos homens de crenças energicas.

A situação politica, triumphante, era a expressão official d'esta victoria.

Calcule-se pois quantas paixões, quantos odios, quantas vinganças tumultuavam e referviam no coração dos vencidos, duplamente feridos nas idéas, que viam repellidas, e nas vaidades que sentiam trituradas pelo carro dos vencedores.

Destas paixões diversas exhalava-se um côro de vozes accordes em maldizer e blasphemar! Era no parlamento, então encerrado, mas que tinha de abrir-se no proximo janeiro de 1863, que tantos despeitos reprimidos, tantos resentimentos fermentados

haviam de rebentar como projectis inflammados.

Neste momento, em que os alfagemes da palavra parlamentar temperavam com o maior ardor as suas mais finas armas, José Estevão era ceifado pela morte!

O obreiro succumbia, mas a obra sobrevivia-lhe, alteando-se sobre a solida contextura de seus fundamentos.

A despeito deste desastre, qúe momentaneamente promettia vulnerar de morte o partido liberal, a opposição estava condemnada, como veremos, a ser menos feliz do que a montanha da fabula, apesar de ulular temerosamente com as dores e affrontamentos da enorme gravidez de suas coleras.

XIII

Abriu-se, finalmente, em dois de janeiro deste anno, a sessão aguardada pelas facções colligadas com a impaciencia do jogador, que espreita a carta onde se concentram e resumem todas as suas esperanças.

A opposição ia tambem confiar-se ás peripecias aleatorias das discussões parlamentares, segura do numero de seus soldados, e da experimentada tactica de seus capitães, cujas frontes enramadas de bastos louros reluziam já de tranquilla alegria, com o só antegosto da suspirada victoria.

Por accezas que promettam ser as luctas, por ardentes que sejam as paixões dos combatentes nas refregas parlamentares, as duas primeiras semanas após a abertura da camara, são exclusivamente occupadas com a organisação da mesa e das commissões, que hão de preparar os futuros assumptos de discussão.

Para o espectador habitual, que da galeria vê quotidianamente nascer o presidente d'entre os cortinados de seda d'um azul esvaecido, senão deslavado, que tombam por detrás do espaldar presidencial sobre o chão, desgraciosos e bambos como a roda de um vestido femenino, orphão da intumecente *crinoline;* para o flanador, que assiste á alvorada da sessão, como qualquer madrugador contempla o sol erguendo-se das franjas de purpura dos arreboes matinaes, e a segue com beatifica paciencia até ás quatro horas da tarde, em que a eloquencia expira, e as sopas triumpham; não póde haver espectaculo

mais aborrecido e semsabor, do que o das primeiras semanas por onde se arrasta a camara em preguiçoso bocejar.

Durante quinze dias correm os deputados á camara para mergulharem listas dentro de duas urnas. E apesar da fadigosa tarefa, que reduz os membros da camara quasi a cauteleiros, á força de listas, que lhes mettem para as mãos, não raro vereis a sessão concorrida de numerosos deputados. É que as urnas das commissões são as urnas dos destinos para muitos que disputam mais acaloradamente os suffragios de seus collegas, do que Jefferson ou Daniel Westerb, jámais solicitaram a candidatura á presidencia dos Estados-Unidos, quando ainda o lodo da discordia não enturvava a limpidez da democracia americana.

O que mingua, porém, em interesse aos olhos do observador vulgar, avulta aos do perspicaz e minucioso prescrutador dos arcanos parlamentares.

Tal se ensinua na commissão de petições, onde, sob color de attender pretenções alheias, medita arvorar-se em viscoso e pegadiço peticionario, que nunca mais se apartará das infelizes tibias ministeriaes, até que lhe sejam attendidos os supplicantes *latidos.*

Tal avoca a si o direito de consulta e decisão das reclamações da classe piscatoria, aceitando modesto a eleição para membro de commissão de pescarias; e reserva-se mentalmente o ensejo de pescar para si em monção favoravel nos mares abundantes do orçamento, trocando por elle barcos e redes.

Outros espraiam a vista pelos horisontes illimitados da gloria e das honrarias politicas, tendo no cargo de relatores, com que se condecoram, o horoscopo lisongeiro d'uma pasta a choutear para elles sobre os magros rocins dos correios de secretaria, lictores equestres dos consules em perspectiva.

Outro, ajusta a mitra á cabeça tonsurada; outro pendura do peito cruzes e veneras, que lhe hão de vir—quem sabe—do sultão de Zanzibar, ou da rainha de Madagascar, por ter dado parecer sobre uma convenção de paz e amisade.

De quando em quando, um amigo generoso corre as bancadas a pedir o exterminio... eleitoral do amigo que o affronta, transformando a lista dos suffragios em lista de proscripções.

Outras vezes acha-se um pobre homem em face d'um talento modesto, que nos supplica o obolo do voto, para esmaltarmos o lustre da sua mais do que christã abnegação.

Se a votação lhe corôa propicia o peditorio, o modesto dá-se ares de enfado, e propala com a publicidade de um verdadeiro prélo, o embaraço em que o vão pôr as commissões com que os collegas expontaneamente o distinguiram. Expontaneamente!... Quantos viandantes se não deixam roubar pelos salteadores com a mesma expontaneidade!

Não queremos condemnar o amor desinteressado da gloria e da patria, nem deprimir o estimulo nobilissimo da ambição politica, que engrandece as almas viris, e retempera os caracteres energicos para as grandes lutas do talento. Pelo contrario: vemos uma doença social no indifferentismo gelado, que muitos apregoam, com stulta jactancia, pela direcção dos negocios publicos. Achamos indigno do cidadão o egoismo descuidoso da sorte do estado, que afasta intelligencias apreciaveis do tumulto da vida publica, que é a vida decorosa do cidadão, o seu titulo de virilidade politica.

Sem o amor da patria, que arrasta os homens de talento e de coragem á arena agitada da tribuna e da imprensa, ao exercicio de laboriosas e difficeis magistraturas, aos postos arriscados da milicia, onde a morte surge improvisamente sob os pés dos combatentes, em que fundamentos radicar a independen-

cia da terra em que nascemos, o culto da liberdade conquistada por quasi fabulosas gentilezas, a pratica das solidas virtudes do individuo e do cidadão?

Não: nunca da nossa penna escapará phrase em que se condemnem e amesquinhem os grandes exemplos, e os gloriosos effeitos do patriotismo.

Cedemos, isso sim, ao desejo de mostrar em traços ligeiros, que a par das nobres emulações da vida publica, fructificam e medram os instinctos gananciosos e as preoccupações sordidas, como o escalracho damninho e parasita vegeta ao lado das plantas uteis e das arvores floridas.

Deus nos livre de exercitar em allusões pessoaes a maledicencia, que não seria airosa a ninguem, e mais se afeiaria em nós, se deslembrassemos o preceito de um elegante escriptor latino: «*Male dicere senatoribus hon oportet.*»

Um satyrico romano faz consistir o homem virtuoso apenas em ser o inimigo publico e pessoal dos maus, e dos costumes depravados. Na ordem dos interesses dá elle a primazia aos da patria, na cauda dos quaes distribue logar aos dos paes, e na mais afastada e inferior plana abre campo ao interesse proprio:

«Commoda præterea patriæ, sibi prima putare,
«Deinde parentum, tertia jam postremaque nostra.»

Entre nós, politicos ha que invertem a hierarchia natural destes interesses, desauctorisando suas pessoas, e, o que peior é, desconceituando ao systema politico que na sua nativa bondade vae padecendo os erros e desvarios dos homens.

Esperamos, porém, que, á imitação das sentenças dos antigos censores, os costumes publicos hão de infligir ás mercancias politicas os castigos moraes da opinião, ferreteando com a *ignominia* — a pena temida dos romanos — o trafico indecoroso da influencia e da posição individual.

Como acabamos de dizer, a camara engolfada nos trabalhos domesticos, e d'organisação interna, não desdisse da atonia dos annos anteriores — presagio das tormentas que em breve iriam embravecer as vagas de S. Bento, onde os *pampeiros* se desatam em furias como se aquelles foram os mares da America Meridional.

Entretanto que não são chegadas as proximas e violentas discussões, devemos dizer qual era a posição do governo em frente da camara dos pares.

Esta camara fôra a acalorada defensora das irmãs de caridade, e mostrava-se, depois dos tumultos de dezembro, hostil ao governo, a quem fizera asperas exprobrações por não ter curado a enfermidade dos

motins com os remedios heroicos da repressão violenta.

Em amiudados incidentes, a camara dos pares revelara franca sympathia pelo ensino clerical, cujas excellencias alguns oradores encareciam em amplificações rethoricas, inspiradas da leitura assidua dos publicistas do retrocesso politico.

Votada na camara dos deputados por consideravel maioria a lei sobre as congregações religiosas, o governo, querendo ser fiel ao pensamento de que era expressão no poder, tinha o imperioso dever, ou de largar as cadeiras, ou de harmonisar o pensamento da camara hereditaria com o da camara popular neste assumpto, que recebeu não só o baptismo legal d'uma das camaras, mas a consagração solemne da opinião publica.

No dia 31 de dezembro, dois dias antes da abertura do parlamento, a folha official publicava os decretos de nomeação de vinte e cinco novos pares, um dos quaes resignou poucos dias depois esta elevada honra.

O governo demonstrava neste acto politico, que comprehendia a missão que lhe impozera o partido liberal no momentoso assumpto da lei do ensino, dissolvendo a manifesta pertinacia nutrida por grande

parte dos pares contra o espirito e prescripções d'aquella lei, fortificada já com as adhesões, pode dizer-se geraes, da camara dos deputados.

Em aturada polemica, a imprensa da opposição lidara durante algum tempo, consummindo o cabedal copioso de erudição politica no esforço de demonstrar, que a nomeação de novos pares era uma ameaça á independencia do patriciado, um attentado contra o pudor do systema representativo, finalmente que constituia um verdadeiro golpe d'estado, funesto ás instituições e ameaçador da paz publica.

Era evidente, que nas circumstancias em que o governo se encontrava, e que já referimos, nenhuma opportunidade se lhe podia offerecer mais propicia para introduzir novos elementos na camara hereditaria.

As lentes da paixão partidaria enxergavam então turbações e calamidades, porque engrossavam demasiado as proporções d'um acto politico, que era menos do arbitrio dos ministros, do que imposto fatalmente a elles pelo decoro politico.

Depois da votação da lei do ensino, os ministros só tinham dois expedientes: o da fuga do poder, ou o da nomeação de pares. Recorrer ao primeiro, *depois* de uma victoria brilhante, que enfraque-

cera a opposição, e a distanciara das perspectivas do poder pela impopularidade e anachronismo de doutrinas então expendidas pelos seus mais notaveis caudilhos, era a mais ignominosa das covardias, e um crime politico, destes para que são difficeis, senão impossiveis, as mais austeras expiações.

Restava, pois, por unica trilha a seguir, o recurso á corôa para a nomeação de novos pares, firmando assim o triumpho alcançado na camara electiva, a qual, pela natureza dos seus elementos, se suppõe com irrecusavel fundamento reproduzir com escrupulosa, ou pelo menos approximada exacção, os cambientes e matizes da opinião predominante.

Não nos illudamos com especiosas dissertações de direito politico, como não se illude com ellas o sentimento publico e perspicacia popular, mais certeiros no seu alcance do que as subtilezas e o *scottismo* jornalisticos.

Qual era o dever unico, impreterivel, insophismavel do ministerio, que acabara de ganhar uma batalha parlamentar n'um assumpto palpitante de gravidade aos olhos do partido liberal, que se agitava e estremecia ante as velleidades da dominação clerical nas regiões do ensino?

Era dirimir por uma vez o pleito entre o partido

do passado e o do futuro; proseguir desaffrontado na desenvolução do seu programma politico; quebrar nas mãos ao partido dos falsos devotos, e ao corrilho dos reaccionarios, dissimulados sob as vestiduras ordeiras, um poderoso instrumento de propaganda, que elles não tardariam a transformar em arma de oppressão e de vingança.

Bafejada pela aura popular, victoriada pela mocidade livre, reclamada com vehemencia crescente pelo partido que symbolisa as glorias e os martyrios do apostolado liberal, a lei sobre o ensino e as congregações religiosas não era comezinha providencia que o governo podesse — a seu talante — ou recual-a até á penumbra das miudezas d'expediente, ou remettel-a para o limbo dos adiamentos indefinidos.

Mais elevada era a craveira por onde todos, governo e partido liberal, mediam as dimensões d'uma lei, cuja approvação aos olhos de ambos symbolisava o malogro das tentativas da reacção politica, em se introduzir sorrateiramente nos espiritos de toda uma geração pela influencia deleteria do ensino monachal.

Elevara-se o ministerio á altura da sua grave responsabilidade, vinculando a existencia politica á no-

meação de novos pares. A corôa, correspondendo á confiança que nella depositara o partido liberal, affiançava em tal nomeação, que era digna de perpetuar as tradições immortaes do imperador, não pactuando com as invasoras e arrogantes pretensões de certa escola, que simulando desprendimento dos negocios terrenos, não cura senão de embrutecer as almas pela superstição, de encadear com grilhões as intelligencias, para no meio da servidão e da mudez universaes, só ella desprender a voz soberana, e pelos terrores do espirito desenfrear sobre o mundo a mais temerosa e omnipotente autocracia.

XIV

Para nenhuns ministros tinham decorrido tão ingratas as ferias parlamentares como as que acabavam de expirar, cortadas ora de agitações surdas, ora de explosões mais ou menos ameaçadoras, rematadas tristemente pelos recentes acontecimentos escriptos com sangue nas lageas do Populo de Braga, inesperada syncope da tranquillidade dos ultimos doze annos, a que o paiz se havia habituado.

Os festejos do casamento d'el-rei — risonha antithese d'aquelle episodio felizmente ephemero de violencias e de sangue — tinham desviado as cogitações dos ministros, dos negocios que os entretinham com assiduidade. Comtudo os documentos apresentados por elles desde os primeiros dias de sessão, demonstravam como a boa vontade e o zelo das coisas publicas triumpham da exiguidade do tempo, e dos obstaculos oppostos pelos acontecimentos.

Na sessão de 7 de janeiro, o ministro da fazenda apressou-se a ler o relatorio da gerencia do seu ministerio durante o anno de 1862, o qual foi impresso na folha official. N'aquelle documento o ministro dava conta ás côrtes do uso feito pelo ministerio da fazenda, das diversas auctorisações que lhe haviam sido concedidas antes e depois do ultimo relatorio do anterior ministro, o sr. Antonio José d'Avila, apresentado em 13 de janeiro de 1862; e além disso informava o parlamento dos actos mais importantes da gestão financeira, e dos creditos supplementares extraordinarios abertos em virtude de differentes decretos. A esta informação accrescia uma serie de documentos, que continuava os anteriormente publicados, e cuja individuação perde grande parte

do interesse, se attendermos a que a larga discussão travada posteriormente em maio derrama a maior luz sobre o estado dos recursos da fazenda publica.

O ministro de marinha, pela sua parte, documentava com o relatorio do seu ministerio, apresentado na sessão de 12 de janeiro, a intelligente e zelosa actividade, com que procurara attender a diversissimas e complexas necessidades de policia e socorros costeiros; de abastecimento e de hygiene navaes; de construcção e reparação de vasos de guerra; de instrucção pratica de operarios, e de cuidadoso exame dos progressos ensaiados e introduzidos no armamento dos navios de guerra das nações mais poderosas, sob os dois aspectos principaes, da efficacia aggressiva, e da despeza real.

Encarecendo a necessidade de reforma da escóla naval, e vendo o futuro da nossa marinha dependente, em grande parte, da reorganisação d'aquelle utilissimo, mas deficiente estabelecimento de instrucção naval, o ministro elevava-se á verdadeira altura d'onde se encaram superiormente as necessidades vitaes de toda uma esphera administrativa.

Mantendo-se n'esta altura d'intuitos, o ministro revelava d'um modo inequivoco, que o seu atilado e perspicaz espirito seguira, com attenta vigilancia,

a necessidade de prover de remedio a promptas e clamorosas necessidades, quaes a de ordenar um regulamento geral de policia dos portos, classificando e definindo, com a necessaria circumscripção e methodo, as attribuições das auctoridades maritimas, e as obrigações que a indole de suas funcções lhes impõem a respeito de marinha mercante; a de proceder á revisão e correcção do regulamento do arsenal de marinha; e a de ajustar ás disposições das leis geraes d'instrucção, o curso d'estudos dos engenheiros hydrographos. Ao passo que examinava de perto estes variados assumptos, não se lhe desprendia a attenção, de minorar o dispendio e vexame das povoações, que não cessavam d'exhalar queixas contra o decreto regulamentar do recrutamento maritimo, de 22 d'agosto de 1851.

Animado no empenho de organisar as nossas forças navaes — infelizmente bem diminutas para servir os vastos interesses de tantas e tão dissiminadas colonias — o ministro expunha o modo por que entendeu deverem ser distribuidas, tendo organisado como base, ensaio e principio, uma divisão naval de reserva no Tejo, que poderia ser destacada até aos Açores e Cabo Verde, sob o mando do almirante Costa Carvalho. Esta providencia abonada por au-

ctoridades estranhas, por successivas experiencias, e justificada por elevadas considerações de disciplina, de instrucção e economia, serviu de thema a motejos, ainda mais alvares do que insulsos; mas factos posteriores e recentes, em que foram protegidos altos interesses de humanidade com uma presteza e efficacia, que entre nós não são vulgares, evidenciaram a segurança e justeza dos intuitos organisadores do ministro.

Concluia o luminoso e instructivo relatorio por indicar os tres pontos sobre que deve de preferencia concentrar-se toda a actividade do governo; e vem a ser: «Methodificar a administração — augmentar o material — educar o pessoal.» Encarando o augmento progressivo da marinha de vapôr pela inapreciavel economia do tempo, que vence a carestia das construcções, reparações e costeio dos vasos de vapor, dispendios que n'estes sobem muito mais alto que nos de véla, apontava o ministro para a mira em que devemos pôr os nossos esforços, e proclamava, com inadiavel urgencia, a necessidade de augmentar o numero d'embarcações mixtas de pequena tonelagem e diminuta guarnição, proporcionando assim um meio de não nos escacearem nas estações vasos de vapor.

Eis, em incompleto esboço, o quadro das multiplices necessidades, e das correspondentes providencias, traçado pelo sr. Mendes Leal, após dez mezes de laboriosa administração necessariamente distrahida com a recente alteração da ordem publica.

No tocante aos negocios e regimen coloniaes, de si melindrosos e extremamente difficeis, porque da segura ou erronea direcção d'elles depende o accender-se ou entibiar-se o incentivo para os largos commettimentos da industria e do commercio, elaborava o sr. Mendes Leal um longo e minudencioso relatorio, no qual se desenha o estado de cada uma das provincias de alem-mar, se indicam as providencias já tomadas, e se aventam as que, no entender do ministro, deverão reforçar e coroar as anteriores.

Abrangendo tão valioso documento multiplicadas especies d'administração, tanto na parte militar, como na ecclesiastica e na civil, miudando promenores de commercio, especialisando providencias economicas, quaes são as que respeitam á moeda, ás pautas aduaneiras, e aos impostos cuja substituição ou modificação foi ordenada depois de conscienciosо estudo, difficil nos é resenhal-o em cada uma *de suas* divisões.

Illustrativo pela copia de apreciações e de factos, acrescentavam-lhe a valia da substancia, o merito da fórma, as louçanias do estylo, e as graças da linguagem harmoniosa, correcta, e sempre brilhante, do sr. Mendes Leal; — linguagem, que, depois da ausencia de Almeida Garrett, constituem verdadeira e festiva surpreza para todos os que tenham lido os relatorios e peças officiaes do ministerio da marinha, os quaes menos parecem vernaculos, do que importados de gentes mestiças.

Não dormira tambem regalado somno a actividade dos outros ministros, apresentando-se diversas providencias, taes são a proposta sobre o credito predial e sobre moratorias, da iniciativa do ministro da justiça, e outras de que faremos menção, que attestam como o gabinete se afervorava em organisar reformas, de maior ou menor vulto, com o mesmo ardor que as facções haviam posto em semear ruinas durante o interregno parlamentar.

Ao passo que se avisinhava da discussão o projecto de resposta ao discurso da corôa, onde a opposição concentrava todo o vigor de suas aggressões, a camara despedia os primeiros golpes contra a excrescencia feudal e absolutista dos morgados, que escapára ás audaciosas amputações de Mousi-

nho da Silveira, quando o arrojado reformador, a braços com a velha sociedade, lhe estirpou os fundos eancros dos dizimos, das jugadas e das alcavalas, que sugavam a substancia das povoações, e arruinavam a agricultura nacional, ambas pasto dos ocios monachaes e nobiliarios, e devoradas pela cupidez das classes privilegiadas.

Em sessão de 13 de janeiro, o sr. Bicudo Corrêa, deputado progressista, moço intelligente e cheio de modestia, e representante d'um dos circulos eleitoraes das ilhas açorianas, pede a discussão do seu projecto sobre a abolição dos vinculos nos Açores, pendente na camara desde os fins da sessão legislativa do anno anterior. Este projecto, conscienciosamente elaborado, e que merecera a approvação dos membros da commissão especial, a quem fôra submettido, entre os quaes se contavam o sempre chorado José Estevão, e distinctos jurisconsultos, como os srs. Torres e Almeida, Carlos da Maia, e outros, applicava as disposições abolicionistas ao archipelago dos Açores, e mantinha os vinculos de que fossem immediatos administradores e successores os pares do reino e herdeiros ao pariato.

Outro deputado progressista, o sr. José de Moraes, propõe a substituição do projecto por outro,

cuja unica e laconica disposição é «serem abolidos todos os vinculos de qualquer natureza, no continente do reino, ilhas adjacentes e possessões ultramarinas.»

O sr. Torres e Almeida, relator da antiga commissão especial, expressando a sua opinião individual a respeito dos vinculos, de cuja extincção total era firme partidario, fazia ver a conveniencia da commissão avocar a si o exame das differentes propostas e opinar sobre o assumpto de preferencia a qualquer outro, attenta a diversidade d'ellas e a gravidade do objecto.

Intervem na discussão o ministro da fazenda a declarar que o governo não póde deixar de desposar a idéa da desvinculação e da liberdade da terra; mas que a questão, pela sua mesma gravidade, deve ser objecto d'um projecto de lei especial, examinado pela commissão respectiva.

A linguagem desta declaração honrava o deputado liberal, fiel ás antigas convicções, e o homem de governo, sujeito ao jugo da responsabilidade do poder.

A camara — e o governo á frente d'ella — evidenciavam os propositos de que estavam animados. O interesse com que muitos discutiam, uns agru-

pando-se no centro da sala, outros interrogando os ministros, revelava que, sob o involucro d'um incidente parlamentar, para o qual a opposição sorria com sincera incredulidade, palpitava vivaz e ardente a reforma, que o paiz, na independencia do seu juizo sobranceiro ás apreciações partidarias, que obscurecem as mais limpidas intelligencias, já depoz sobre o mesmo pedestal de reconhecimento e de gloria, onde se erguem os mais altos monumentos da dictadura memoravel do Imperador.

Habil nas argucias e nas evasivas, o sr. Pinto Coelho, representante da fracção absolutista, reclamava um projecto radical, aproveitando o ensejo para salgar d'invectivas a lei de 30 de julho de 1860, a qual se resente dos inconvenientes inherentes ás leis de transição e transacção, como aquella o fôra. Tanto o convicto defensor dos privilegios e das monstruosidades politicas e sociaes do passado contemplava n'um projecto radical e abolicionista o mais seguro e illustrado adiamento das esperanças reformistas! Neste tiroteio vago se consummiu a sessão, retirando-se os deputados da maioria inabalaveis no proposito de metterem hombros á vasta reforma de libertar a terra das peias do privilegio.

Nesse mesmo dia o ministro do reino declarou

a alguns deputados da maioria, que apenas a camara nomeasse a commissão, e se ultimasse a discussão politica do discurso da corôa, que ia começar, assistiria com a maior assiduidade ás deliberações da commissão.

Na seguinte sessão faziamos a proposta seguinte:

«Attendendo em que a camara é quasi unanime em querer a liberdade da terra, mas ponderando egualmente que o assumpto em discussão prende com elevadas considerações juridicas e economicas:

«Propomos que o projecto n.º 53, assim como as propostas apresentadas sobre a reforma ou abolição de vinculos, sejam enviadas a uma commissão especial, para que esta apresente á camara, com a maior urgencia, o resultado dos seus trabalhos.»

Esta proposta foi aceita pela antiga commissão especial, e depois approvada pela camara. Diversos oradores fizeram manifestações de principios — algumas tão isoladas de applicação immediata, como se poderiam fazer n'uma academia de sciencias moraes e politicas. O sr. Carlos Bento concordou com o pensamento que dictara a nossa proposta, concluindo depois de vagas e floridas generalidades por apresentar outra, identica nos intuitos e na redacção.

Um deputado dissidente, o sr. Rocha Peixoto, apesar de não querer transigir com direitos de alguma especie, que se podessem inculcar aos poderes publicos como adquiridos, opinava tambem, que a reforma não fosse filha da precipitação, mas do exame reflectido; e, no meio do seu radicalismo, curvava-se respeitoso perante os graves interesses politicos, que podiam e deviam ser considerados na solução do problema que a todos occupava, exclamando: «Ha uma questão a examinar e decidir, da mais alta transcendencia, é a questão que prende com a nossa organisação politica, com a monarchia hereditaria, com o pariato hereditario, não podemos prescindir da enorme influencia que podem ter os morgados nas nossas instituições politicas.»

Se estas considerações eram graves, mais abrilhantam a coragem do parlamento, decretando a reforma, e vencendo os attritos que lhe oppunha a organisação politica do paiz, objecto das preoccupações do deputado dissidente.

Por esta occasião, o ministro do reino, caracter pouco excitavel, mas dotado de serena perseverança, expressão e apanagio das convicções ardentes, tirou todo o pretexto ás hesitações que podessem alimentar-se em alguns espiritos, sobre qual seria, nesta

campanha iniciada contra a mais revoltante iniquidade social, a posição do gabinete.

Devemos reproduzir as palavras do ministro, porque respondem d'um modo irrefutavel ás affirmativas d'alguns jornaes, que propalaram com calculada insistencia, que o governo nunca se pronunciou pela reforma até ao momento de ser approvado na generalidade o parecer da commissão especial:

«O ministro da fazenda (disse o sr. Braamcamp) já hontem em nome do governo manifestou claramente qual é o espirito e intenções do governo, e a opinião que elle segue na questão importantissima que nos occupa. Não tenho senão a repetir as palavras de s. ex.ª, dizendo á camara, *tanto em meu nome, como em nome do governo, que nesta questão importantissima havemos caminhar no sentido mais liberal, no proposito de libertar a terra.* (*Apoiados.*)

«A camara que legislar a desvinculação da terra, e firmar o credito predial, terá adquirido um titulo de gloria, e terá creado um duradouro monumento, e ainda quando nada mais faça, estas reformas serão bastantes, para que a sessão legislativa seja commemorada por muito tempo, como uma das mais uteis

«*O governo neste empenho não póde deixar de caminhar na frente dessa idéa, que é aceita e apoiada por todos os lados da camara.* Ainda quando se não considere esta questão senão no ponto de vista economico, entendo que emquanto as transacções não forem livres, em quanto pesarem sobre a propriedade livre peias que a difficultem de comprovar a sua natureza, em quanto a nossa actual organisação dos vinculos vier difficultar todas as transacções sobre a terra, será difficil existir o verdadeiro credito predial (*Apoiados*); será impossivel colhermos do codigo, que o sr. ministro da justiça ainda hontem submetteu á camara, todas as vantagens que devemos tirar desta instituição.»

Em 17 de março de 1859, interrogado o governo d'então a respeito do modo por que entendia dever realisar-se a liberdade da terra, respondêra o sr. Fontes de Mello estas breves palavras: «Como opinião individual entendo que é preciso introduzir uma reforma na instituição dos vinculos, *sem comtudo alterar a sua essencia.*»

Em quatro annos, que distancia immensa percorrida no estadio das innovações arrojadas, e das reformas memoraveis!

Era chegada a agonia do mais odioso privilegio,

que sobrevivera á velha sociedade. Debalde os bardos do despotismo iam exaltar as crenças poeticas, que vivem de saudades e de lagrimas, e que se avivam interrogando as ruinas e soletrando as inscripções sepulchraes do passado! Inutil esforço!

Fendidos e abalados pelo sopro da opinião, os vinculos estavam condemnados a avolumar com a sua queda imminente as ruinas que o tempo varre cada dia, como inutil pó!

Elegeu-se a commissão especial na sessão de 16 de janeiro, recaindo a eleição sobre os deputados Silva Cabral, Carlos Bento, Torres e Almeida, Sant'Anna e Vasconcellos, Bicudo Corrêa, Latino Coelho, Luciano de Castro, Gonçalves de Freitas, e Ricardo Guimarães.

Era o tumulo que se abria para receber, com as derradeiras homenagens funebres, a instituição vincular, agonisante nas leis, e de ha muito finada para a opinião, que a havia arremessado — como a esqueleto feudal — ao cemiterio das idéas mortas.

Proseguiam, pela sua parte, os ministros, infatigaveis na elaboração de varias propostas, desmentindo com os fructos a esterilidade que lhes era exprobrada pelas facções, de que a revolta de Braga revelava a potencia prolifica.

O da marinha acudia á necessidade urgentissima, e havia muito reclamada, de reformar a legislação penal da armada, promulgada n'uma época em que a philosophia criminal, ainda balbuciante, aguardava as sublimes revelações de Beccaria.

Fôra encarregado sob anteriores administrações a uma commissão de homens competentes pelos seus conhecimentos peculiares, o confeccionar o codigo penal da armada, apresentando a commissão em janeiro de 1856 o seu projecto.

Ficaria incompleta a reforma, se a não coroasse o codigo do processo criminal. Para a redacção deste, outra commissão foi nomeada, que em 31 d'agosto de 1857 concluiu a incumbida tarefa.

Comtudo apresentara-se muito recentemente o projecto de codigo penal do exercito; e, em face delle, era ainda insufficiente a longa gestação da reforma da legislação penal da armada.

Sob pena de anarchisar a penalidade militar, torna-se essencial filiar na mesma deducção d'idéas, e derivar das mesmas qualificações, os delictos militares, que se devem considerar communs, assim no exercito como na armada. Traduzindo em actos esta necessidade, o sr. Mendes Leal apressou-se a nomear uma nova commissão, delimitando-lhe por area

de seus trabalhos rever os anteriores projectos, e ajustal-os ás disposições do codigo penal do exercito, até ao ponto em que esta harmonia podesse ser consentida pela especialidade da arma de marinha. Os codigos apresentados pelo ministro eram o fructo das aturadas cogitações da ultima commissão, que respondera com inexcedivel actividade ás zelosas instancias do ministro, cuja gerencia—ahi estão os factos quotidianos a proclamal-o!—triumpha da obscuridade que tem sepultado a muitos Neptunos officiaes.

O ministro da fazenda, esse, demonstrava quam solidos eram os creditos de energia e de superior aptidão, que alcançára em nove annos de lutas parlamentares, e no exercicio de difficeis funcções onde a sua competencia era reconhecida dos proprios adversarios, implacaveis contra o homem cuja coragem inabalavel é um obstaculo ao triumpho de ambições insoffridas.

Tres pensamentos de vulto, financeiramente encarados, encerrava uma proposta anteriormente apresentado á camara pelo sr. Lobo d'Avila, sobre a remissão e venda dos foros, censos e pensões, do distracte e venda dos capitaes, e de venda de bens na posse da fazenda nacional e de donatarios vitalicios.

Enunciar esses pensamentos, é evidenciar-lhes a importancia: o primeiro, fazer apressar, dentro dos limites do possivel, a alienação d'aquellas referidas especies de rendimentos, de que o governo não é, nem pode ser proficuo e exemplar gestor; o segundo, uniformar o modo da venda e do pagamento de taes alienações; o terceiro — até certo ponto preoccupação de necessidades actuaes — crear uma fonte de receita extraordinaria para minorar o *deficit* do futuro anno economico.

A commissão de fazenda, reconhecendo a valia d'aquelles tres pensamentos, enlaçados na proposta do ministro, elaborou um parecer, alterando alguns artigos, e inserindo novos, não só attinentes aos objectos especiaes da proposta, mas a outros que pendiam com ella, como os encartes dos donatarios.

O ministro, querendo conciliar o interesse dos pensamentos capitaes da proposta inicial com as provisões nella introduzidas pela commissão de fazenda, dividiu em duas differentes propostas o projecto da commissão, sendo objecto de uma dellas os encartes dos donatarios, e na proposta restante disposições contendo-se as que estamos relatando.

Por esta proposta concede-se o praso de seis mezes *para os* emphyteutas, censuarios ou pensionados

poderem requerer a remissão total ou parcial dos respectivos foros, censos, ou pensões na posse da fazenda nacional ou de donatarios vitalicios, não se podendo requerer tal remissão findo este praso, sob qualquer fundamento que se invoque.

Inhibem-nos de seguir a proposta, artigo por artigo, a multiplicidade e extensão de suas prescripções, respeitantes a fixar o preço da remissão, aos casos de venda em hasta publica, previstos pela legislação em vigor, d'aquelles variados reditos do estado, ao beneficio concedido aos donatarios vitalicios, e outras minucias subordinadas ao pensamento principal da proposta.

Em outra proposta modificava o ministro, em alguns pontos, a que elle havia apresentado á camara, tendente á mais proficua execução da carta de lei de 4 d'abril de 1861, relativa á desamortisação dos bens de conventos de religiosas, e outras corporações. Na penuria completa d'instituições de credito agricola, muitos estabelecimentos pios e de beneficencia fazem avanços de capitaes aos lavradores e pequenos proprietarios, desaffrontando-os das vexações da usura, que senhorêa com oppressor poderio as povoações agricolas. Mesmo em muitos centros de povoação aonde escaceam capitaes, ou por

exiguos, ou por assustadiços em servirem as funcções, que lhes prescreve o machinismo economico da sociedade na collaboração das emprezas industriaes e commerciaes, os estabelecimentos pios e de beneficencia são duplamente uteis, alliando á beneficencia christã para com os desvallidos a protecção economica por meio do credito, onde o trabalho honesto e a especulação proba encontram o favor e a seiva vivificante do capital mutuado a preço modico.

Á intelligencia pratica do sr. Lobo d'Avila, versado nas necessidades economicas do paiz, não podiam ser indifferentes estas ponderações, das quaes era expressão e resultado o artigo 6.º da proposta alludida, estatuindo que os capitaes prestados pelas misericordias, hospitaes, camaras municipaes, juntas de parochia, irmandades, confrarias, recolhimentos, e quaesquer outros estabelecimentos pios ou de beneficencia poderão ser de novo mutuados pelas respectivas administrações, se o julgarem conveniente, precedendo as formalidades legaes, que dêem a estes estabelecimentos a necessaria segurança.

Prestando attenção a outra ordem de interesses, fundados na justiça e nas conveniencias do serviço, o ministro subtrahia ás perspectivas da miseria, in-

separavel companheira da invalidez dos funccionarios alquebrados pelos annos e longos serviços, os empregados da alfandega municipal de Lisboa, os das outras alfandegas do reino e ilhas, e os da casa da moeda e papel sellado, excluidos, sem fundamento plausivel, dos beneficios da aposentação, concedida a outros funccionarios. Esta medida duplamente exigida pelas normas da justiça absoluta e pelas indicações da equidade foi objecto d'outra proposta.

O exemptar da contribuição de registro todos os bens immoveis transmittidos por titulo gratuito, não excedentes a cem mil reis, era assumpto de outro projecto.

Commettera a lei de 22 de agosto de 1861 ás juntas geraes a distribuição da contribuição pessoal pelos differentes concelhos, apenas estivessem concluidas em cada districto as correspondentes matrizes, auctorisando as juntas a reverem a distribuição se já estivesse feita, em relação ao anno de 1861; e pelo § unico do mesmo artigo fôra ordenado, que nos annos posteriores só tivesse logar a convocação das juntas geraes para aquelle fim, quando as respectivas matrizes se achassem concluidas.

Grandes foram as desegualdades que se deram

nas percentagens resultantes das distribuições feitas pelas juntas geraes, como se evidenciava de esclarecimentos officiaes, que o ministro appensava á sua nova proposta.

Consistia esta em subtrahir a distribuição da contribuição pessoal ás juntas geraes, e encarregar della o delegado do thesouro; visto como deve ser egual para todos os concelhos a percentagem complementar, harmonisando assim este serviço de imposto com o que o ministro regularisou a respeito da contribuição industrial, simplificando o serviço e estabelecendo a egualdade no lançamento da quota complementar.

Sendo dois os elementos constitutivos da contribuição pessoal: — taxas fixas, e percentagem complementar sobre a renda ou valor de locação dos predios de habitação — o ministro inseria na mesma providencia a reducção das taxas impostas aos donos de cavalgaduras nas terras de quarta, quinta e sexta ordem.

Por ultimo exemptava de contribuição pessoal os criados empregados no serviço dos collegios d'instrucção e educação.

Depois das reformas recentes introduzidas na *organisação* tributaria do paiz, e sem se estudarem á

luz dos factos e dos resultados praticos, quaesquer innovações são aventurosas, quando as não justificam os principios capitaes sobre que assenta a theoria do imposto, não as reclamam desegualdades innegaveis, e as não solicitam os prejuizos do estado ou os vexames dos contribuintes. Toda a sobriedade pois em tocar nos assumptos tributarios é aconselhada pela sciencia e pelo bom senso.

Mas as mais bem pensadas reformas neste melindroso e complexo objecto de economia social encerram imperfeições, e revelam inconvenientes, que o tempo mais e mais denuncia e condemna com a sua auctoridade imparcial. A estudar o modo por que o novo machinismo tributario funcciona, a investigar attritos que o possam empecer em algumas de suas rodas, tem o sr. Lobo d'Avila consagrado assiduo zelo; e algumas das providencias por elle apresentadas e tendentes a modificar a reforma tributaria, não podem ser tomadas á conta de censura invejosa do systema implantado pelo sr. Casal Ribeiro com largo talento e serio estudo, mas como lições da experiencia, colhidas do tracto diario dos negocios financeiros por quem sente sobre os hombros o dever e a responsabilidade de gerir os recursos do estado.

Todos nós vimos o actual ministro da fazenda a prescindir, em pleno parlamento, d'uma contribuição que tira mais ao contribuinte em vexames, do que deixa ao estado em rendimento. Abrindo mão delle, acaso o ministro não acatou na esphera pratica dos negocios o principio a que rendemos homenagem nos dominios especulativos da sciencia? Pois justifica-se o imposto, para arrecadar o qual nas arcas do erario se tornam indispensaveis cardumes de exactores, cujos salarios absorvem a maior parte do tributo? Pois não é incentivo para a fraude, na phrase de Adam Smith, o imposto «estabelecido pouco judiciosamente?» Pois as multas e as execuções judiciaes, que expõem os contribuintes ás vexações dos exactores para apurar um tributo, de que o estado extrahe mais violencias do que lucros, poderão abonar a excellencia economica d'algumas contribuições, que carecem remodeladas, e outras supprimidas? Não estão accordes em condemnal-o o venerando patriarcha da sciencia, e depois delle tantos economistas, Stuart-Mill, Bastiat, e Mac-Culloch na sua obra sobre o imposto? Este tem sido o estudo conscienciosо e perseverante do ministro, cuja gerencia, como os proprios e mais difficeis antagonistas o confessam, muito longe de se arrastar nos

ocios da indolencia, á imitação dos ministros d'entremez politico, se compraz em affirmar sua incessante laboriosidade em quotidianos documentos, que não podem ser adulterados nem truncados ao sabor das animadversões partidarias.

XV

Em 23 de janeiro começou a discussão de resposta ao discurso do throno. A opposição exultava de alegria. Os seus melhores alfagemes haviam temperado as armas fataes com supersticioso escrupulo. Fôra decidido que o ferro d'uma eloquencia assassina havia de rasgar as entranhas ministeriaes! Dos arraiaes da colligação olhava-se com profundo desdem para a arraia-miuda da maioria, para aquella villanagem ruim da intelligencia, manadas vis de porcos d'Epicuro, que se atascam nos monturos.

Valia bem a pena de tão nobres generaes, precedidos de explendido cortejo de triumphos, esperdiçarem os segredos da tactica dos Turennes e dos Fredericos com a paisanada guerrilheira da maio-

ria, que, á laia dos Parthos, despediria os tiros, fugindo!

Era trivial dizer-se e repetir-se entre os pagens d'armas dos illustres capitães da eloquencia, que a maioria não tinha entendimento, e não sabemos tambem se lhe negavam memoria e vontade!

O dito corria, e mais de um politico soez repetia-o machinalmente, persuadido que soltava uma maxima de Salomão, ou de Pascal! Contavam-se pelos dedos os adversarios que não abriam a boca, e tirava-se por consoladora conclusão, que a praça ministerial se entregaria á primeira investida, por serem bisonhos os assediados, e carecerem absolutamente de projectis. Era delicioso!

Allucinada com a vertigem da matança em pleno parlamento, e ás barbas da multidão, debalde alguns amigos mais piedosos recommendaram á opposição, que não esquecesse o preceito do drama antigo:

Nec pueros coram populo Mœdea trucidet,

poupando ao povo o espectaculo sanguinario.

Sinistra como o vulto de Hamlet sobre os pinaculos das montanhas toucadas de melancolicas bru-

mas, a fronte da opposição encrespara-se de rugas ameaçadoras e lugubres; mais afouta porém, do que o heroe de Shakspeare dilacerado na sua peregrinação fatal pelas urzes ensanguentadas da descrença, acreditava na victoria, e preocupava-se dos renques. de esquifes que seria necessario alinhar nas alamedas funerarias dos cemiterios para accommodar as victimas!

Ainda assim, Hamlet entre os tumulos era menos terrivel porque se compadecia do pobre Yorik, e pranteava Ophelia com dôr sincera.

Lembra-nos ter lido algures—o dizer-se vulgarmente entre os lacedemonios, que o seu territorio se estendia a todos os logares onde podia alcançar. o ferro de suas lanças. A colligação parlamentar, principalmente a fracção regeneradora, parodiava o dito lacedemonio a respeito da eloquencia irresistivel dos seus chefes, dizendo que as victorias se dilatavam por todos os logares aonde alcançasse a voz de seus oradores. Tantas esperanças ambiciosas desfolharam-nas os acontecimentos, confundindo-as no pó das vaidades e dos desastres!

Abriu a discussão o sr. Fontes. Orador grave e habil nas manobras parlamentares, decoroso na phrase, e polido nas maneiras, mais fluente na ex-

pressão do que litterario na fórma; dotado de physionomia animada e digno no gesto; resgatando pela vivacidade meridional da elocução, frequentemente enrubecida da chamma das paixões, a penuria das imagens e o pallido colorido da phantasia, o sr. Fontes faz-se escutar com agrado, não sendo um dos menos poderosos auxiliares para lhe conquistar o silencio attento da camara, o timbre sonoro da voz, que elle desprende sem a menor hesitação.

O chefe da opposição discursou sobre o nascimento do ministerio, viu n'elle uma monstruosidade politica, um filho adulterino d'uma recomposição que affrontára as normas do pudor constitucional, e aggrediu em termos cortezes mas vehementes a ultima nomeação de pares.

Alludindo á sua posição pessoal, declarou que nunca estivera filiado nos velhos partidos, com o que ficaram enleados de confusão todos os que sabiam que o primitivo baptismo politico do sr. Fontes não lhe havia sido conferido nas aguas da regeneração; mas os registros publicos não se prestavam docilmente á moderna genealogia, em que o sr. Fontes se enxertara com certa liberdade d'imaginação, verdadeira surpreza em orador tam sobrio de phantasias.

Relanceando os olhos pelos motins e tumultos que haviam surgido em alguns pontos do paiz, o orador leu n'elles mais os indicios da antipathia publica, do que o mau fermento das conspirações. Homem de governo, e educado sob os preceitos d'um vulto notavel da escóla doutrinaria, da que não vê na compressão e na resistencia obstinada a salvaguarda das instituições, o sr. Fontes não fez a apologia da revolta, mas quasi a desculpou, á força de carregar de tintas sombrias a popularidade do governo. Em outra discussão, após os tumultos da Povoa de Lanhoso, e quando as paixões se inflammaram, o sr. Fontes havia exclamado, «que governos anormaes não podem dar de si senão situações anormaes.» O orador, n'estas palavras, alludia á alteração da ordem publica. Pronunciadas na occasião em que o foram, não pareceriam mais complacencia do que severidade? E comtudo, as labaredas do incendio começavam de avermelhar os horisontes politicos. Imprudentes palavras, que de certo os agitadores não deslembrariam, quando lidavam na mina tenebrosa, de que era explosão a revolta de Braga!

Na censura do procedimento do governo para com os soldados de caçadores 3, mais gravemente implicados n'aquelle acontecimento, é que o sr. Fon-

tes concentrou todo o vigor de suas aggressões, esforçando-se por mostrar, que o governo desacatara a santidade dos principios e prostergara a religiosidade das formulas, terminando com um additamento ao discurso de resposta, relativo a este incidente.

Levantou a luva por parte do governo o sr. Mendes Leal, ministro da marinha.

Escriptor eminente, um dos primeiros poetas e dos mais cultos prosadores do paiz, fecundissimo e o mais laureado dos nossos auctores dramaticos, jornalista cheio d'atticismo e de graças d'estylo mesmo no centro das mais aridas e violentas polemicas, o sr. Mendes Leal é um dos mais distinctos vultos da moderna historia litteraria de Portugal. Pennas brilhantes, e entre ellas a do douto philologo e elegante critico, o sr. Silva Tullio, se desempenharam do difficil e honroso encargo de commemorar em paginas perduraveis as glorias litterarias do inspirado poeta e erudito escriptor.

Devemos porém resumir em breves linhas a carreira parlamentar do ministro da marinha, que alcançara a pasta, disputando-a nobremente nos certames aonde só o talento, sorrindo a fortuna, confere *as palmas* verdejantes. São as lutas do parlamento

uns como novos jogos olympicos aonde eram coroados successivamente «o vigor do athleta, a pericia do artista e o genio do poeta.» Ministros podereis encontrar mediocres e nullos, erguidos sobre os pavezes dos legionarios de ante-camara, covardes e tropegos nos combates ao ar livre da tribuna, só afoutos e incançaveis nas lutas surdas do mexerico e da calumnia, d'onde o talento é proscripto, e a lealdade votada ás gemonias.

Acreditae, porém, que o homem publico, que durante annos tem só a palavra por espada com que defender os golpes de adversarios consummados na dextreza das evoluções, e á sua vez os ferir, prostrando-os estatelados no chão, esse possue verdadeiro talento; e difficil será, que ás prendas da intelligencia não reuna as do animo, porque para não desfallecer em diarias e incessantes refregas são necessarias perseverança e coragem não vulgares.

Data a carreira parlamentar do sr. Mendes Leal de 1851, em que o actual ministro da marinha foi eleito deputado da opposição pelo circulo de Beja, sem para isso carecer de mendigar favores aos correligionarios a que prestou sempre desinteressado concurso.

Durante aquella sessão, onde se agitaram largas

e graves discussões, o sr. Mendes Leal tomou parte na da resposta ao discurso da corôa, impugnando, como illegal, o modo por que se votara o acto addicional, mas acceitando-o sem reserva desde que foi lei do estado.

Nas eleições a que se procedeu em 1852, em virtude de haver sido dissolvida aquella camara, o sr. Mendes Leal, no mesmo circulo que o honrara com os seus suffragios, perdeu a eleição por muito poucos votos, sendo-lhe annulladas as listas obtidas n'uma assembléa por não conterem completo o seu nome de candidato. A mutilação do nome foi-lhe garrote eleitoral.

Em 1858 voltou á camara o sr. Mendes Leal, eleito pelo circulo da Feira, merecendo dos seus collegas a honra de ser nomeado presidente da commissão diplomatica, secretario da de instrucção publica, e relator da de resposta ao discurso do throno. Pode dizer-se, que em nenhuma das questões de momento então suscitadas (e numerosas foram ellas), deixou de tomar parte activa o sr. Mendes Leal. O discurso que pronunciou no grave assumpto do *Charles & Georges*, se manteve o lustre da tribuna pela energia dos pensamentos e pela *correcção rigorosamente litteraria* da linguagem, sem-

pre ornada e graciosa, honrou o orador pelos sentimentos de vivaz patriotismo.

N'esse discurso, a phrase do poeta orador, eminentemente portugueza no pundonor e nos affectos, vindicou com eloquencia viril as affrontas da prepotencia á dignidade da nossa bandeira.

Não sorriu benigna a fortuna ao distincto orador nas eleições immediatas, em que se propoz candidato por Portalegre, reparando-lhe pouco depois o momentaneo revez com o diploma de deputado pelo circulo de Mafra, pelo qual foi reeleito, depois de haver entrado para o ministerio.

Poucos dos oradores que sobem habitualmente á tribuna, teem tão correcta phrase e tão fino atticismo de expressão, como o sr. Mendes Leal, que ás primeiras palavras, trahe o homem de lettras, e o professor d'um curso superior de litteratura. Á perfeição irreprehensivel da linguagem allia o sr. Mendes Leal raptos felizes de phantasia e vivos movimentos de sensibilidade, que derramam sobre as suas orações o perfume do sentimento, e o calor da eloquencia.

Respondendo ao chefe da opposição, e seguindo-o passo a passo nas veredas da divagação politica onde imprudentemente se entranhara, o sr. Mendes Leal

fez emmudecer as arguições audazes e imprudentes.

Á inconstitucionalidade da origem do gabinete respondeu o ministro da marinha, expondo as unicas soluções possiveis. Consistiriam ellas em a opposição investida no governo addiar a questão do ensino? Era impossivel em tão palpitante negocio a tactica cunctatoria, que seria a hypocrisia da impotencia. Governar com as ideas da maioria da camara electiva? Depois dos discursos dos chefes da opposição, discursos elevados á cathegoria de profissão de principios, tal fluctuação seria o escandalo da incoherencia e da leviandade. Abandonar-se aos influxos da camara hereditaria, anteriores á ultima nomeação de pares? Os perigos seriam-immensos, porque era uma provocação temerosa ao paiz.

Sinceramente, os pedagogos de pureza constitucional estavam sendo castigados com a propria ferula.

Passando em revista as demais arguições formuladas pelo chefe da opposição nas apreciações de generalidade politica, e descendo á confutação dos argumentos, com que o sr. Fontes quizera demonstrar a enorme e prepotente infracção das leis, o ministro sepultou as declamações vagas na evidencia dos factos e na lettra dos preceitos legaes.

Contara-se a historia sinistra de horrores perpe-

trados pelo governo contra soldados portuguezes. Dissera-se, ou pouco faltou, que do governo se apoderára a colera de Achylles contra um punhado de militares, e que era apenas digna das Eumenides a sanha com que saciara nas victimas indefensas o phrenesi da vingança. Historia negra em estylo negro!

Apontando para esta sensibilidade, que só tinha um olho como os Cyclopes para verter lagrimas sobre os soldados insurgidos, mas que não se humedecia sequer de tenues prantos para lamentar a victima corajosa do dever, elevou-se o orador do gabinete a um bello movimento de pathetica e apaixonada eloquencia, que não resistimos a reproduzir.

«Ah! sr. presidente, caiu o infeliz Vasconcellos, varado de um terçado, e depois de caído, indignamente fuzilado; e para esta victima heroica do dever, da lealdade e da coragem, não houve commiseração, não houve lamentos, não houve lagrimas, não houve sensibilidade! (*Muitos apoiados.*) Não teria esse tambem familia, parentes, amigos e affectos? E o que é mais, não estaria com elle a patria? Esperava eu que o illustre deputado com a superioridade do seu espirito levantasse a voz neste sentido. Ah, sr. presidente! Se aquella cadeira (*do lado es-*

querdo) não estivesse viuva do grande orador, por tantos annos explendor desta casa e orgulho do paiz (*Muitos apoiados.*) como a sua poderosa voz cheia de commoção trovejaria para chamar todas as almas a este sentimento de justiça e de decoro! (*Muitos apoiados.*) Elle, só elle poderia abalar-vos e persuadir-vos. Eu apenas posso apontar para o cadaver, que ficou para tropheu de fidelidade e dizer-vos: ali, ali é que está symbolisado o honrado e leal exercito portuguez, de que o chorado orador fez parte em dias gloriosos, e que hoje saberia exaltar em palavras sentidas! (*Muitos apoiados.*) Está ali; e desgraçado o povo, desgraçado o paiz, miserrima a nação que assim não pensasse.» (*Muitos apoiados.*)

Nobres palavras! honestos sentimentos! Esta não é só a voz da eloquencia; é a voz do decoro, da honra, do dever e da razão! Ainda bem, que ella echoou na tribuna d'um povo livre, e que tam eloquentes brados podem ser repercutidos com orgulho nestas pobres paginas, para revelar que os affectos elevados e generosos temperam a aridez das lutas, das ambições e dos odios politicos, como a verdura e fresquidão dos *oasis* refrigeram o viajante nas solidões ardentes do Sahara.

XVI

Subiram á tribuna após estes, outros oradores importantes d'um e d'outro lado da camara. Os pontos d'arguição escolhidos pelo sr. Fontes foram seguidos fielmente pelos oradores da opposição. A origem inconstitucional do ministerio, a politica imprudente e provocadora do governo e arbitrio violento e despotismo vingativo na ida para Africa dos trinta soldados, mais gravemente envolvidos no episodio revolucionario de Braga; eis os topicos exclusivos dos discursos dos deputados da opposição. Limitada principalmente a estes tres pontos a violencia do ataque, a defesa dos oradores ministeriaes estava delimitada pelo circulo mesmo da aggressão.

Impossivel nos é resumir tantos e tão largos discursos, que occuparam onze sessões, e em que a despeito da imaginação e da vontade dos oradores, as repetições eram constantes, reproduzindo-se — as mesmas e invariaveis — as theses capitaes da discussão.

Ao sr. ministro da marinha succedeu na tribuna pela opposição o sr. Antonio de Serpa, elevado e

serio talento, cuja digna serenidade durante a sessão legislativa, não excluindo a energia no ataque, deveria ter sido modelo a alguns dos seus correligionarios. Sob uma frieza quasi glacial, o sr. Antonio de Serpa vibra phrases aceradas como uma espada ao peito dos adversarios: «*Il cache sa griffe sous la patte de velours*», dizia d'outro, um homem notavel da côrte de Luiz XVIII.

Respondeu ao sr. Serpa, o sr. Faria Blanc, discursador fluente, seguindo-se o sr. Claudio José Nunes, relator da commissão de resposta — honra parlamentar alcançada com um festejado discurso na questão importante das congregações religiosas.

Além dos precedentes oradores sustentaram a discussão, por parte da opposição, o sr. Thomaz Ribeiro, o joven auctor do *D. Jayme*, e orador a quem a musa da eloquencia não recusa os favores de uma inspiração feliz nas poucas vezes que a sua modestia o faz trepar os degraus da tribuna; e o sr. Nogueira Soares, jurisconsulto de merecimento, e experiente das manobras parlamentares, a respeito do qual no ardor das polemicas da imprensa, por occasião de relatarmos os incidentes desta renhida discussão, e sob o influxo de informações de *cuja inexactidão* alcançamos segura mas tardia con-

vicção, formulamos n'um jornal politico severas mas injustas apreciações.

Alternaram-se com estes dois oradores, em defesa dos actos do governo, o sr. visconde de Sá, ministro da guerra, cujas mutilações honradas nos combates da liberdade encerram mais eloquencia do que as apostrophes a frio de todos os rhetoricos e declamadores; e o sr. Luciano de Castro, que surprehendeu a camara com um discurso verdadeiramente memoravel, e que lhe conquistou honroso logar entre os primeiros oradores da camara. Mais surprehendida ainda estava a opposição, vendo-se assoberbada pela vehemente *philippica*, e retalhada pelos golpes fundos do orador.

No mesmo dia em que foi pronunciada a notavel oração, em 30 de janeiro, escrevemos n'um jornal as seguintes linhas, que apenas reproduzimos como recordação das nossas impressões:

«Acabamos d'ouvir, escreviamos nós, a mais vehemente e inspirada oração politica que ha muito tempo tem acordado os echos da camara dos deputados. Foi mais do que uma lucta de athleta parlamentar, tão dextro nos movimentos e evoluções do certame, como herculeo nos musculos que comprimem o adversario e o prostram desfallecido no pó.

«Foi a manifestação da eloquencia, mas da unica eloquencia adequada á indole moderna das assembleas deliberantes, servida poderosamente por uma palavra animada, correcta, fluente, e pittoresca; palavra que nunca hesita nem afrouxa, mas que pelo contrario se esmalta de cores, se aviva de chammas, e se afouta e precipita sobre os adversarios com brilhante intrepidez.

«O discurso do sr. José Luciano de Castro, pronunciado hoje na camara electiva, é o horoscopo infallivel dos elevados destinos do talentoso deputado na tribuna parlamentar, tão povoada de falladores triviaes, como quasi deserta de oradores brilhantes, sobre tudo depois do pesado luto em que se conserva e conservará — Deus sabe por que tempo — pela dolorosissima e irreparavel perda de José Estevão, do orador incomparavel.»

Alludindo á cumplicidade moral da opposição nos lamentaveis acontecimentos de Braga, acontecimentos que ella attribuia á politica e ás provocações do governo, escreviamos nós:

«Se o sr. José Luciano abriu fundos golpes nos seus contendores, quem provocou tão severas retaliações?

«*Pois* a opposição não quer respirar o ar livre das

discussões serenas, refugia-se nos pulpitos ruraes, introduz-se nas casernas dos pretorianos, semeia intrigas, propalas boatos, faz luzir a sedição militar aos lampejos do ouro corruptor, e, perdido todo o recato, vem desgrenhada como a Nemesis, imputar ao governo e á maioria os tumultos e motins, as assuadas e insurreições que preparou e protegeu?»

. . . . . .

Depois d'alguns periodos, em que divagavamos por considerações mais ou menos ligadas com os incidentes da discussão, concluiamos as impressões escriptas, vê-se, no ardor da improvisação, trahido nas incorrecções do estylo, com os seguintes periodos:

«Não resenhamos, por nos faltar o tempo, as partes principaes deste discurso, cujo merito principal é provar, que o genero da eloquencia politica não morreu entre nós, mas ao contrario, que exalta a alma e engrandece o espirito, quando é cultivado por eloquencias distinctas e intelligencias vigorosas.

«Não podemos, porém, esquecer que a defesa do partido progressista e das suas brilhantes tradições historicas, recrutado pela maior parte entre as mais gloriosas victimas que padeceram nas amarguras do desterro e nos homericos combates da liberdade, foi

não menos cheia de verdade do que de apaixonada eloquencia.

«A camara cobriu d'enthusiasticas acclamações esta nobre defesa, que foi ao mesmo tempo a condemnação dos partidos anonymos — especie de bohemios — sem deuses lares, sem culto de familia, nomades e vagabundos, para quem é insupportavel a historia, por não poder registrar-lhes feitos e glorias, que os não doiram com seus fulgores nem os cercam d'immortal aureola.»

Seguidamente a este discurso, escutou a camara ao sr. Gomes, deputado da opposição, cuja palavra urbana e litteraria se reveste frequentemente das graças da phantasia, desabotoando-se risonhas como as rosas em manhã de primavera; orando depois o sr. Costa e Silva, orador que ao mesmo tempo mistura as formas severas e didacticas que denunciam o magistrado, nos chistes e nas observações maliciosas, carecteristico das prendas do humorista.

Como que para coroar os esforços pertinazes da opposição nesta luta desesperada, desceu á arena o sr. Casal Ribeiro, o primeiro talento e a mais opulenta palavra da opposição em recursos oratorios, nos quaes sobreleva, distanciando-se immensamente, *aos mais* dextros e felizes de seus correligionarios.

Mais impetuoso do que o sr. Fontes, o sr. Casal Ribeiro depois de formular em energicas apostrophes as violencias e os desregramentos do poder, e de exprobrar aos ministros a sua impericia, declarou á camara que elles se estorciam nas convulsões da agonia.

Levantou a luva o sr. Lobo d'Avila; e a desaffronta, se foi aspera, como não podia deixar de sêl-o depois das arguições ferinas, fôra comtudo provocada pela virulencia da accusação, exaggerada pelas suggestões perfidas da paixão.

Inexoravel na argumentação, o sr. Lobo d'Avila desfez as apostrophes entumecidas contra as recomposições ministeriaes, evocando os registros publicos da regeneração.

«Mudam-se os ministros, e permanece sempre immovel e inaccessivel ás tempestades o sr. duque de Loulé,» tinham exclamado os accusadores. «E vós que fizestes, vós que vestis a candida tunica das virgens da legalidade? Quereis ouvir a vossa historia, senhores da regeneração?

«Nos vossos ministerios, presididos sempre pelo sr. duque de Saldanha, succederam-se umas após outras onze recomposições, duas dissoluções, tres adiamentos, e duas dictaduras.»

Eram estas pouco mais ou menos as palavras do ministro, que não satisfeito ainda, lia com cruel serenidade nos documentos officiaes a formação dos differentes ministerios da primeira regeneração, onde as recomposições se succedem com a celeridade da locomotiva, entrando agora um ministro, saindo logo outro, arremessando fóra pelas portinholas do omnibus ministerial já ao sr. Garrett, já ao sr. Seabra!

A regeneração, apesar de condecorar-se a seus proprios olhos com o suave epitheto de «*delicias do genero humano,*» decretado na antiguidade pagãa a um celebre imperador, descartava-se dos ministros que lhe aborreciam, como as castellãs da torre de Nesle se desfaziam dos amantes de que estavam saciadas. Como a bella Veneza, ella tambem tinha o seu canal Orfano, onde precipitava as victimas do seu desagrado.

Pois tantas serão as pretenções, Deus de bondade! que a escola ultra-romantica de duas dictaduras, em que o sr. Fontes primou, se inculque por lyceu da litteratura pura e classica do systema representativo?

Percorrendo os largos dominios da generalidade politica, o ministro de fazenda desenhou com traços vigorosos a impotencia d'uma opposição matizada de *todas* as côres, gravida de elementos dissolventes, e

que na sua mesma estructura tinha o germen da ruina. E comtudo eram estes invalidos os que se jactavam de fortes, intimando melo-dramaticamente aos adversarios a valla dos mortos! Vaidosa arrogancia de vida e de saude em quem não exhibia os proprios boletins sanitarios em boa e devida fórma! Declaravam empestados os contrarios, elles! emigrados clandestinos do lazareto com manifesta ameaça da hygiene politica! Taxavam de deleterios os miasmas ministeriaes, elles! os insalubres por excellencia.

A opposição provocara as retaliações com imprudentes descommedimentos, e o ministro de fazenda apparecia-lhe como a estatua do commendador, implacavel e tremenda. D. Juan tambem coroara os delirios e as seducções pelas blasphemias e pela hypocrisia. Depois da terrivel apparição, a terra abria-se engulindo-o nos abysmos!

A opposição tambem desapparecia, mas para dentro em breve resurgir, delirante, raivosa, espumante de colera, ululando vinganças, como um jambo vivo d'Archiloco, ou uma irmã de Plutão.

O projecto de resposta foi approvado por 77 votos contra 51, após onze sessões de obstinada luta, transportando-se esta discussão, de que pendia a exis-

tencia politica do governo, para o recinto da camara dos pares.

Ao mesmo tempo, na camara dos deputados choviam uns sobre outros os incidentes e as moções politicas, desencadeando-se as furias de preferencia contra o ministro da fazenda. Era uma dança macabra de votos de censura e de interpellações fulminantes. Uma guerra toda irregular, uma campanha de surprezas e ciladas como só as sabem fazer os Kabilas e os Bachi-Bozoucks!

XVII

Mais uma vez desfilará ante os olhos do leitor o cirio de tres pavorosos fantasmas: a origem inconstitucional do ministerio, a remessa dos trinta soldados para o ultramar, e o grande emprestimo de Londres: a este maligno trasgo destina o sr. Antonio José d'Avila com impaciencia d'artista as côres tetricas da sua palheta financeira.

E não cuideis, ó amigos da brevidade, deste preceito o mais consolador de todos os do classico *professor* de eloquencia — não cuideis, que fosse

uma discussão de horas ou de breves dias, a que vamos não desenrolar em larga téla, mas apenas esboçar de corrida, em toques rapidos.

Sob o predominio da facção tyrannica que actualmente nos avexa, (estylo de jormal mata-moiros) extinguiu-se a dynastia das discussões de curto folego. Não é já por semanas, mas sim por mezes, que se conta a duração de uma controversia parlamentar. Graças a Deus, que, em compensação das coisas que a cada instante nos abreviam a existencia, temos a discussão bolorenta e rancida; a discussão cheirando o bafio como a sala reservada de madura celibataria, dada a confessores e a *lausperennes*. Temos a discussão tropega, a suster-se em moletas como os pobres do asylo, rabujenta como as polemicas das gazetas; a discussão Mathusalem, calva e desdentada na eloquencia, mas pondo peruca, vestindo queixadas de Mr. Vitry — impudente sophisma dos beijos apaixonados — e pompeando em arrebiques e ademanes gaiteiros as graças postiças da mocidade.

Em se celebrando uma exposição universal de garrulos, estou que poderemos afoutos justar na liça.

Creio sinceramente, e creio com todo o fervor da

fé, que voltaremos do torneio ajoujados de premios, laureados de menções honrosas. Então se poderá dizer com desaffectado respeito, para os homens-productos, que lograrem os despojos opimos do certame: «Aquelles foram premiados na exposição universal. São os mais genuínos e acabados de todos os falladores europeus.»

Mais um brasão de gloria para o paiz e para o systema representativo! Distantes vão os tempos — tempos fosseis! — em que o proloquio popular «Quem muito falla pouco acerta» parecia não abonar o criterio dos palreiros. Que nescios avós os nossos! A sabedoria e o bom senso não residem no reflectir grave, no dizer acertado e sobrio. Velharias tudo isso! Quereis saber o que é o talento? é a garrulice espivitada como a lacaia do entremez antigo, a ejaculação verbosa, a palavra medida aos metros — especie de cobra-cascavel, que ensurdece os auditorios com o ruge-ruge de grosseiros solecismos.

E dizem que o apagador é o bicho damninho, o parasita das plantas parlamentares! O apagador! arremessado com aristocratico desprezo para a somenos hierarchia dos ostiarios da camara! O apagador! para quem os pavões da oratoria, mirando-se *na* plumagem variegada de sua mestiça loquella,

olham tumidos d'altiveza, como os senadores das mais nobres familias do patriciado romano encaravam os seus pares em dignidade politica, menos illustres pela ascendencia: *patres minorum gentium.*

Que o apagador algumas trevas tenha feito em assumptos que a boa, decente e inspirada eloquencia carece de allumiar, não o contestaremos; mas por esses damnos, felizmente solitarios, quantos bens! quantos favores, quantas redempções! Por algumas trevas quanta luz! Mysteriosos são os processos e instrumentos da Providencia: não blasphememos do apagador. Na cerração das tormentas palavrosas elle é o santelmo protector, cujo fogo só poderão avistal-o com indisivel delicia os mareantes do oceano de de S. Bento, — bravio como nenhum outro mar — no que são accordes as cartas hydrographicas dos mais encanecidos navegadores politicos. Pois viva o apagador!

Trinta e um dias foram consummidos, na camara dos pares, em discutir e approvar a resposta ao discurso da corôa! Intervieram no debate todos os oradores da camara: d'entre os srs. Aguiar, Avila, bispo do Porto, Sebastião de Carvalho, marquez de Vallada, conde de Thomar, Ferrão, Fonte Arcada, Cardeal Patriarcha, atacaram uns a politica geral do

governo, outros a execução do decreto de 2 de janeiro sobre a apresentação de beneficios ecclesiasticos. A defesa dos actos ministeriaes e das disposições do decreto que levantou na camara o incidente religioso, absorvendo quasi o debate politico, foi sustentada pelo presidente do conselho e por todos os ministros, e pelos srs. Rebello da Silva, Moraes Carvalho, Ferrer, Julio Gomes e visconde de Porto-Carrero.

Não cabe nas modestas proporções deste livro, excede o singelo proposito delle, o fazer a historia parlamentar da sessão, para que nos fallecem indispensaveis elementos. Impossivel nos é, pois, resumir — cada um de per si — os longos discursos que foram pronunciados em tão vasto debate. Seria essa tarefa assumpto de sobra para um substancioso volume; e, mesmo que a quizessemos tentar, não o poderiamos sem excluir de laconico registro as grandes reformas implantadas durante a sessão legislativa que acaba de encerrar-se, fito exclusivo destas rudes paginas. Nesta difficuldade imposta pela indole e intuitos da nossa humilde escripta, indicaremos apenas os discursos deste debate de um mez, mais notaveis pela opulencia da forma ou pela auctoridade *politica* dos oradores.

Rompeu o debate o sr. Aguiar, nobre ancião d'uma nobre causa, mas cujas opiniões não professam nem reconhecem como orthodoxas muitos dos soldados que o proclamam por chefe. Breve no seu discurso, e pouco vehemente na aggressão, via-se que mais a complacencia para com a colligação a que tem prestado a honra do seu nome respeitavel, do que a entranhada convicção das iniquidades ministeriaes o impelliam á brecha.

O presidente do conselho, com cujo silencio se tinha querido especular na camara dos deputados, respondendo ao sr. Aguiar, expoz sem tergiversações nem rodeios a doutrina da solidariedade ministerial.

Não havia só um ministro responsavel pelo acto relativo aos soldados envolvidos na sublevação de Braga; todos o eram egualmente perante o espirito e a lettra da constituição: assim se expressou o chefe do gabinete.

A opposição ficava sabendo, que o duque de Loulé não desaproveitara a opportunidade de trocar com ella um cumprimento affectuoso, fazendo-lhe sentir, que não estava disposto a isolar-se do destino, que porventura tivessem de correr os seus collegas, ainda os mais cordialmente detestados pela opposição.

Ao presidente do conselho seguiu-se o sr. Antonio José d'Avila. O ex-ministro, percorrendo rapidamente o circulo das generalidades politicas, manteve as apparencias de se preoccupar mais com o exame das questões financeiras do que com as controversias irritantes da paixão politica.

Procurando evitar o thema da remessa dos soldados para o ultramar, apartou-se da trilha batida sem exito pelos oradores da opposição, cerrando o coração e a eloquencia á exhausta sensibilidade de que se haviam fiado ambiciosas esperanças e assegurado — oh illusão! — a virtude mirifica de apagar do manto da colligação as maculas reaccionarias, indeleveis e vivazes desde o debate sobre a lei do ensino e das congregações religiosas.

Concentrando os ataques no grande emprestimo de Londres — these que senhoreou os seus dois extensos discursos — o sr. Avila respondia, embora tardiamente, ás anciedades da opinião, surpreza e enleada com o inteiro silencio guardado na camara dos deputados pelos primeiros oradores da opposição, a despeito do ardor apparatoso com que se havia solicitado documentos, invocado a urgencia delles, e forjado suspeitas, qual mais deprimente, contra o *ministro* da fazenda.

Por outro lado, e este era o mais importante para o ex-ministro, essencialmente pessoal nos seus intuitos, o sr. Avila aproveitava o ensejo de desprestigiar em confrontos e remoques, que mistura sempre com a propria apotheose, uma operação financeira que o antigo ministro não se saciaria de celebrar nas pomposas strophes da sua prosa parlamentar, se fôra elle quem a tivesse realisado. A estas conveniencias acrescia a de rememorar a historia da sua economica e fecunda gestão financeira, e fazer a apologia dos seus actos, grato dever que o sr. Avila se compraz em desempenhar com solicitude sinceramente paternal.

O ministro da fazenda seguindo passo a passo o aggressor, traçou largamente as vantagens do emprestimo, historiou o modo por que procurara atenuar os encargos delle resultantes; e, em opportuno retrospecto, apontou no antagonista precedentes de todo o ponto eguaes aos actos que, a proposito da applicação de certas verbas do emprestimo, eram incriminados na sua pessoa com injusta severidade.

Durante duas sessões, sem esmorecer nem vacillar, recrescendo-lhe os brios á medida das aggressões, não recuando um passo da linha traçada na arena, se travará corpo a corpo o ministro recem-

vindo á esphera dos negocios e aos dominios da responsabilidade, com o adversario duplamente forte pela capacidade e pela diuturna experiencia.

Neste duello parlamentar não se revelou apenas a elevada intelligencia do sr. Lobo d'Avila, já documentada em 10 annos de certames de tribuna; evidenciava-se a differença profunda que separa a escola dos dois financeiros: a do ex-ministro zelosa, até á predilecção exclusiva, dos promenores regulamentares, das minucias d'expediente, da vigilancia material, que reduz o gestor da fazenda a automatico Cerbéro das arcas do estado, latindo apenas quando se apercebe d'alguns chavos de cobre a evadirem-se por uma ou outra fisga mais dilatada do erario: a do sr. Lobo d'Avila inspirando-se do estado das forças productivas do paiz, do desenvolvimento economico da sociedade, não pretendendo immobilisar com *finanças* rotineiras e estacionarias os commettimentos progressivos da civilisação, antes ajustando-as ás expansões crescentes da industria e do trabalho, e á transformação social operada por novos habitos e necessidades, por novos agentes de economia publica.

Um piedoso prelado, modelo de virtudes evangelicas, e que colhera palmas vicejantes no longinquo

apostolado do Oriente, o sr. bispo do Porto, veio arredar o debate das regiões financeiras e economicas protestando em plena camara contra as disposições do decreto de 2 de janeiro de 1862, referendado pelo então ministro da justiça, o sr. Moraes Carvalho, as quaes capitulou de offensivas das preeminencias dos bispos, e das prescripções dos sagrados canones. Queremos esquecer-nos, a bem do episcopado, da memoravel sessão em que, pares, deputados e galerias apinhadas de espectadores comtemplaram um pastor do rebanho de Christo, esquecida a natural mansidão, transformando o baculo, emblema do sacerdocio suave e incruento, em arma de vindictas; trovejando elle — mensageiro da concordia e submissão — o desacato e sublevação contra os mandados do poder civil n'uma philippica clerical, expectorada com voz colerica, olhar torvo e faces roxas, da côr das vestes!

No auge do delirio ultramontano, o prelado portuense chegou a offertar-se repetidas vezes em holocausto ás iras de phantasiados Dioclecianos, exorando-os a coroarem a sua perseguição pelos horrores do martyrio, trucidando-o ali, sobre o pavimento da camara, entre o banco dos ministros e a mesa dos tachigraphos, na presença do venerando

ancião, presidente da camara, a quem o espanto petrificara na sua immobilidade nonagenaria.

Os parlamentos tem presenciado estes delirios. Luiz XIV arrojou-se a mais do que o virtuoso bispo: entrou na sala do parlamento com botas de montar, enormes esporas, e chicote na mão!

O ministro da justiça, magistrado severo mas de indole bondosa, poupou ao prelado portuense, com extrema e decorosa urbanidade, a dura punição da phrase, de que este se tornara merecedor pela allucinação theocratica não menos agreste na forma, do que impropria do caracter piedoso do orador, e da indole serena da assembléa.

Versado nas leis civis e canonicas, dispondo de elocução fluente, roborando as proprias opiniões com as citações doutrinaes e factos historicos, o sr. Moraes Carvalho, auctor do decreto impugnado, pronunciou um discurso cheio de lição, abundante de doutrinas, e em que as regalias do poder civil foram reivindicadas das invasoras pretenções da facção ultramontana. Se o sr. conde de Thomar não promette reviver no poder, distanciado d'elle pela corrente irresistivel das animadversões publicas, de que o impopular estadista é a mais saliente personificação, o chefe do partido conservador aproveitou

o ensejo de affirmar a existencia politica do seu partido, desmentindo o obito annunciado na camara dos deputados por oradores da colligação, de certo erradamente informados da disposição vividoura e saude robusta do partido conservador.

Pelo seu orgão mais auctorisado, este partido levantava nas mãos as signas partidarias, desfraldando aos ventos o moto e as côres!

Enganaram-se os credulos, que fiavam dos desalentos e revezes do conde de Thomar a abdicação voluntaria, ou pelo menos resignada da antiga supremacia, consentindo elle satisfeito em ser um assessor dos estadistas da regeneração, um auxiliar submisso dos esforços e ambições dos homens mais importantes desta fracção, abatida e prostrada, mas ainda ufana e vaidosa dos antigos triumphos.

O sr. conde de Thomar repelliu os desdens com que lhe fora intimado o fallecimento, e pronunciou uma verdade politica, que as vaidades por mais desatinadas não podem obscurecer, e é, que no actual estado dos partidos, só dois pode haver dignos deste epitheto, imponentes e robustos: o partido progressista, e o conservador; não passando as fracções intermedias, de cambiantes indecisos, de grupos ephemeros, de rotulos caprichosos e vasios de significação real.

Depois da morte solemnemente apregoada, acaso podia a resurreição ostentar-se mais petulante de vida, e confiada nos proprios destinos?

Se um ou outro orador olhavam ainda para os horisontes politicos, o incidente suscitado pelo bispo do Porto e pelo cardeal Patriarcha, incomparavelmente mais subtil e habil na opposição ao decreto de 2 de janeiro, lançou na controversia religiosa os oradores mais distinctos da camara, entre estes o sr. Ferrer, mantenedor incançavel das regalias do poder civil; o sr. Aguiar, que a despeito das allianças partidarias, não esquece as nobres tradições da universidade, e da dictadura liberal do Imperador, o que lhe aliena as simpathias de membros importantes da colligação.

O debate que crescera de gravidade com o incidente religioso, provocou um extenso e brilhante discurso do ministro da marinha, em que por entre flores de elocução correcta e litteraria, o sr. Mendes Leal explicou a transformação que se operara nos velhos partidos, transformação geral na Europa e tão profunda que gerára em Mr. Guisot, no paladino das leis do ensino durante as lutas de 1845, no auctor da «Historia da Civilisação na edade media,» *o antipoda* dos discursos e escriptos anteriores, o re-

cente escriptor da «*Egreja e a sociedade christã em 1861.*»

Fiel ao antigo partido cartista, desde o momento em que se realisou esta transformação, perigosa para as idéas novas, todos viram o sr. Mendes Leal, n'uma tribuna que elle engrandeceu por quotidianos escriptos, onde a energia e solidez da idéa transpareciam através das graças do estylo e dos primores de linguagem, todos o viram nessa tribuna empenhado em luta porfiosa e diaria, até ao momento de trocar a direcção de um jornal politico pelos pesados encargos de ministro, contra as pretensões exaggeradas do partido clerical e neo-catholico, no qual se transfundira o velho partido cartista.

Estas explicações destinadas a repôr a verdade historica dos factos deturpada pelos odios de partido, deu-as nobremente o sr. Mendes Leal, com inteiro desprendimento de tergiversações e argucias, que são a hypocrisia da defecção.

Abrangendo em vasto quadro todos os pontos capitaes das arguições levantadas contra a politica do governo, historiando os promenores e incidentes relativos á viagem a Roma do arcebispo de Goa, sustentando as regalias e independencia do poder civil no provimento dos beneficios da egreja, o discurso

do ministro revela justeza d'apreciações politicas, e solidos conhecimentos da historia e do direito ecclesiastico.

Coroaram o debate dois discursos do sr. Rebello da Silva, verdadeiros monumentos da bella e pura eloquencia parlamentar.

Prendado com imaginação opulenta e rica sensibilidade — as duas musas dos poetas e grandes improvisadores —; servido por facil e prodigiosa memoria — este thesouro dos oradores —; nutrido de vasta litteratura e de assidua lição dos mestres das sciencias politicas e administrativas; versado nos assumptos religiosos, que o seu talento senhorêa com a mesma felicidade com que esclarece uma these d'administração ou um problema de economia publica; litterato e critico eminente, distincto historiador, jornalista dextro nas polemicas, acerado nos epigrammas, malicioso nas ironias, o sr. Rebello da Silva reune a tão variados recursos, apreciaveis requisitos d'orador: presença agradavel na tribuna, voz sympathica, olhar expressivo, recitação correcta e desaffectada, traduzindo em apropriadas inflexões os movimentos da paixão e os vôos lyricos do estro — o Deus interior dos poetas da palavra. Se o abrasa a chamma intima, se a phantasia,

ondeando ao vento as roupagens, lhe adeja sobre a cabeça, sorrindo protectora, a fronte do orador illumina-se de subitos fulgores, e resplandece a aureola da inspiração! Scintillam então os relampagos da eloquencia, d'esta que rebenta do coração, e que os labios exhalam como o sopro ardente da alma. Neste momentos a phrase, irisando-se de vivos matizes, precipita-se caudal em jorros brilhantes, em ondas coradas de luz, e desata-se em festões abundantes, onde as flores se entrelaçam com as perolas e as gemmas.

Como parecem repassados da uncção religiosa e lyrica de Klopstock os trechos do discurso alludido, e em que o orador exalta o poder e o balsamo consolador da fé nos transes dolorosos da humanidade!

«Em vez do impio, do pantheista ou do descrente, exclamou o orador, encontrarão sempre em mim o homem que, não por affectação d'um culto meramente d'exterioridade, mas em virtude de certos convencimentos, em nome da consciencia e da razão, admira, engrandece, exalta e respeita os principios fundamentaes da religião catholica, honrando-se de os professar publica e solemnemente, porque vê nelles, não só a melhor escola moral, e luz vivissima da verdade, que ha de guiar o mundo pelos

caminhos da civilisação moderna, mas porque na edade em que a vida começa a despir-se de illusões, olhando em redor de si, e tendo já grandes perdas a deplorar, só no seio da religião, consoladora suprema, espera mitigar essa dor, que os annos gastam á superficie, mas não extinguem.

«É porque só a religião, abrindo-nos as portas da immortalidade além do tumulo, nos promette acabar no céo a saudade, que orvalha de lagrimas as cinzas dos que mais choramos!»

Abrasado em sincera crença perante a santidade da cruz, emblema do resgate e da regeneração social da humanidade o orador proseguia:

«Nunca deixei ou deixarei de dobrar o joelho e de inclinar a fronte diante da cruz erguida no Golgotha, cruz que não representa só o symbolo da fé para todos os christãos, mas representa ainda mais para os que creem, como eu, nas aspirações gloriosas da sociedade, porque nos recorda a cada momento, e em cada facto, a sublime promessa do Mestre e as grandes victorias do seculo — a liberdade de consciencia, a liberdade civil, e a liberdade politica!

«A cruz foi a inspiração dessas robustas gerações, *que formaram* o imperio da lei contra a tyrannia e

contra a oppressão, que asseguraram o reinado da tolerancia contra a estreiteza de interpretação exclusiva da synagoga. Por isso, quanto mais largas forem as idéas, quanto mais generosos forem os principios, mais nos havemos de approximar das raizes do calvario, das raizes da cruz, que attesta no passado a regeneração do homem, que lhe aponta no presente o seu caminho, allumiando-o; que lhe afiança no futuro, se não tirar os olhos della, a glorificação do seu destino!»

Que bellezas de imaginação e de estylo, recordando-nos a prosa harmoniosa e poetica de Chateaubriand nos *Martyres,* quando o brilhante orador da camara dos pares descreve a singela virtude do apostolo das Indias, a caridade evangelica de S. Francisco Xavier conchegando a si as creanças, as mulheres, os desvalidos, os *párias* das seitas indianas, dissipando as trevas da gentilidade, esparzindo em redor o germen das divinas verdades, aconselhando, persuadindo, confortando as miserias e os desalentos, apontando a todos para os horisontes celestiaes como consolação e esperança suprema, conquistando para a fé os espiritos rudes e obcecados por erros accumulados de seculos, allumiando com a revelação das palavras do Mestre os sectarios

embrutecidos de cultos sanguinarios e imbuidos em grosseiras superstições.

Que verdade nas cores, que firmeza nos toques, e ao mesmo tempo que finas ironias não prodigalisa o orador, quando ao anterior quadro em que a innocencia e a brandura do virtuoso apostolo nos encantam, elle oppõe como antithese repugnante as theorias de José de Maistre, do apologista do algoz, — funccionario sinistro, assassino legal; — do doutor do catholicismo politico restaurado com as implastagens do despotismo avido e cruel, que substitue á persuação e á influencia moral, armas incruentas do apostolado, a propaganda do triangulo onde perneam os justiçados, e a catechese hedionda do verdugo, que opera a conversão á crença religiosa e politica, enterrando as mãos do algoz nas entranhas de seus irmãos com a santa fraternidade de Caim; e celebra a regeneração moral do homem baptisando-o em lagos de sangue, como em outras tantas piscinas de agua lustral que purifica as maculas e as torpezas do peccado:

«Folheae ao acaso o *Livro do Papa* e pasmae! dizia o orador.

«É o cunho da intolerancia musulmana cravando o ferrete de uma interpretação sacrilega no rosto

purissimo do livro das misericordias, das promessas, e da esperança. É a imagem de um Deus sempre irritado e vingativo representada no pontificado, cabeça visivel da egreja. É o terror, é a oppressão, são os patibulos, são as fogueiras fazendo das largas portas da egreja universal, portas que se abrem sobre todo o mundo, a entrada escura, estreita e exclusiva da antiga synagoga!

«O verdugo é reputado o funccionario por excellencia. O cutelo substitue a discussão. A mordaça e os carceres respondem á duvida, ou á ignorancia.

«O carrasco é o intermediario entre os reis e os povos, entre Roma e os fieis, entre o espirito vivo do seculo e a tradição morta das idéas sepultadas.

«Na falta dos Tertulianos, dos Origenes, dos Chrysostomos e dos Agostinhos, Mr. de Maistre requer o argumento do ferro e fogo, defende as theses do algoz e do cutello, e promette a victoria aos thronos vacillantes, a paz ás nações agitadas, a obediencia e o silencio do medo em nome das consciencias algemadas á cadeira de S. Pedro, cadeira d'eloquencia e de verdade, pulpito inspirado, não de uma provincia, ou de um reino, mas de todo o universo catholico!»

Como o orador, continuando, desenha em mali-

ciosa ironia os intuitos seraphicos dos apologistas da dominação theocratica, aspirando a comprimir a razão e a intelligencia pela mudez servil do medo, pretendendo em nome de Deus, e para gloria delle, afogar em torrentes de sangue os apostolos da liberdade civil e politica, e semeando por vestigios na sua passagem espectros de um passado abominavel, de odios, vindictas, de incendios e ruinas!

«Depois dos tribunaes da fé, disse o orador, injuria das preeminencias do episcopado, e offensa flagrante da caridade e tolerancia evangelica, depois da inquisição, que relaxava ao braço secular as superstições e feitiços como crimes capitaes, os erros, as heresias, e por maior opprobrio até as illuminações da sciencia; que punia como delictos os descobrimentos, que encarcerava e condemnava os sabios, que proscrevia como sacrilegos os inventos; depois do santo officio cujos annaes são o martyrologio de gerações inteiras de opprimidos, de grandes philosophos e de eminentes escriptores, negado o livre exame e a liberdade de consciencia pela qual Jesus padeceu (porque todo o seu crime foi revelar a nova lei aos cegos e phreneticos adoradores do mosaismo), os apologistas do direito divino dos principes, os panegyristas do poder absoluto e infallivel

da curia romana, os salvadores do principio ultramontano no direito canonico, deixando atrás de si os Bellarmino e os Aqua-viva, pedem-nos innocentemente que os deixemos prevalecer, a fim de enterrarem viva a sociedade moderna no jazigo de marmore dos seculos extinctos, para, chumbada a campa desta inaudita restauração, pesarem sobre ella com as taboas partidas de todas as instituições que nossos avós e nossos paes venceram e confundiram!

«Querem que lhes consintamos que na via dolorosa para o calvario não acompanhemos o Mestre coroado d'espinhos e trespassado de dores, mas a turba clamorosa dos phariseus e sòldados. Um momento, senhores! Ainda é cedo para exigirdes o testamento de nossas liberdades em nome da exaggeração theocratica, para nos dictardes o silencio do terror contra a razão, a erecção da força contra a intelligencia! Christo padeceu para vós imitardes o seu exemplo e ensinardes a sua lei, ou para seguirdes e applicardes a que inculcavam esses sepulchros branqueados, denominados scribas e phariseus?! Respondei! Vale a pena!»

Era perante estas doutrinas exhalando o perfume do calvario, repassadas d'uncção amoravel e singelamente christã, todas inflammadas de caridade di-

vina, que o venerando prelado portuense invocando os exemplos heroicos dos primeiros tempos da egreja sob os imperadores avidos do sangue dos christãos, pretendia colher as palmas do martyrio, dando a vida como offrenda propiciatoria, e exorando a Deus, que o fortalecesse no ardor de fé, ante o pretorio, e na frente dos supplicios!

Coisa notavel! Donde reverberavam sobre a tribuna e o paiz inteiro os clarões e os resplendores deste discurso, padrão luminoso de eloquencia? D'onde manavam as ondas de tam caudal inspiração?

Do partido dos analphabetos: desta Beocia politica, onde enxameam entendimentos broncos, espiritos agrestes, crassas Minervas, objecto de mofa, thema de sarcasmos para os polidos athenienses, supremos arbitros do talento, dictadores reconhecidos das elegancias do espirito. O partido dos analphabetos! este é o epitheto que aos homens do partido progressista liberalisam com a gravidade abdominal de seus comicos vultos os Sanchos Panças e os Falstaffs da regeneração! Abençoados analphabetos, analphabetos privilegiados a quem, apesar de entranhados pela aridez das charnecas intellectuaes, empegados no tremedal da ignorancia e bruteza montezinhas, concede a providencia o colherem sabo-

rosos pomos de virente e explendida eloquencia!

A discussão de resposta ao discurso do throno, encetada em 10 de Fevereiro, encerrava-se a 11 de Março, com exito favoravel á politica ministerial.

XVIII

Ao passo que se davam estas batalhas campaes á situação, a opposição da camara dos deputados, a quem o resultado não menos inglorio do que funesto da discussão politica desconcertara momentaneamente, tornava a si do ephemero desalento, e recuperava os brios amortecidos, adoptando a tactica de fatigar o governo e a maioria em incidentes quotidianos, em increpações irritantes, forcejando desunil-os; e atravez d'esta desconfiança mutua, penetrar como por facil brecha nos revelins interiores da cidadella do poder.

Cada dia surgia improvisamente uma moção politica, explorada para azedar de maus fermentos a discussão.

Solicitava-se uma correspondencia entre duas repartições do estado, em assumptos financeiros, e

erigia-se logo esta exigencia em censura ministerial! Os homens mais grados da colligação batiam-se como simples atiradores n'estas escaramuças, travadas a todas as horas. Um incidente sobre saude publica preteria os assumptos previamente designados para ordem do dia, e consummia em calculadas demoras tres sessões! As votações nominaes ainda sobre as mais microscopicas questiunculas eram aos chuveiros! Fóra do recinto das sessões, nos corredores da camara, os esculcas da opposição não descontinuavam a guerra de falsos boatos, e o estratagema de phantasia das dissenções entre os ministros.

A ambição politica, no animo dos chefes da opposição, não era já uma paixão vehemente; era um demonio perverso, suggerindo-lhes demencias e delirios, que, se uma ou outra vez lhes davam ephemero exito, mais e mais os desconceituavam na opinião, severa espectadora d'estes manejos desesperados.

A que estavam reduzidos os generaes, cuja fronte tinham ornado os loiros de innumeras victorias! Como a tactica dos Condés e Fredericos parlamentares fôra repudiada, e esquecida pelas manobras montanhezas *dos Borges* e dos Chiavones!

No entretanto a commissão encarregada pela camara de celebrar um projecto de lei sobre a abolição dos vinculos não levantava mão do ponderoso assumpto que lhe fora confiado. Em sessões longas e amiudadas, já na sala das commissões, já fóra da camara reunindo-se em casa d'um de seus membros, a commissão lograra vencer a estreiteza do tempo cortado de incidentes parlamentares, e em 18 de fevereiro apresentava á camara o resultado dos seus trabalhos.

Assistindo a todas as conferencias, apreciando com lucidez de espirito e com senso pratico os diversos alvitres que se produziam nas diversas phases do debate travado largamente no seio da commissão, o ministro do reino concorreu poderosamente como membro do governo, para apressar a arrojada reforma que dentro em breve a camara ia sanccionar, applaudida e victoriada n'este audaz commettimento pelo partido liberal e pelo paiz inteiro!

Em 25 de fevereiro, sete dias depois de haver sido presente á camara dos deputados o parecer da commissão especial, entrava em discussão o projecto respectivo, precedido da concisa «exposição de motivos» que transcrevemos:

«Senhores.—A commissão especial a quem in-

cumbistes a ardua tarefa de interpor o seu parecer sobre a conveniencia de extinguir radicalmente n'este reino o regimen vincular, compenetrada da importancia do assumpto, procurou com decidido empenho corresponder á vossa honrosa confiança, empregando assiduo e desvelado estudo para conseguir a mais liberal, justa e equitativa solução d'este grande problema politico e economico; e considerando que o regimen dos morgados tem contra si a justiça, porque estabelece a desegualdade entre irmãos; o interesse social, porque empobrece a terra; o interesse politico porque entretem uma aristocracia territorial, que ao mesmo tempo condemna a gradual definhamento;

«Considerando que o direito e o interesse se alliam em favor da partilha egual dos bens, e que esta lei é a fonte d'onde tem brotado a industria moderna, e um dos elementos mais poderosos da progressiva prosperidade e adiantamento da nova sociedade;

«Considerando que o regimen vincular contraria manifestamente o actual systema politico, segundo o qual o proprietario é e deve ser pleno senhor da terra para usar d'ella, como lhe aprouver, salvas as *excepções* previstas na lei; e que a existencia dos

morgados destroe o titulo de proprietario, convertendo-o em simples fidei-commisso;

«Considerando que o caracter da lei deve ser a generalidade e a universalidade, e como tal ser a mesma para todos os cidadãos do mesmo paiz, e que a existencia dos morgados envolve ao contrario uma lei excepcional, e forma um estado social privilegiado, o que repugna com os fecundos principios da liberdade e egualdade;

«Vista a opinião do governo categoricamente revelada perante a camara e no seio da commissão a cujas sessões foi assiduo em assistir;

«Vistas as convicções da camara, que em differentes occasiões se tem pronunciado pela mais ampla liberdade da terra:

A vossa commissão, tendo mui cuidadosamente tratado de conciliar as exigencias do progresso e da liberdade com os interesses da justiça, mantendo a indispensavel harmonia entre a monarchia e a democracia, e respeitando os principios de equidade natural que deve acompanhar as leis sociaes, tem a honra de propor á vossa approvação, d'accordo com o governo, o seguinte projecto de lei.»

Não reproduzimos o projecto, redigido em quinze artigos, o que seria extremamente enfadoso, sendo

geralmente conhecida a lei que aboliu os vinculos, a qual, apenas em pontos secundarios, differe do projecto inicial da commissão, e que serviu de base á discussão parlamentar.

Allegando desconhecer a importancia de inscripções vinculadas, que a allodialidade ia lançar no mercado, e aterrando-se com o abalo que poderia causar no credito a affluencia de uma consideravel somma de titulos de divida publica, precipitando-se de chofre no mercado, pediram o adiamento do projecto o sr. Pinto Coelho, chefe da opposição legitimista, e o sr. Francisco Manuel da Costa, que milita com ardor ao lado dos partidarios ferrenhos das velharias sociaes e das exaggerações theocraticas e se compraz em glorificar o incansavel agitador das sacristias bracharenses mesmo nas crises melindrosas em que a ordem publica, ameaçada de convulsões, deve ser a preoccupação dominante dos homens publicos, honestos e amigos do bem estar de seus concidadãos, e para quem a liberdade e a patria são uma religião sincera, um culto austero.

Eram demasiado transparentes os intuitos dos adversarios da terra, e não menos frageis os fundamentos em que o adiamento se estribava para poder ser approvado. A camara rejeitou-o por 84 votos

contra 14. Ardente campeão das instituições caducas do velho regimen, cimentadas com o privilegio; caracter resoluto e firme; intelligencia vigorosa e exercitada nas subtilezas do raciocinio e nas controversias da palavra; advogado de primeira plana e jurisconsulto de vastos recursos, o sr. Pinto Coelho, aberta a discussão sobre a generalidade iniciou o debate accumulando quantos argumentos podiam conduzir ao triumpho da sua these: a conveniencia de manter o regimen vincular; o orador realista só viu no projecto a aniquilação das tradições da nobreza e da historia, a subversão da monarchia de que reputava esteio impreterivel e pedra angular a instituição dos morgados. Eram estes a seus olhos os corollarios politicos da desvinculação. Sob o aspecto economico, o habil discursador não contemplou no projecto senão perspectivas desanimadoras e calamidades inevitaveis na extrema divisibilidade de terra, precursora da morte da grande cultura tornada impossivel pela exiguidade das glebas; e concluiu futurando a irremediavel decadencia e ruina da agricultura nacional.

Contra estas asserções protestavam a historia politica, e as verdades economicas, interpretadas ao sabor do subtil e argucioso deputado legitimista,

extrahindo d'ellas illações e ensinos hostis á evidencia, ás irrecusaveis demonstrações de Parieu, aos quadros das quotas prediaes de Passy, e ás exemplificações da propria Inglaterra, adduzidas por Lavergne.

Tomando sobre os hombros o peso do debate na qualidade de relator da commissão, o sr. Torres e Almeida, mancebo em quem a modestia esmalta o solido talento, confutou n'um discurso ao mesmo tempo elegante nas formas e severo nos raciocinios, as deducções pouco logicas e especiosas do deputado legitimista.

Era bello, ouvir d'uma bocca juvenil como a do orador, a defesa apaixonada e convicta das idéas novas, das aspirações progressivas da sociedade.

Em linguagem desambiciosa, mas correcta e fluente, dizia o relator da commissão:

«As sociedades não teem diante de si as columnas de Hercules com *o nec plus ultra* do estacionamento; ao contrario caminham sempre, como o Ashaverus da lenda. *Le monde marche*, na phrase de Pelletan; e quando o mundo marcha, não podem as leis ficar immoveis. É necessario que as leis acompanhem *pari passu* a sociedade no seu caminhar incessante; é necessario que as leis sigam a socie-

dade nas differentes phases ou estadios que ella vae percorrendo; é necessario que as leis coadjuvem a sociedade nas suas aspirações para um porvir de maior perfectibilidade»: e concluia n'uma calorosa apostrophe á nova geração, herdeira e depositaria das tradições livres e heroicas de nossos paes:

«O paiz sabe, dizia elle, qué por haver triumphado o partido liberal nas lutas cruentas que se pelejaram desde 1820 até 1834, por estar implantado ha trinta annos entre nós o regimen representativo, nem por isso está ainda concluido o edificio da nossa regeneração social. E que temos nós feito; nós a geração que succedeu á que derramou o seu sangue pela liberdade; que temos feito? Obreiros preguiçosos da civilisação, nem sequer temos arredado para longe os materiaes do velho edificio, que estão obstruindo o terreno e impedindo a conclusão da nova fabrica. Trabalhemos pois e comecemos pelos vinculos, que não são senão ruinas do velho edificio. E não são infelizmente só os vinculos!

«Eu estou profundamente convencido de que o dia em que se votar este projecto será memoravel para o partido liberal. Este debate é um dos ultimos recontros do passado com o presente, da idéa velha

com a idéa nova. Decretando desde já a abolição dos vinculos, nós alcançaremos um grande beneficio para a patria e uma grande conquista para a liberdade, conquista felizmente incruenta, e por isso mesmo mais gloriosa e mais proficua.»

Calorosos applausos acolheram este discurso, repercutindo-os os eccos da imprensa e da opinião, risonhos auspicios de futuros triumphos da tribuna.

As mesmas idéas, sob fórma diversa, foram sustentadas pelo sr. Silva Cabral, n'um discurso doutrinal, substancioso e apoiado em numerosas citações de factos historicos e de opiniões de publicistas, defendendo o orador como consummado jurisconsulto a conservação do apanagio da casa de Bragança.

Nos amiudados golpes, o camartello da demolição ameaçava de imminente ruina o velho edificio dos privilegios, ao estridor da reforma, accorre em defensão da fabrica secular, outro deputado legitimista, o sr. Pereira da Cunha, poeta inspirado de maviosos cantos ante o aspecto dos monumentos do passado, e das ruinas da velha sociedade; prosador terso e elevado, em cujos escriptos se sentem palpitar os affectos energicos d'um portuguez leal e inflammado em sinceras crenças monarchicas.

«As duvidas desappareceram, dizia o cavalleiroso

mantenedor das instituições decrepitas. A questão está definida.

«O sr. Torres e Almeida considera os morgados como um pejamento, que estorva os obreiros da revolução social de progredirem no seu trabalho; o sr. Silva Cabral fulmina-os em nome da carta, e abraçado á bandeira azul e branca!

«A instituição vincular deve cair pelo simples facto de pertencer ao passado, ao passado que se não compra como disse Almeida Garrett, embora ámanhã renasça em proveito de uma nova aristrocracia que ahi se intenta crear.

«Não tem outra significação o projecto que se discute.

«A camara que me tem dado continuas provas de benevolencia, e cuja sabedoria eu respeito profundamente, talvez se resolva a adoptal-o. Eu não, não posso fazel-o.

«Veda-m'o a consciencia, o que devo a mim, á minha familia, á minha classe, e sobre tudo ao meu paiz.»

Sobre este protesto, decoroso e nobre, d'um membro da antiga fidalguia portugueza, que lia na abolição dos vinculos o epitaphio da nobreza, sincero erro d'um espirito illustrado, a camara encerrou a

discussão sobre a generalidade, sendo approvado o pensamento fundamental do projecto por 91 votos contra 10, votação honrosa para o partido liberal e para a camara legislativa de 1863.

Envolvendo o art. 1.º da lei a sentença capital d'ella, força era que renascesse por parte dos differentes oradores a discussão sobre a generalidade, dando azo a um distincto talento que milita no campo legitimista, o sr. Beirão, exhalar no estylo facil que lhe attrahe a attenção dos auditorios, uma sentida elegia á extincção dos morgados:

«Eu declaro ingenuamente, dizia elle, que não me assiste a fatua vaidade de resuscitar o cadaver, que eu já considero tal, da instituição vincular; mas permitta-me a camara, que venha desfolhar algumas flores sobre a campa, que dentro em poucos momentos se ha de fechar para sempre sobre elle. Esta camara n'esta discussão affigura-se-me um largo cemiterio; essa urna a lousa que vae cobrir para sempre a instituição vincular.»

Não o cegava a vaidade de orador, promettendo esparzir flores; mas o vento das reformas varre ainda as mais mimosas, e a instituição dos vinculos, viva para as saudades solitarias dos contem*pladores* do passado, estava morta para a nova so-

ciedade, cuja missão não é a da inconsolavel viuva de Mausolo, abraçada á urna das cinzas do esposo adorado.

O artigo 1.º foi approvado depois de um discurso do ministro da fazenda, abundante de considerações politicas e cheio de elevadas apreciações economicas a que redarguiu o sr. Pinto Coelho, adversario incansavel do projecto: d'uma oração extensa e erudita do ministro da marinha, contra a qual se ergueu por oppugnador um deputado pelo Douro, o sr. Affonso Botelho, sectario conscienciosо da vinculação: e d'um discurso do sr. Fontes Pereira de Mello, em adhesão ao pensamento predominante do projecto.

Ao começar a discussão do artigo 2.º, a multiplicidade de substituições apresentadas a elle determinou o relator da commissão a convidar os deputados, a que enviassem para a mesa as propostas, additamentos, emendas e substituições a todos os artigos do projecto, a fim de serem considerados e apreciados com a indispensavel reflexão pela commissão especial.

Ao convite respondeu uma verdadeira inundação. Perante o volumoso acervo de propostas enviadas em profusão para a mesa, interrompeu-se na sessão

de 4 de Março a discussão do projecto, até a commissão, estudando-as detidamente, interpor sobre ellas parecer definitivo.

XIX

Desde 4 até 13 de Março, em que a lei da abolição dos vinculos voltou á tela dos debates, que tentativas repetidas e furiosas! que impetos desordenados! que sanha agitadora no recinto da camara contra os ministros, forjando-se a cada passo e a proposito de qualquer incidente, moções de censura, intercallando-se calculadamente com ellas a ordem natural dos assumptos dados para discussão! Á allucinação e vertigem das aggressões diarias, das intimações petulantes formuladas aos homens do poder para elles atapetarem com as proprias pastás o espaço que medeia entre as cadeiras dos chefes da opposição e os bancos dos ministros, e desertarem, covardemente, do posto de honra; a maioria oppunha imperturbavel e pertinaz energia, não empallidecendo *diante* dos arremessos, empunhando a cada mo-

mento as armas, e voando, ao menor alarma, ás pugnas ardentes, ás refregas tempestuosas.

Se, por exemplo, se discutia uma lei tendente a auctorisar despezas feitas com a escola normal, esta escola que na exuberancia da nossa solicitude pelos progressos da instrucção publica, e apesar de decretada pelo sr. conde de Thomar em 1844, só se abriu após 18 annos da sua creação legal sob a gerencia do actual presidente do conselho (triumphae, ó vaidosos salvadores da instrucção publica!); se estava essa ou differente providencia em discussão, reclamava-se a palavra para assumpto urgente; os *psios* convidativos do silencio rumorejavam em vehemente *crescendo* nos bancos da orchestra opposicionista, indicio inequivoco de que os ophycleides e trombones não tardariam a preludiar as harmonias guerreiras.

Em pouco a conflagração era geral; e os chefes misturando-se com os soldados excitavam-lhes o ardor, e quinhoavam com elles os perigos da luta e as esperanças do saque, symbolisado nas suspiradas e quasi intangiveis pastas.

A proposito d'uma portaria sobre arrozaes, verieis os dormentes e potrosos no poder, accesos em hostilidade contra o ministro do reino que não fizera

senão suscitar as disposições vigentes, no tocante a não dilatar sem garantias a nocividade da cultura homicida. Atacava-se o ministro por atacar o poder. Alguns dos generaes confessaram no impeto da investida, que não tinham lido a portaria incriminada! Veja-se como a obcecação partidaria ostenta sem rebuço o que a momentanea reflexão aconselharia a occultar em desvelado recato. Após duas e tres sessões, infructuosamente consumidas, vinham como derradeiro recurso de tactica impeditiva as votações nominaes, de que muitos anonymos apesar do nome confiam com enganosa jactancia a immortalidade da sua memoria.

Quando se reflecte nas coleras impacientes dos chefes da opposição, açulando contra o poder—em recontros e emboscadas—de todos os momentos, as paixões, os odios, os maus pensamentos do coração, os instinctos perversos até que dilaceram a reputação moral dos adversarios, como o tigre devora a victima até ás derradeiras cartilagens; percebe-se sem custo, quanta energia, quanto vigor d'animo eram necessarios para conter o delirio das ambições e reprezar a torrente dos rancores insaciaveis.

Extincto o episodio dos arrozaes, consumindo duas sessões sem a menor utilidade, outros renas-

ciam como as cabeças da hydra. Citaremos um exemplo. Viera á discussão um projecto de fazenda, exemptando da contribuição de registro os bens immoveis transmittidos por titulo gratuito, e não excedentes a 100$000 réis. Aceitou-se apparentemente a batalha; dois oradores mantiveram o fogo do debate; no dia immediato rebentou um incidente diverso e laboriosamente preparado, terminando por uma moção grave de censura, que forçava toda a camara a empenhar-se na discussão d'elle! Assim aconteceu com o incidente suscitado a proposito do arcebispo de Goa, incidente que interrompeu a discussão da alludida proposta do ministro da fazenda, malbaratando-se quasi tres sessões com elle, pois que a opposição o explorára á saciedade como manejo partidario! A opposição não vigiava os actos do poder, não aconselhava nem advertia. Fal-o-hia talvez, se não a possuisse toda e lhe não escravisasse o coração o Lucifer da ambição. Desgrenhada como a Megera não sustinha na mão o facho da censura luminosa mas imparcial: brandia a espada envenenada dos odios, ferindo desapiedadamente os adversarios.

Impellidos por falsa mas generosa fidelidade ás bandeiras juradas, cedendo á filiação partidaria, alguns espiritos illustrados da opposição devoravam

em silencio o desgosto que taes insanias lhes produziam no animo; e seguiam melancolicos pelo desfiladeiro d'aventuras em que os chefes se entranhavam, e onde os aguardavam desastres dolorosos senão mortaes, baldando os esforços e dedicação dos soldados pela mais inhabil de todas as tacticas.

XX

Na crista das vagas sublevadas e espumosas do mar legislativo sobrenadava, como a arca depois do diluvio, o projecto da abolição vincular. No dia 13 de Março recomeçava a discussão após frequentes conferencias da commissão especial, a qual anciosa, não de impôr á assembléa o resultado das suas primordiaes cogitações, mas de inserir no projecto todos os aperfeiçoamentos que lhe fossem suggeridos, se não tendessem a alluir a base delle e desvirtuar os pontos capitaes de que jamais se apartou, tinha aceitado algumas indicações, d'entre as apresentadas ao seu exame. Em harmonia com ellas, padeceram leve modificação algumas disposições do projecto inicial. Seria inutil enumerar estas differentes alterações,

não só por versarem sobre minucias subordinadas ao pensamento capital, sempre inviolavel para a commissão, como por taes alterações não subsistirem em presença de variantes introduzidas pela camara dos pares, quando se occupou deste importantissimo assumpto.

Exclusivamente juridica, a discussão do projecto, afóra a da generalidade e do artigo 1.º a que se prestavam os vôos da divagação politica, os quadros da historia e as instructivas apreciações dos factos economicos, no tocante ás vantagens ou damnos da concentração da propriedade ou da divisibilidade da terra, além de tediosa fallece d'interesse para a maior parte dos leitores estranhos ás agudezas do direito civil; nem entra no exiguo plano d'este opusculo miudar os promenores dos grandes debates.

Resumir, orador por orador, discurso por discurso, as longas controversias de dois annos de sessão n'um volume consagrado aos ocios de um ou outro politico abhorrido, que para recobrar-se das lutas devastadoras da vida publica, procura a sombra dos copados arvoredos, aproveitando o ephemero e muitas vezes intermittente *fóra da terra;* fazer um *Diario de Lisboa* em miniatura, e por isso perfido na sua mesma pequenez, não duvidamos de

que seja empreza edificante e *valdè utilissima*, como se diria em these doutoral. Confessamos que não póde subir em nós tão alto a audacia, que queiramos invadir os dominios augustos da historia com a penna desceremoniosa e descuidada de jornalista obscuro.

Escreveu um critico eminente, não menos distincto pelo gosto do que pelos estudos classicos, que não se deve pedir a Suetonio a penna de Tacito.

Eu peço tambem para não se exigir o perfil severo da historia á physionomia irregular destas narrativas e impressões pessoaes, descriptas em caprichosa insurreição contra o jugo da chronologia inflexivel. Quero nisto seguir o *torista* que viaja por deleitação artistica. Esse, umas vezes pára a contemplar, o que sei eu? uns pobres tufos de verdura, esmalte agreste da campina deserta, e nua de vegetação. Outras, detem-se horas esquecidas em pousar a vista sobre razas planicies, salpicadas aqui e acolá de arbustos rasteiros e enfezadinhos, que nem murmuram sequer ás lufadas do vento. Outras vezes ainda o nosso homem, *flanador* como os que se prezam deste titulo, roça por um portico rendado de neogothico edificio todo elle laçarias, arabescos, e relevos de granito; perpassa ante columnas fastosas, *soberbas* da elegancia dos plinthos, e coroadas de

capiteis de finissimo lavor: o desalmado nem sequer levanta os olhos para tantos primores architectonicos! Pois assim farei eu com a discussão longa, erudita, por vezes animada, mas sempre muito juridica e muito seccante para os leitores, dos numerosos artigos da lei vincular.

Discutiu-se muito e bem, com proveito do paiz e honra dos oradores; em termos de poder eu, infimo mas veridico chroniqueiro, portar por fé perante a posteridade, que durante este largo debate se conservaram em silenciosa hybernação os apagadores, estas sombras perseguidoras dos Ciceros diffusos e prendados por Deus com os não sei quantos folegos da raça felina, para escruciante martyrio de nossos ouvidos e paciencias.

Na sessão de 23 de Março encerrava-se a discussão sobre a instituição vincular, como pesada lousa sobre campa de finado.

Na camara dos pares correram a especar o esqueleto feudal os cortezãos do privilegio, os sectarios obstinados do passado. Era muito tarde! Ao menor sopro dos adversarios, o estafermo caia estatelado no chão.

As idéas novas encontraram no senado hereditario, graças ao recente uso da prerogativa real, elo-

quentes e indefesos propugnadores. No duello entre duas sociedades—a do passado, cega de preconceitos, gravida de rancores, a do futuro risonha de esperanças, palpitante de aspirações generosas—não era a primeira, quem iria colher as palmas da victoria.

Renhida e duradoura foi a contenda. Approvado o projecto na generalidade, após demorada discussão, por elevado numero de suffragios, o que honrou muito perante a opinião e o partido liberal o espirito politico da camara dos pares, travou-se sobre cada um dos demais artigos accesa e pertinaz discussão.

Um eminente jurisconsulto, espirito sagaz e orador notavel, o sr. Seabra, dirigia a phalange dos oppugnadores ao projecto.

Ter-se-ha feito approximada idéa da vehemencia dos esforços empregados pelo dextro orador, dizendo-se que o sr. Seabra usou por quinze vezes da palavra, durante o porfiado debate! Se o lutador era perito, não era de somenos destreza o seu antagonista, o sr. Ferrer, argumentador caloroso, dialectico subtil, a quem cingiram bastos louros em tão disputados e difficeis certames, pelejados só com *as armas* da razão e do talento.

Doze vezes teve o sr. Ferrer de fallar na discussão, para responder aos fogos cerrados e bem nutridos dos contrarios, dirigidos pelo habil tactico das assembléas politicas!

Dez vezes o sr. Ferrão, cujo nome é ponderosa auctoridade em sciencias juridicas e sociaes, alto magistrado e criminalista de primeira plana, teve de erguer a voz para apoiar a linha de defesa sustentada com brilhante galhardia pelo liberal professor da universidade, o sr. Ferrer, a quem as neves dos cabellos não congelaram nunca o ardor juvenil das convicções, precipitando-se na luta cheio de coragem heroica.

Os restantes oradores que intervieram nesta batalha parlamentar, foram os srs. marquezes de Vallada, e de Niza; o sr. marquez de Ficalho que approvou o pensamento geral da lei; os srs. condes de Sobral, de Samodães, da Taipa, de Thomar; os srs. viscondes de Fonte Arcada e de Fornos; os ministros do reino, da marinha e da fazenda; o sr. Antonio José d'Avila que orou por quatro vezes; o sr. Sebastião José de Carvalho que desejaramos não ter visto quebrar lanças pelos vinculos; o sr. Miguel Osorio, joven par, dotado de felizes recursos de tribuna, que combateu a lei com habilidade e

perseverança, occupando a tribuna por treze vezes!

Na sessão de 17 de Maio, a camara approvava a ultima redacção do projecto; e na de 18 a camara dos deputados adoptava sem discussão as alterações pouco importantes da camara dos pares, a mais consideravel das quaes foi a extincção civil, pura e simples, dos encargos pios, d'accordo com as boas tradições e doutrinas do direito do reino, restabelecendo o artigo primitivo do projecto da commissão especial da camara dos deputados, ficando assim rejeitado o additamento do sr. Casal Ribeiro, approvado na camara electiva.

Levada á sancção real no dia 19, ouvimos todos da boca do augusto chefe do estado, dirigindo-se ao presidente da deputação de que tivemos a honra de fazer parte, ao tomar-lhe das mãos o autographo legislativo, que Sua Magestade estava intimamente convencido que ia sanccionar uma lei muito vantajosa para o paiz. Não se illudia na apreciação da lei o espirito illustrado do rei. Os beneficios de tão momentosa reforma augurados geralmente começam de palpar-se; e cada dia que passar lhe avultará mais as proporções e lhe prolongará o alcance, coroada como o foi pela lei hypothecaria, e pelo *decretamento* de instituições de credito predial.

XXI

Morrera o morgado nas regiões parlamentares, rodeado de funebres explendores, protegido por homenagens piedosas, pranteado pela flor da aristocracia portugueza!

Que symbolisa hoje o seu nome? Uma recordação historica, que os tempos irão delindo a pouco e pouco, uma tradição apenas que as edades futuras hão de enquadrar na moldura veneranda dos seculos!

O morgado, que na vida alegrara as ficções risonhas da comedia, e inspirara os engenhos maliciosos que n'elle afiavam sarcasmos perfurantes como punhaes, não tardará a assumir o vulto nebuloso e vago de heroe de ballada, de personagem de lenda poetica e popular.

Fulminastes, ó archanjos perversos do progresso, com a vossa espada flammejante um dos mais nacionaes e bem caracterisados typos d'esta boa terra. Anniquilastes, sem remorso nem piedade o morgado, que era das raras individualidades portuguezas dos quatro costados, que ainda se não havia abastardado

nem fundido em hybridos amalgamas com as importações quotidianas d'essa fatal civilisação estrangeirada e falsa, que nos está minando com a sua perniciosa e fatal peçonha.

Agora que elle jaz nos vastos ossarios do passado, quem se não ha de recordar com viva saudade do nosso morgado, dotado d'aquella perspicacia, que o adagio popular lhe attribuia; vangloriando-se, Lauzun dos sertões, de conquistar formosuras de capoeira, virginaes como as Phrynés de Athenas; alardeando riquezas territoriaes como um principe russo da Ukrania e descrevendo em palavras de cauda, com prolixa sciencia e impertinente topographia, as suas vinhas e olivaes, foros e colheitas, predios e arribanas, celleiros e abegoarias; arruinando-se ao jogo do monte com troquilhas que sem commiseração o dilaceram, como a tunica do Centauro lhe rasgava as carnes palpitantes; albergando-se em estalagens anonymas aonde os criados tocam a meta extrema da deferencia, apresentando-se aos hospedes em mangas de camisa, e aonde se serve impreterivelmente o jantar á hora em que a maior parte da gente almoça; recrutando parasitas nos botequins enfumados e de má nota, greda vil de que extrahe *convivas* para refeições brutaes em retiros sombrios

—theatro quotidiano do appetite colossal de alguns frequentadores que devoram um boi inteiro, á laia dos heroes de Homero.

Vós, duendes das innovações, espíritos malignos dos commettimentos materialistas do seculo, começastes pouco a pouco por alterar as linhas primitivas da nativa physionomia do morgado; vós obliterastes n'elle as feições typicas que com tanto vigor o desenhavam, tal qual elle realmente era: propenso a prodigalidades grosseiras, abandonando-se a aventuras sordidas; dextro nas lutas dos gymnasios aldeões onde os athletas dispensam os céstos, empunhando o enorme varapau que floream phreneticos, orvalhadas previamente as mãos com o proprio cuspo; desdenhando soberanamente as occupações do espirito, como Cicero engeitava o trafico commercial appellidando-o de *vilis mercatura:* mosaico vivo de côres disparatadas e joviaes, que elle transportava sobre o corpo misturadas em escandalosa alliança, fazendo sobresahir, se é possivel, a *vehemencia* allucinada do vestuario; debatendo as questões supremas do coração com Celimenes fuscas e plebeas, que respondiam affectuosas aos extremos do Alceste rural, voando, apenas elle se afastava, aos braços nodosos de um sargento de granadeiros e de um pre-

goeiro de leilões, proprietario de valente folego, — prenda capital do emprego — que transpunham cheios de illusões aquellas portas mercenarias.

Sim, fostes vós, caminhos de ferro, que encetastes este audacioso e enorme attentado de lesa-ridiculo, despojando o morgado dos dois machos de rigor, n'um dos quaes elle chouteava com desplante equestre, contrafeição apparatosa do inimitavel garbo dos cavalleiros á Marialva, e no outro, precedendo-o a respeitosa distancia, se bifucarva o lacaio, acurvado ao peso do descommunal chapéo de oleado cingido de mareado galão, indicio de vetustade nobiliaria; o pescoço duramente entalado em alterosa gravata, que o ameaça de imminente degolação; pendente do corpo mal-azado como de irregular cabide a espessa niza de briche, côr de simonte, avivada de encarnados, com a gola a tapetar na nuca, servindo-lhe de almofada onde ella repousa involuntaria; a bambolearem ao vento as pernas sepultadas até ao joelho em alentadas botas de canhão ludroso, fartas de sebo e de roscas, e armadas de esporas afiveladas, cujas rosetas á mingoa de limpeza fariam subitaneamente ferruginosa a agua onde as immergissem.

Fostes vós, caminhos de ferro, que democratisaes a *natureza* physica, despresando as eminencias das

montanhas, alteando até ellas os mais fundos vales, declarando eguaes todos os precipicios ante os vergalhões de vossos rails que lançaes sobre os abysmos como nivel inexoravel; e que não sois menos poderosos agentes de egualdade social, irmanando em confortos e meios de transito as jerarchias mais privilegiadas e opulentas com as classes mais desvalidas e desherdadas da fortuna, e imprimindo o cunho de monotono cosmopolitismo sobre toda a familia humana a quem a locomotiva não tardará a transportar sem exclusão de raças, sem excepção de povos, nos flancos inflammados do vapor: fostes vós quem corrompeu a pureza typica do morgado, tão portuguez de lei, e recheado de graças picarescas, que accendiam gargalhadas espontaneas nos labios mais inaccessiveis ás expanções de jovialidade.

Sabeis como e de que modo praticastes esta obra de deturpação, assimilhando o morgado a toda a gente?

Não contente o caminho de ferro com apear do pedestal quadrupede e ambulatorio ao nosso heroe, sentando-o nos flaccidos cochins dos *wagons*, poz-lhe na cabeça o casquete de viajante *de bom tom* (como se diz nos jornaes de modas) arrancou-lhe o chapéo monumental, producto fabril de Braga, com que

elle espantava as aves das charnecas afugentando-as, e armou-lhe a mão com o sacco-mala! Desafio a quem quer que seja por mais atilado e perspicaz, para reconhecer n'estes trajes de gamenho o muito nacional « morgado da Ventosa » e o portuguezissimo «morgado de Fafe», esta photographia deliciosa, feita com a viveza do colorido de Lesage, o immortal auctor de Gil Braz.

Oh profanação, oh desacato! O sacco-mala nas mãos do morgado, que jámais acondicionou a bagagem senão nos alforges; n'aquelles alforges pendurados pelo lacaio a um lado e outro da sela em estudado equilibrio, os quaes ao agitarem-se com o vento e com as upas da alimaria espicaçada de chofre nos ilhaes e empinando-se a prumo como era de estylo á entrada das povoações boqui-abertas, dír-se-hiam as azas em que se librava o esporeado hippogripho, nos seus vôos verticaes!

Quando contemplei esta metamorphose, não sonhada por Ovidio, não pude deixar de maldizer, enviando-as ás Parcas, as sombras venerandas de James Watt e de Stephenson!

O morgado morria para a arte como já havia expirado para a opinião e idéas do tempo; mas não *é menos* verdade que nunca, em nenhuma época,

elle se nobilitara e engrandecera tanto. Nos ultimos quinze annos de sua existencia, desde o «morgado da Ventosa» até ao «morgado de Fafe» aquella individualidade tão nossa não conhecera outros annaes dourados senão a comedia zombeteira e a farça de sal grosso. Por unicos Plutarchos, pobre morgado! tivera os escriptores de veia que em suas composições o atiravam ás gemonias do ridiculo como creatura truanesca, propicia á pulha e á logração—*Deus ex machina* do bom, do genuino entremez nacional, incompativel com os sorrisos comprimidos das bonecas degotadas das salas de baile, e inimigo dos espartilhos e suspensorios de nossos paes, á força de lh'os arrebentar com gargalhadas espontaneas e sinceras.

Quando os homens da politica arrancaram o morgado das taboas do palco e o chamaram á barra do parlamento, para lhe instaurarem o processo e o condemnarem á morte legal, o morgado calçou o cothurno, trepou ao pedestal da tragedia, e envolveu-se no manto de purpura das realezas desthronadas.

Devêra o mofino á rapida e habil mutação o attrahir sobre a cabeça, orphã do jucundo diadema das pilherias, a complacencia e o dó das turbas aristocraticas que em seus preconceitos e paixões são

muito mais obcecado e phanatico povo do que a classe social particularmente designada com este epitheto.

A sensibilidade das turbas fôra communicativa, vencendo as ironias e triumphando das chacotas chronicas.

Todos derramaram prantos sinceros: uns da dôr sentida de verem expirar o morgado, outros, o maior numero, da pena interesseira e egoista de não poderem rir mais a expensas da victima, outr'ora veio fecundo de jogralidade, providencia generosa das almas melancolicas, quando, ditosos tempos que não voltarão! a Melpomene petulante dos theatros galhofeiros salgava de facecias e motejos as intrigas picarescas em que o morgado era ao mesmo tempo Geronte e Esgnanarello, o galan e o traido saindo alagado da scena com grossas torrentes de sarcasmos que os auctores dramaticos vertiam das urnas malignas do ridiculo sobre a cabeça da victima, alvo da hilaridade das platéas.

Feliz, invejavel creatura! verdadeiramente unica na existencia e na morte! Arrastado pelo lodo impuro dos farcistas vulgares, e espicaçado pelos alfinetes de oiro da boa comedia esmaltada de chistes *espirituosos*, como o Promotheu continuamente mor-

dido pelo abutre, eil-o, que nas horas solemnes e rapidas que precedem o inteiro aniquilamento, vê a seus pés phalanges inspiradas de bardos e menestreis, desferindo nas harpas melodiosas elegias melancolicas; rodeam-lhe o leito mortuario turmas de oradores illustres, anciosos de lhe traçarem o elogio, perpetuando-lhe a fama na prosa encomiastica e magestosa com que os Plinios celebram as virtudes dos Trajanos, e os Bossuets engrandecem a heroica memoria dos Condés.

O bufão, homisiadas cuidadosamente as gibas caricatas sob as pregas da purpura, expirava cercado do prestigio que rodea no tumulo as magestades da terra, mesmos aquellas a quem as tormentas do infortunio varreram da fronte augusta o diadema herdado no berço real.

Era Triboulet, que encarnara em Carlos v!

Deixemol-o em paz na silenciosa crypta do passado onde dorme o somno derradeiro de que não poderão despertal-o nenhuns clamores dos vivos, menos poderosos do que as trombetas funebres do tumulo de Agrippina sobresaltando a Nero no primeiro sonho. Não vamos invadir a região solemne das sombras eternas onde fluctuam tantos phantasmas do passado e jazem tantas instituições mortas,

abatidas, e prostradas no pó pelas grandes revoluções, estas azas grandiosas e omnipotentes da colera da humanidade! Adormecidos para sempre nos jazigos de marmore, repousam ali de ha muito finados augustos: os dizimos, as jugadas, os foraes, todos os direitos banaes e senhoriaes; repousam os frades, esta devota milicia, sem cujo piedoso auxilio, a cada momento, triumphantes e animados da fé pura de nossos paes, damos incessantes batalhas ao anjo das trevas, não carecendo para firmar as victorias incruentas da religião, asseguradas ha mais de dezoito seculos pelas promessas divinas, de evocarmos dos tumulos as legiões seraphicas d'aquelles soldados espirituaes da fé.

Entre os espectros de uma sociedade morta sobre cujas cinzas não podemos nem queremos soprar o fogo miraculoso da resurreição, a sombra do morgado vaguea pela vasta catacumba. Depunhamos a piedosa offrenda da memoria sobre a campa recente e teçamos a corôa das flores funebres do sentimento, desejando-lhe com sincera ternura que repouse longos annos sem nós.

E subindo agora do recinto lugubre dos mortos ás espheras ridentes da vida, que inundam a todos *de luz,* derramam a alegria em todos os rostos e

povoam de animado e jovial bulício a sociedade humana, assimilhando-a a uma colossal colmeia de que nós somos as abelhas incançaveis; eu queria interrogar os genios creadores da mala-posta, as divindades protectoras da estampilha e da pedra britada, para que rompendo as nuvens de cascalho e pó que as escondem aos olhos dos vulgares mortaes, e fazendo conter a furia impetuosa dos seus vapores impreteriveis (!) — corceis fogosos do oceano —nos respondam com a sabedoria do oraculo emanado do sanctuario, qual o padrão de reforma que os seus heroes levantaram mais alto, qual o obelisco que erigiram mais luminoso e agigantado do que o da abolição completa dos morgados e capellas nesta boa e leal terra portugueza!

Diante d'esta reforma, ó numes dos interesses materiaes, potestades sublimes do *fomento,* palavra vinda de Castella d'onde nem bom vento nem bom casamento, como são pallidas as strophes de vossos Pindaros! como espiram perfume rancido e nauseante as vossas anthologias!

Encerrae a sete sêllos os vaidosos fastos da vossa edade de ouro, raspae as inscripções gongoricas de vossos monumentos, que por arrojados que os phantasie a vossa vaidade de architectos, são cabanas

de Iroquezes ou Esquimóz, comparados com a estructura do edificio de reformas, cujo cimento endurecemos com as labaredas incendiarias de Braga, que coroamos com a cupula monumental da lei hypothecaria e das instituições de credito predial, edificio que (podemos dizel-o pela voz da verdade e da historia), levantamos sobre os odios e as insidias de que alastrastes o chão onde intentamos lançar os primeiros fundamentos.

XXII

O terreno parlamentar que teriamos a percorrer durante os fins de Março até aos fins de Abril na companhia do leitor benevolo e paciente, é tão cortado de fojos tão ouriçado d'asperezas, que renunciamos á ingrata tarefa de *cicerones*, receiando que o leitor se fira nas urzes do caminho.

Cada dia a opposição amanhecia com um escandalo, preparado ou rebocado da vespera, quando pela sua velhice este carecia das emplastagens dos artifices emeritos. Raros assumptos deixaram de ser *intercalados* com incidentes estrepitosos, em que se

procurava seduzir as galerias com as choreas impudicas da calumnia, tripudiadas ao som de apostrophes desgrenhadas, de diatribes viperinas.

Estas discussões tinham por cauda as votações nominaes, consumindo-se, ou mais exacto, malbaratando-se o tempo em incidentes tempestuosos e estereis, de que o decoro e o pudor publico refugiam, como de saturnaes licenciosas.

Depois do discurso da corôa, deputados, que não residem habitualmente em Lisboa, e a quem chamam ás vezes imperiosos deveres ou necessidades domesticas, haviam-se ausentado por alguns dias do parlamento.

Com uma lealdade, que os inglezes, mestres nas praticas e estylos do systema representativo, persistem em não imitar, principalmente depois de se haver dado uma batalha decisiva no debate eminentemente politico da resposta ao discurso da corôa, a opposição, aproveitando a ausencia temporaria de numerosos deputados da maioria, resolveu colher o ministerio nos laços que lhe armava diariamente debaixo dos pés, exactamente como os eunucos subornados por pretendentes ambiciosos, suffocam ás vezes o sultão no leito do serralho fazendo-o desapparecer pelos alçapões mysteriosos que deram in-

gresso perfido aos pretorianos revoltados, seus cumplices no assassinio.

Ao encetar-se o assumpto mais inoffensivo, um emissario submisso dos chefes transmittia a palavra de ordem ás differentes brigadas que se aprestavam desde logo para um tiroteio destinado a mascarar um combate geral em que se empenhava o grosso do exercito. Como dissemos, os chefes, esquecidas as preeminencias da hierarchia militar, batiam-se em escaramuças politicas, em refregas parciaes, confundindo-se com os soldados rasos.

O sr. Fontes exprobrava a miudo ao governo a vergonha da fraqueza, a frequente vacillação da maioria; e impellido por uma imagem gymnastica provocava-a a saltar por cima da opposição. Outras vezes abandonando a energia bellicosa de Tyrteo, e temperando a eloquencia com as tintas mais suaves do idyllio piscatorio comparava o governo no seu aferro ao poder com a ostra collada ao rochedo!

A opposição revelava rancor pessoal e profundo contra o ministro da fazenda, no qual via um adversario cheio d'esta energia viril que recresce com as ameaças e os perigos. Na ancia de vulnerar o *homem*, empenho odiento que deshonra os partidos,

revelando-os assoberbados por vindictas e anima-adversões individuaes, a opposição recorreu a manejos e intrigas perfidas, explorando resentimentos particulares e propalando falsos boatos, por occasião de se discutir o projecto de lei, em que o ministro, objecto de calumnias torpes e alvo de frechas hervadas de odios, pedia serem addiccionados réis 85:000$000 á contribuição pessoal.

Contando com repugnancias de campanario alimentadas por alguns deputados da maioria; procurando carear adhesões com uma que outra indisposição local, cortejo obrigado do mais insignificante aggravamento de imposto; a opposição arremessou-se ao combate com o ardor de assaltantes exasperados com a diuturnidade do assedio, e que veem na primeira refrega de vulto o ensejo talvez propicio de abrirem brecha, treparem aos baluartes da praça e ahi cravarem a bandeira com mão segura e victoriosa, atravez dos fogos cerrados e das nuvens mortiferas de metralha.

Se a peleja não foi duradoura, não deixou de ser vehemente; descendo ao terreno onde se dão as batalhas incruentas os principaes oradores da opposição cujos esforços o ministro repelliu com evidente vantagem, attestando mais uma vez quanto era im-

prudente e perigosa a provocação a um adversario dos seus recursos parlamentares, e como as mais acariciadas illusões se desvanecem, cerrando-se compacta a maioria em redor do governo, e sendo approvadas com o voto de alguns membros da minoria as proprias tabellas da distribuição dos 85:000$000 réis, contra que os financeiros da opposição desencadearam as furias da invectivas.

Que sessões instructivas, e que dias aquelles!

Agora interrompia-se a lei da contribuição predial, provocando-se um incidente sobre a necessidade de rever a lei do recrutamento, coroando-se o estratagema impeditivo com a impreterivel votação nominal! Logo fazia-se uma moção convidando o ministro (como se elle se tivesse recusado!) a apresentar os documentos attinentes á concessão da importação de cereaes a João de Brito; architectava-se tempestuosa discussão a respeito das contas de exercicio do ministerio da fazenda sophismando as declarações feitas pelo ministro, com acinte indecoroso, e forjava-se outra moção que consummia infructuosamente tres sessões! Ao passo que se vibrava sem descanço o ariete das insinuações diffamatorias contra o ministro da fazenda, os Cyclopes enfumados da *Revolução de Setembro* malhavam nas

bigornas ruidosas o ferro da calumnia cynica, que n'estes desgraçados tempos de corrupção lhes tem sido alavanca de engrandecimento e de ganancias pessoaes, ostentando-se aos olhos do paiz o desmoralisador espectaculo d'um sacerdocio austero, qual o da imprensa politica, a deshonrar-se e prostituir-se ás torpezas de um trafico interesseiro.

Se o Douro se agitava em pacificos *meetings*, a opposição estorcia-se em furores epilepticos por o governo não querer resolver o problema vinhateiro pelos meios energicos e decisivos de que os Torquemadas escoltam a propaganda de suas doutrinas.

Representantes d'uma parcialidade desunida, timida, balbuciante e frouxa, que fizera da pusillanimidade um culto, e erigira a immobilidade em systema não podendo quando governo arrostar-se com a extincção dos passaportes, que um traço de penna aboliria; eil-os a buscarem o ensejo artificioso de se levantarem no conceito publico, como se os registros parlamentares se possam cancellar a arbitrio das velleidades rancorosas, e não transmittam ás futuras gerações os nomes dos que *realisaram* esta e mais audazes reformas.

N'este prurido, e tirando pretexto mais do que transparente da demora da publicação da lei da abo-

lição dos passaportes, votada pela situação actual, menos timorata do que o sr. Fontes em decretar esta homenagem á liberdade do transito encadeada por algemas policiaes, improprias da illustração do seculo, alguns deputados da opposição, á frente dos quaes se collocou o sr. Martens Ferrão, orador não menos instruido do que diffuso, meditaram arrancar á camara um voto de censura dissimulado sob as apparencias inoffensivas de uma moção doutrinal que a camara repelliu, fazendo plena justiça á sinceridade liberal do ministro do reino e ás ponderosas considerações com que elle explicou perante a camara as delongas da publicação, justificada pela necessidade de a acompanhar dos correspondentes regulamentos.

A todas as horas, a proposito do mais indifferente objecto, surgia uma questão politica, armada do temeroso voto de censura, de que a opposição se servia como de um pé de cabra para forçar as portas do poder. Historia deploravel e ingrata, mas infelizmente verdadeira, do periodo da sessão legislativa que estamos percorrendo, e em que a minoria, cerrado o coração ás vibrações da generosidade e aos impulsos nobres do patriotismo, empenhava os homens mais grados e ainda os sacristas mais des-

botados do seu gremio na representação de scenas quotidianas de que, força é confessal-o, emigravam os sentimentos elevados e refugia espavorido o decoro, como foge assustada a donzella quando as licenças de linguagem lhe ferem os ouvidos accendendo-lhe subitamente nas faces as rosas do pudor.

Mais um incidente repugnante pelas aggressões selvagens do odio, e onde a grosseria da linguagem apenas digna dos mercados veste as fórmas amenas e attractivas da urbanidade comparando-a com a aberração torpe e insolita dos estylos triviaes e cavalleirosos, que o caracterisou por modo tristemente celebre, desenhava as feições attrabiliarias da Nemesis opposicionista; alludimos á aposentação do thesoureiro pagador de Faro, e á nomeação para este logar, do sr. Ortigão, deputado intelligente, mas quasi silencioso da opposição, pouco assiduo ás tarefas parlamentares, e que havia um anno não assistia ás sessões da camara.

Pelas circumstancias especiaes d'este deputado, rapidamente esboçadas, é evidente ainda aos espiritos mais anuviados de suspeitas em boa fé, que se o ministro quizesse plagiar as praticas corruptoras de alguns de seus antecessores e reproduzir no poder os deleterios exemplos de Walpole, que ficaram

sendo evangelho de corrupção politica, não ensaiaria as primicias de tão immoral escola sobre um deputado modesto, e pode dizer-se politicamente obscuro; inoffensivo pela palavra, intelligente, porém despido das qualidades brilhantes de tribuna que podem fazer temidos os adversarios. Não obstante a evidencia insophismavel da verdade, a opposição devorada de coleras dementes apparelhou a guilhotina moral no centro da assembléa dos representantes do paiz, e ordenou aos seus executores que açacalada previamente a lamina perfida e envenenada da diffamação, decapitassem o ministro.

Estão-se-nos recortando na memoria as feições hediondas d'essa negra sessão, toda povoada dos maleficios dos verdugos ignobeis, anciosos de golpearem a victima; sessão sinistramente estrepitosa com o rugir das bestas-feras ululantes de raiva, e maculando a probidade do ministro com a baba infecta dos odios!

Uma parte da opposição (e expressamo-nos d'este modo, porque a numerosos deputados da minoria repugnou a vileza do premeditado sacrificio, e a abjecção moral dos sacrificadores) acolheu as allucinações da calumnia com demonstrações sympathicas e amigas, notas solitarias acrescentadas ao concerto da

diffamação. Lembra-nos de Voltaire ter escrîpto:

«Que le mensonge un instant vous outrage
«Tout est de feu soudain pour l'appuyer.»

Mas, consolador espectaculo! vimos estrebuchar os Athlantes sob o pezo dos aleives que transportavam laboriosamente aos hombros como um mundo de calumnias derribados por uma musculatura mais poderosa do que os esforços da maldade. Nunca, como então o fez o ministro aggredido, vimos um homem perseguido e bloqueado por vinganças desatinadas e infrenes soltar-se tão dextramente dos laços dos inimigos; escapar incolume á furia daquellas hyenas habituadas a foçar nos cemiterios da honra e trasbordando de irreprimivel indignação; desafiar o sorriso envinagrado dos algozes que se compraziam em lhe approximar dos labios o calix das affrontas, correr sobre elles empunhando o azorrague, e açoutar, até o sangue espirrar dos golpes, a matilha inteira de odios e rancores açulada contra elle, n'um momento muda e dispersa debaixo do látego vingador!

Comedia ignobil, torpissima farça, em que os Gusmões d'Alfarache, heroes de lances aventurosos,

procuraram ageitar ao corpo a toga censoria e immaculada de Catão, trovejando apostrophes tumidas de colera austera e honesta contra a degeneração dos costumes publicos! Na infancia da arte scenica, os actores trepavam ao carro de Thespis e d'ahi bezuntados de borras de vinho faziam esgares ao povo reunido diante daquelle palco tosco e ambulante: os comediantes parlamentares, na efflorescencia da hypocrisia politica, trepam á tribuna e mascarram o rosto com as fezes impuras da diffamação, não para attrahir os risos da multidão, mas oh moralidade! para lacerar a reputação d'um adversario, representando a aprazimento dos emprezarios de indecencias politicas a mais plebea e hedionda de todas as bacchanaes!

A indignação simulada, que transluzia do rosto esverdinhado dos auctores e actores de melodramas politicos escriptos e representados com o atticismo da corrupção emerita, petulante, e vaidosa das proprias seducções, sublevou a consciencia publica já hostil ás obscenidades e desenfreamentos d'uma turma d'espiritos perversos, avidos de polluirem o sanctuario da honra, tão inviolavel como o da consciencia, e de lapidarem de doestos o caracter de um *homem* pelo horroroso e nefando crime de ser

obstaculo poderoso e constante ás ambições impacientes dos contrarios.

E quem eram os aggressores, que a si proprios se coroavam das palmas da virtude, e agitavam accesos em santo horror a branca tunica, symbolo da virgindade politica? Eram os alliciadores callejados do voto, os que davam aos deputados eleitos sob a sua influencia a alforria da consciencia algemada e escrava em prebendas pingues e ociosas; verdadeiros libertos de Claudio, para quem a independencia é um brinco e a dignidade um phantasma! Eram os Romulos das Sabinas masculas; os que as furtaram do circo dos jogos parlamentares e as atiraram aos leitos molles e voluptuosos do orçamento; eram elles, os subornadores de consciencia que reduziram as opiniões a veniaga, e converteram o parlamento em praça de chatins; que adjudicaram empregos, mercês e honrarias em leilão venal de almas; que fizeram da suggestão gananciosa e interesseira mais do que uma musa, uma deusa; eram todos estes actores e comparsas, cortejo complacente de triumphadores arrogantes, eunucos servis e testemunhas silenciosas das orgias do poder, que vinham gravar no rosto do ministro com sangrento buril o rotulo infamante de corrupção, palavra tremenda cujos ca-

racteres queimam como ferro candente a fronte da victima onde se insculpem!

Parecia que o ministro accusado de tão feios attentados era um d'estes grilhetas encanecidos nas masmorras, velho inquilino das habitações dos criminosos endurecidos, e cujo cerebro não fôra nunca allumiado por um tenue raio de luz moral!

A *Revolução de Setembro*, este funil de odios mercieiros, vertera sobre o ministro da fazenda a nodoa de *parvenu!* Vejamos em rapidas linhas quem era o criminoso e o *parvenu* que affrontava a magestade dos Scipiões illustres, carregados de louros e de victorias!

XXII

Enganadora e falsa miragem, a que vê só atapetadas de flores as veredas da vida publica e as avenidas dos parlamentos, e apenas divisa diademas a esmaltarem a fronte dos oradores e estadistas, despedindo os fulgores scintillantes dos topazios e saphiras! Oh! não palpeis as flores com mão afouta e imprudente, que vol-a rasgarão os espinhos occultos: não invejeis as corôas mentirosas e fataes, por

fóra reluzentes de gemmas, e por dentro cingidas de cravos que dilaceram e ensanguentam a fronte!

É grave erro pensar, que todos os vultos que luzem nas espheras superiores da fama e da gloria voassem do regaço da fortuna leviana ás eminencias e explendores do mando; que, Titães privilegiados, escalassem o céo d'onde vibram os raios fulgurantes do poder, reclinados no seio da indolencia, como o selvagem da Florida se balouça mollemente na rede suspensa das palmeiras á suave claridade das estrellas, e sorve como philtros deliciosos as emanações embalsamadas das florestas, berço immenso de verdura e de sombra onde a providencia lhe descerrou os olhos á luz, e que ella lhe destina para tumulo, perfumado das fragrancias e murmurios voluptuosos da natureza juvenil do novo mundo!

Dos que aportam ás praias seductoras da dominação e do poder transportados no rolo da vaga impetuosa, quantos encontraes com a fronte lisa e ornada de cabellos graciosos e abundantes como a de Alcebiades ou de William Pitt, ministro omnipotente, aos vinte e tres annos, da nação altiva que sustem sobre os hombros a chlamyde magestosa da civilisação moderna, e empunha o sceptro dominador de todos os mares?

Vêde-os: as frontes sulcadas de rugas, traços fundos da meditação; as cabeças despovoadas de cabellos; as faces pallidas e cadavericas; os olhos embaciados, foco de luz quasi extincta; não revelam quanto o sopro devastador das paixões, especie de simoun abrasador da alma, a aridez das lutas, as asperas vigilias devoraram como tempestade de fogo a seiva, o frescor, a exhuberancia da mocidade?

Pensastes, ao vêl-os triumphantes sobre o dorso reluzente da onda côr de esmeralda, que haviam surgido perfumados e virginaes das espumas do mar: as nodoas e os golpes gravados no corpo só accusam combates e naufragios!

A visão risonha que começara a animar-se das côres seductoras da phantasia, dissipou-se; rompendo dos seios da nuvem corâda, que a brisa desfez, vultos melancolicos e feridos de infortunios!

Com a liberdade parlamentar, com os brados poderosos da imprensa, a mais preciosa das instituições, difficil será que os homens collocados á frente dos negocios, que tomam nas mãos as redeas do governo, e animam com o prestigio da influencia e do talento o espirito politico das assembléas deliberantes, não tenham conquistado a elevação honrosa das *pastas*, symbolo e preço de responsabilidade tre-

menda, ou pela actividade indefesa do espirito, ou pela coragem do animo provada em conjuncturas graves, ou pelos triumphos da intelligencia nas lutas da palavra.

Se alguns caracteres têem sido alteados ás eminencias politicas, d'onde se domina o vasto horisonte dos interesses e necessidades do paiz, apesar de serem a ausencia viva e a negação personificada das qualidades mais triviaes dos homens publicos, estas aberrações solitarias têem nos furacões da tribuna o germen da morte proxima e infallivel, desapparecendo ás primeiras lufadas do vento, impetuosamente arrancados da base pretenciosa e ôca da sua nullidade.

O actual ministro da fazenda, o sr. Lobo d'Avila, não é um filho predilecto da fortuna, como tantos, que orphão de qualidades e fallido de talento tenha merecido os sorrisos e meiguices da caprichosa deusa, sendo guiado pelo fio protector atravez dos escolhos e precipicios ás regiões resplandecentes do poder, que ordinariamente seduzem as ambições inexperientes, avidas de fama e de bulicio!

Arrolado constantemente desde os 17 annos, edade em que saiu do collegio militar, sob as bandeiras do partido progressista, deste partido generoso e cheio

de glorias, mal acabara de completar o sr. Lobo d'Avila o curso d'engenharia, quando rebentou em 1844 a revolta d'Almeida.

Ainda não eram chegados os tempos da queda estrepitosa do colosso de concussões e violencias que n'aquella epoca desgraçada subiram a verdadeiro delirio, transformando os templos sagrados em theatros de matança, e immolando sanguinariamente os cidadãos eleitores junto ás aras do Senhor!

O movimento militar, applaudido por tantos corações generosos, a quem indignavam as vilezas covardes d'um poder só preoccupado de instinctos rapaces e de baixas vinganças, expirou dentro dos muros d'Almeida, depois dos chefes haverem defendido nobremente os interesses da liberdade e zelado a honra das bandeiras refugiando-se no territorio do paiz visinho, onde a maior parte delles permaneceram até ao anno de 1846.

O sr. Lobo d'Avila, então alferes ás ordens do bravo coronel Cezar de Vasconcellos, hoje conde de Torres Novas e a mais popular e brilhante espada do partido progressista, seguiu para França, onde na companhia de outro emigrado egualmente militar e distincto engenheiro, o sr. Sousa Brandão, completou com honrosos creditos o curso de engenheiro

de pontes e calçadas na escola de Paris, fazendo tambem com applauso exames de economia politica e de direito administrativo. Permanecendo em França até 1848, regressou então a Portugal o sr. Lobo d'Avila, concentrando-se no silencio do estudo, e não abandonando o remanso da vida domestica, sendo mal visto pelo governo do sr. conde de Thomar, que pretendia substituir á liberdade das lutas legaes dos partidos a compressão absoluta e violenta das opiniões.

Não decorreram ociosos e estereis para a vida litteraria e scientifica do sr. Avila estes breves annos em que elle preludiava a mais vastas e arduas tarefas de gabinete. Associando-se a mancebos de solido talento e que anhelavam a consagração brilhante da opinião, o sr. Lobo d'Avila collaborou assiduamente no jornal scientifico e litterario, o *Atheneu*, orgão de uma pleiade brilhante de escriptores, traçando a sua penna, exercitada nos estudos economicos, artigos substanciosos sobre assumptos de economia politica e de administração publica, a qual tanto se liga com a primeira na solução de problemas capitaes, como são a theoria dos impostos, a lei da população e todas as condições do progresso material das sociedades.

Em 1851, o sr. Lobo d'Avila foi chamado ao serviço do estado como engenheiro civil, offerecendo-se-lhe adequado ensejo de revelar as applicações praticas dos seus conscienciosos e fortes estudos, na collaboração de diversas reformas naquella epoca realisadas. Deste tempo data um serio trabalho do sr. Avila, que acabou de consolidar na opinião dos homens technicos a competencia, a que lhe davam pleno direito as habilitações especiaes, alcançadas por modo não menos distincto do que honroso para elle e para o paiz na excellente escola de *pontes e calçadas* de Paris: alludimos ao relatorio, o primeiro e o mais extenso que entre nós se publicou sobre caminhos de ferro, elaborado pelo sr. Lobo d'Avila, na qualidade de secretario de uma commissão especial de que fizeram parte elevados talentos, bastando mencionar entre elles o auctor de *Frei Luiz de Sousa*, gloria immortal da litteratura moderna e da tribuna portugueza.

Sobre este assumpto, até então objecto especial dos seus estudos, bem como sobre muitos outros, attinentes a problemas financeiros e administrativos, firmou o sr. Lobo d'Avila, infatigavel nas occupações serias do espirito, numerosos artigos; publicando por ultimo uma brochura sobre a questão dos

caminhos de ferro, questão complexa e vital para o paiz e por elle iniciada entre nós se não nos debates parlamentares, nas controversias serenas da imprensa scientifica.

Um dos symptomas que denotam a actividade, póde dizer-se febril, de certos espiritos da mocidade intelligente e devotada ás emoções da vida publica, é o ardor com que os mancebos agitados pelo Deus interior e attentos ás suggestões imperiosas da gloria, sereia cujos cantos inebriam os ouvidos juvenis, se lançam na arena abrazada das invectivas e polemicas do jornal politico, vibrando aos adversarios o raio dos sarcasmos, e arremessando-lhes o dardo inflammado das recriminações, apenas as controversias se envenenam de coleras e allusões e os contendores se exaltam obedecendo á paixão do momento, vencidos dos affectos vehementes que tumultuam nas pugnas partidarias.

Attrahido para as lutas da imprensa, onde as amarguras são temperadas de encantos que só as organisações inimigas do repouso podem experimentar, o sr. Lobo d'Avila redigiu a *Discussão*, de que foi um dos fundadores; e collaborou em diversos jornaes progressistas, o *Paiz*, a *Civilisação*, e a *Politica Liberal*, onde José Estevão escreveu poucos

artigos, mas cunhados todos com o vigor peculiar do seu estylo imaginoso, pittoresco, e original.

Eleito deputado em 1853, desde esta epoca o sr. Lobo d'Avila tem merecido a honra ininterrompida dos suffragios eleitoraes por diversos circulos em cinco legislaturas consecutivas, sendo constantemente nomeado para laboriosas e importantes commissões, e para o serio encargo de relator, já nas de resposta ao discurso da corôa, já nas de fazenda e de obras publicas; podendo dizer-se que não deixou de tomar parte activa e notavel nas mais graves discussões agitadas no parlamento nestes ultimos dez annos, sobre politica geral, administração, obras publicas e finanças.

Era este homem incançavel, estudioso, condecorado com os suffragios populares durante dez annos de lutas de tribuna, e que desde a sua entrada no parlamento passara por todas as honras, *cunctis honoribus perfunctus;* era este, a quem se disparava primeiro como motejo plebeu o epitheto de *parvenu* e pouco depois se arremessava o vocabulario immundo dos mercados e das enxovias.

O ministro grosseiramente vituperado por aquelles mesmos que outr'ora lhe haviam encarecido as virtudes e os meritos, gosou da honra — distincta e

invejavel honra! — de ser defendido dos canibaes da reputação alheia pela eloquencia de José Estevão, que suffocado de indignação imprimiu os vergões do sarcasmo e do desprezo nos Aretinos da imprensa e na turba lodosa dos declamadores a frio ajustados por pacto infame a demolirem a probidade do ministro no incidente da arrematação dos bens d'Arouca.

No delirio de fartarem a verocidade perversa, as hyenas nem sequer ao grande orador pouparam então, afiando as prezas para lhe dilacerarem a honra de envolta com a do ministro!

Era a moeda generosa com que as toupeiras das sacristias colhidas na lavra subterranea, e os Tartufos desmascarados nos artificios hypocritas pagaram ao genio da tribuna a divida contrahida pelos discursos verdadeiramente inspirados sobre as audacias da reacção clerical e as trapaças devotas, homisiadas nas toucas das irmãs da caridade.

Como o javali d'Eurymantho, a calumnia devasta tudo o que encontra na carreira brutal; mas tal é o poder da verdade e da innocencia, que a final triumpham abafando os clamores da diffamação.

Dotado de coragem, incapaz de recuar, temos visto o sr. Lobo d'Avila desafiar as iras dos emulos

e arrostar as vaias dos detractores, fazendo-os arrepender da audacia no meio das tempestades assopradas pela allucinação dos odios.

Forte da consciencia e do dever, não retrocede; prosegue afouto e seguro na trilha seguida, surdo aos murmurios da inveja e aos uivos do despeito revoltado.

A alguns dos Ciceros fulminadores, já roucos de trovejarem philippicas estrepitosas e apopleticas de furor, pertendendo-o vulnerar na probidade e no decoro, o ministro póde responder como aquelle romano austero, ao regressar do governo de uma importante provincia:

«Romanos, as bolsas que levei de Roma cheias de dinheiro, trouxe-as vasias da provincia. Outros trouxeram para casa cheias dinheiro as amphoras, que tinham levado cheias de vinho!!»

Conta-se de Scipião, o primeiro africano, que de noite penetrava no capitolio, e abria o sanctuario de Jupiter, e os cães habituados a investirem com todos os que transpunham o limiar sagrado, não só permaneciam tranquillos, mas nem sequer lhe ladravam.

Os nossos cães politicos são differentes dos de [illegible]ma, não só ladram, mas até mordem, e refilam,

se a victima perseguida da matilha não cede á inspiração feliz de lhes atirar um osso. O sr. Lobo d'Avila estamos que prefere os latidos e mordeduras ao silencio assim conquistado.

Cheio de energia; dotado d'incançavel actividade; orador distincto e vehemente nos debates politicos; lucido e eminentemente demonstrativo nas aridas controversias de finanças; observador sagaz dos factos economicos; administrador solicito; o sr. Lobo d'Avila é pela largueza das aspirações e pela intrepidez dos intuitos o ministro da fazenda mais consentaneo á indole innovadora do partido progressista, que na conquista das liberdades politicas e nos audaciosos tentamens da civilisação physica e moral, quebra sem superstição os moldes das velhas tradições, despedaça os idolos da rotina, rasga novos horisontes, despregando vôos cada vez mais arrojados em demanda do bem estar e da felicidade das novas gerações, este sacrosanto ideal de todos os homens ou partidos, que se empenham com fé viva no melhoramento progressivo das sociedades humanas.

XXIII

Similhante ao porto sereno e inacessivel aos ventos, descripto por Virgilio, perto do qual o Etna arremessa chammas ennoveladas, que se roçam pelos céos,

«*Attolitque globos flammarum, et sidera lambit*»

a maioria permanecia tranquilla e imperturbavel ante as explosões de colera e as torrentes inflammadas de invectivas, vomitadas pela cratera abrasada da opposição.

Quando as provocações se amiudavam e recresciam os impetos, ateados pela chamma do delirio, a camara investia com os aggressores com a impavidez do javali, de que falla o poeta, todo salpicado de frechas aceradas, voltando-se para os caçadores e fazendo-os empallidecer de terror.

Ao tumultuar da impaciencia e ás vertigens do rancor a camara respondia com a definitiva approvação da lei hypothecaria habilmente sustentada pelo relator da commissão respectiva, o sr. Luciano de

Castro, o qual se mediu como distincto jurisconsulto com o seu forte antagonista nesta discussão o sr. Martens Ferrão. Iniciados entre nós os trabalhos de credito hypothecario pelo sr. Castro Neto, o sr. Silva Ferrão, hoje par do reino, apresentou ha annos, na camara hereditaria um projecto de lei que mereceu a honra de eruditos commentarios pelo jurisconsulto belga, Mr. Martou, auctoridade nestes assumptos proclamada e reconhecida pelos escriptores de credito de maior nomeada. Posteriormente em 1860 o sr. Martens Ferrão e Moraes Carvalho apresentaram outros projectos. O que a camara acabava de approvar elaborado pelo actual ministro da justiça fôra consideravelmente modificado na commissão de legislação, distincta pela competencia de seus membros, apartando-se dos trabalhos do sr. Martens Ferrão em pontos importantes como o das hypothecas judiciaes que eliminou, mantendo o registro provisorio das acções, e supprimindo as letras hypothecarias.

N'este segundo ponto a commissão seguira muito avisadamente a opinião de Mr. Troplong, e aprendera no exemplo da França, da Belgica, e da Hespanha, nações esclarecidas que, alumiando-se da razão e da experiencia, se insurgiram contra a exis-

tencia das letras hypothecarias, de endosso difficilimo senão impossivel pelas differenças capitaes que subsistem entre a indole do credito hypothecario e a do credito commercial, correspondendo e caracterisando a cada um d'elles circumstancias peculiares e diversas.

Implantava-se, pois, uma reforma de vulto, solicitada clamorosamente pela opinião, e de que os aruspices da opposição haviam tirado vaticinios sinistros e falsos. A realidade desvanecia os phantasmas da mentira, dotando a camara ao paiz com uma medida fecunda em beneficios economicos, honrosissimo brazão de gloria insculpido nos annaes legislativos, e valioso titulo á gratidão da presente e das vindouras gerações.

A discussão da generalidade do orçamento, começada na sessão de 1 de maio, consumiu nove sessões (o que não obstou a dizer-se que fôra discutida a vapôr!) encerrando-se no dia 22, consagradas todas ao exame largo e profundo da situação e recursos financeiros do paiz, e do estado do credito publico, que oscilla mais caprichosamente no barometro oratorio dos financeiros jubilados, quando aggridem um rival, do que nas proprias cotações da bolsa, e nas fluctuações dos mercados reguladores. Discuti-

ram amplamente a questão financeira em toda a vastidão de suas proporções—além do sr. Beirão, Carlos Bento, Faria Blanc e Gavicho—o sr. Casal Ribeiro com a competencia proverbial de todos reconhecida, e esmaltada pelas galas da palavra, e o sr. Lobo d'Avila que na larga téla de dois discursos memoraveis pela lucidez das demonstrações, pelo cerrado da argumentação nervosa e irresistivel, e pela vehemencia feliz da palavra repassada de calor eloquente, desdobrou os encargos que pesam sobre o thesouro, e os recursos necessarios para os satisfazer; attenuando o vigor dos toques e a exaggeração de colorido de que haviam carregado o quadro os pinceis exercitados mas excessivamente energicos e apaixonados do contendor.

Em concisas e firmes palavras esboçou o ministro da fazenda os principios de que se inspira na gestão financeira do estado:

«Responsabilidade e publicidade, disse elle, são as duas grandes bases do systema representativo, que eu acato, que eu respeito e venero, e que reputo indispensaveis para a manutenção d'este regimen.

«Despezas productivas feitas com certa largueza compativel com as nossas circumstancias; despezas

d'outra ordem, com a parcimonia que se deve exigir, e é racional.

«Coragem e prudencia: coragem para não haver receio do futuro e empregar os meios para seguir o caminho da prosperidade que encetamos; e prudencia para não nos precipitarmos n'esse caminho e não sermos demasiadamente arrojados no emprego desassisado do credito; porque o credito é um grande instrumento nas mãos das nações e dos governos, para fomentar o seu desenvolvimento moral e material, lançando parte dos encargos ás gerações futuras, que devem gosar em mais larga escala das consequencias desses melhoramentos; mas tambem é uma arma perigosa quando d'ella se abusa, porque pode causar a depreciação de todos os nossos titulos de divida publica, e um augmento dos encargos que têem de pesar sobre o thesouro, sempre que elle se vê obrigado a recorrer á emissão desses titulos.

«Estes são os principios que me dirigem, são os principios que devem dirigir todos os homens sensatos que tenham reflectido um pouco sobre este assumpto, são os de todos que têem escripto sobre economia publica e sobre finanças, que é escusado *citar* porque estas verdades são de tal ordem, que

não precisam de maior testemunho para todos as acceitarem.»

Referindo-se á opinião de Mauricio Block, que vê na cotação dos fundos o barometro da gerencia financeira e do credito d'um paiz, o ministro annunciou á camara a subida dos fundos portuguezes na praça de Londres a 50 por cento, cotados a 44 quando caiu o segundo ministerio da regeneração, e a 47, no tempo em que se organisara a actual administração. Resposta lisongeira do credito ás diatribes empeçonhadas contra o ministro!

Discutindo a opinião dos que entendem não poder estabelecer-se como boa regra de finanças o appêllo permanente para o credito afim de satisfazer as despezas ordinarias do estado e preencher o *deficit*, e acceitando-a como a expressão d'uma verdade doutrinal, o ministro perguntava sagazmente aos adversarios, se para obter aquelle resultado não conviria extrair dos impostos existentes o maximo producto de preferencia a crear outros.

«Convirá, dizia elle, crear já novos impostos? Estou persuadido de que os impostos que existem ainda podem e hão de produzir mais, augmentando a fiscalisação, tomando medidas administrativas, melhorando, segundo a experiencia fôr indicando, n'um

ou n'outro ponto, o systema actual do lançamento e cobrança, e tratando de seguir e executar a regra que a todos deixou sir Roberto Peel, que é não propor impostos novos, senão quando se possa dizer ao parlamento: este imposto deu o que podia dar. Estamos nós convencidos e certos de que as contribuições, de que as imposições que existem actualmente dão o que podem dar? Estou seguro que ninguem o poderá asseverar.»

Proseguindo na exposição dos intuitos financeiros, o ministro enumerava com extraordinario bom senso entre as preoccupações capitaes da sua gerencia o *aperfeiçoamento* das contribuições; estudando-as na applicação e nas *engrenagens;* adaptando-as com a necessaria justeza á indole e condições peculiares do paiz; de modo a não atrophiarem o trabalho e não paralysarem as transacções; sem as esterilisarem nem entorpecerem, e reunindo a estes predicados exigidos pelos economistas e pelo bom senso —este mestre supremo dos financeiros— o de não espremerem os contribuintes n'uma prensa fiscal, oppressiva e vexatoria, arrancando o tributo ás victimas juntamente com as carnes palpitantes, como a tunica mythologica do Centauro.

A conveniencia, ou mais exacto, a necessidade de

reduzir longe de a ampliar, a divida fluctuante, foi lucidamente exposta pelo ministro que defendia no seu systema, na pratica recente de Mr. Fould e no exemplo das nações mais bem regidas, a doutrina dos grandes economistas, oraculos da sciencia.

Em seguida o orador mostrou em considerações minuciosas o preço vantajoso por que effectuara o grande emprestimo de cinco milhões de libras esterlinas por elle contrahido em Londres, e coroado do mais lisongeiro exito; e exhibiu, de modo a fazer emmudecer os calumniadores alvares, a conveniencia financeira da reserva das quinhentas mil libras esterlinas, objecto de aleives e insinuações covardes, que os deputados honestos da opposição, competentes nos assumptos de fazenda, engeitaram com profundo asco desde a primeira vez que taes infamias tomaram corpo, assopradas nas forjas tenebrosas da calumnia.

Destruindo o effeito das demonstrações adduzidas pelos antagonistas habeis, o ministro afirmava a verdade orçamental com que estavam descriptas as receitas e as despezas do Estado, espraiando-se no desenvolvimento d'este pensamento em extensas reflexões. Investigando com paciente trabalho uma por uma as razões especiosas que só viram desperdicios

e gastos enormes a avolumarem o *deficit* nos orçamentos progressistas, o orador do gabinete restabelecia a verdade dos factos, e explicando-os, provava como em 1851-1852, o *deficit*, antes da reducção nas deducções dos vencimentos de todos os servidores do estado successivamente diminuidos, e antes de calculados os creditos supplementares, era de 2.243:000$000 réis; em 1852-1853 de 2.868:000$ réis; em 1857-1858 de 2.163:000$000 réis; em 1860-1861 de 2.114:000$000 réis, orçando este *deficit*, o do orçamento apresentado pelo sr. Casal Ribeiro, ainda mesmo depois das deducções nos vencimentos, por 1.483:000$000 réis. Em consequencia das reducções successivas nos vencimentos a que alludiu o ministro, omittidas no sophistico confronto, e que são um poderoso elemento da progressão do *deficit*, figuram na receita de 1852 réis 1.527:000$000, provenientes das deducções, e hoje apenas figuram 600:000$000 réis: eis a verdade irrecusavel.

Os encargos de fundos levantados para os grandes melhoramentos de viação accelerada e ordinaria do paiz, e para as necessidades impreteriveis da civilisação; os resultantes de sommas applicadas a *cubrir os deficits* anteriores; novos serviços acres-

centados á despeza ordinaria do estado são, como satisfactoriamente explicou o sr. Lobo d'Avila, outros tantos elementos do *deficit* actual, entre os quaes avulta como principal a diminuição successiva nas deducções dos funccionarios publicos, repellindo triumphantemente a asserção, de que o gremio regenerador fôra incomparavelmente mais parco nas despezas publicas, o que, se não fôra dito a serio, e por um ex-ministro, tinha sabor a epigramma ferino! A regeneração, a primitiva, diga-se a verdade sem inveja e sem ciumes, teve qualidades boas entre muitas más que se lhe podiam perdoar por aquell'outras, e que as escureciam e até absolviam. Mas não a calumniem chamando-lhe economica, que é deturpar a verdade com uma alcunha de que ella de certo se offenderá.

A regeneração gastou sempre, gastou muito, gastaria muito mais se lh'o consentissem. Em nome d'esta prodigalidade symbolisada no aphorismo famoso, expressão de finanças famelicas e insaciaveis: «o povo pode e deve pagar mais», nós pedimos para ella a justiça e verdade que são devidas ás sombras venerandas da historia!

Economica e poupada, a regeneração! Não: nunca affectou de tal; nunca pompeou austeridades; nunca

teve tempo para contar o dinheiro como Harpagon; nunca presumiu de spartana, que o *caldo negro* é iguaria repugnante ao paladar delicado da civilisação moderna, cujo facho a regeneração agitou sempre triumphante na sua edade de ouro (é ella quem o diz), introduzindo-nos o caminho de ferro, e enviando-nos pelos mesmos carris á ultima hora—ella a materialista, a utilitaria!—as theorias mysticas e devotas que exaltam as maravilhas do *frade*, os prodigios das ordens religiosas, as virtudes peregrinas das irmãs da caridade, que nós, porcos d'Epicuro, não sabemos aquilatar no contraste sordido de nossas almas, vendidas ao demonio dos grosseiros appetites e do desenfreado materialismo do seculo.

E vivam todos os farricoucos e todas as taboletas vivas de escapularios e bentinhos, que são quem ha de salvar a patria!

Façamos meia volta á direita, desta indiscreta digressão, e volvamos ao discurso do sr. Lobo d'Avila, a concluir a rapida resenha das notaveis orações, que algumas paginas não bastariam a compendiar se quizessemos percorrer todos os topicos.

Fazendo o parallelo entre as differentes administrações que se teem succedido no poder, o ministro *demonstrou* como os ministerios da regeneração

aggravaram consideravelmente as despezas publicas com a creação de multiplicados serviços, cuja utilidade não póde ser negada absolutamente (apesar da dispendiosa aprendizagem governativa) mas que para as demonstrações oratorias do momento se quizeram reduzir apenas ao acrescimo de 60:000$000 réis de despeza sobre os orçamentos anteriores!! Era excessiva modestia de algarismos!

Tinham-se desenhado as perspectivas imminentes da revolução popular, n'uma allusão transparente á politica do governo, dizendo-se que oxalá fosse esta tal, que não legasse aos futuros ministerios os encargos das lutas fratricidas! Correndo impetuoso a repelir a ameaça ligeiramente dissimulada, o ministro cheio da dignidade do poder, e afastando a intimidação, expressou em phrases vehementes que a camara applaudiu, o proposito do governo em sair do poder pelos meios constitucionaes e legaes, mas nunca em obediencia servil aos ukases dos adversarios devorados de ambição, e ás intimações formuladas no momento em que pendiam da tela parlamentar graves questões d'interesse publico, como a desvinculação da terra e a lei hypotecaria; duas grandes reformas na ordem economica, as maiores de certo que se agitavam desde a restau-

ração liberal, e cuja realisação não se fez esperar, ante os convites de despedida que a opposição enderessava á maioria com a doce benevolencia do sultão enviando aos pachás o cordão de seda, silencioso mensageiro de morte!

N'este largo discurso, o ministro patenteára com a solemnidade convincente da tribuna, aptidão elevada para os negocios e penetrante agudeza de espirito financeiro, dotes proclamados mesmo pelos mais intractaveis de seus emulos e detractores, tal é o brilho do verdadeiro merito nos certames da intelligencia!

XXIV

Sobreveio por este tempo um incidente parlamentar, suggerido pela falsa amisade dos chefes da opposição a um notavel homem de lettras e deputado por Lisboa; incidente que a opposição explorou á saciedade, não escondendo fóra da camara o entranhado despeito que nutria ácerca do recente objecto de suas hypocritas lamentações, e que ella assestou *contra* o governo como machina de guerra. Não

seremos nós quem acorde do somno da historia tão deploravel e inopportuna discussão.

Pouco depois os orçamentos dos differentes ministerios eram approvados, não sem o sr. Fontes ao apresentar-se o projecto de lei de meios tentar ainda uma batalha politica infeliz como as anteriores, arguindo o governo de não querer o orçamento, provando a ulterior e definitiva discussão d'este, que não era o governo, mas a opposição que se queria esquivar a discutil-o! Phenomeno parlamentar não presenciado pela camara havia vinte annos, era tambem discutido e approvado pela camara o orçamento do ultramar, em que o ministro e a respectiva commissão collaboraram com louvavel zelo, que oxalá não esmoreça sob futuros ministros da marinha, Neptunos em disponibilidade.

No cyclo que percorremos a vista de passaro, anciosos de libertar do jugo tedioso d'estas paginas o leitor paciente, a quem as papoulas do estylo e do assumpto não tenham cerrado de todo as palpebras, teve ainda ensejo de ouvir a camara um discurso, a proposito de um dos capitulos do orçamento da justiça, onde se revelava mais um orador esperançoso. Alludimos á brilhante oração do sr. Antonio Ayres de Gouvêa, deputado pelo Porto, oração ver-

dadeiramente inspirada da philosophia e das sanctas maximas do christianismo contra a pena de morte e o officio de verdugo — funccionario sinistro e ensanguentado que enluta as paginas do orçamento com o seu nome repugnante.

Alliando á vehemencia da indignação contra a crueza barbara da pena atroz e homicida a palavra repassada da sensibilidade delicada de poeta, o orador teve trechos orvalhados das lagrimas do sentimento, enternecendo a camara, unanime nas demonstrações de sympathia á palavra e ás idéas humanitarias e christãs, de que elle era eloquente apologista e convicto missionario. Concluindo por uma proposta abolindo a pena de morte, peroração expressiva do seu discurso, quasi todos os deputados presentes se associaram á demonstração. Dentro de poucas horas a commissão de legislação, graças á generosa iniciativa do joven orador, preoccupava-se já com o exame da melindrosa e delicada these social e penal, cuja adopção ou rejeição envolve nada menos do que affirmar ou negar a inviolabilidade da vida humana — este santo preceito traçado no codigo da lei divina pela mão de Deus, e escripto com caracteres mysteriosos e invisiveis no penetral da consciencia *e no intimo* do coração, que nos dizem, que a lei e

a sociedade, quando fazem rolar no patibulo a cabeça de um homem, innocente ou culpado, perpetram o crime hediondo e impio de Caim, lavando as mãos no sangue de seu irmão Abel.

As instituições de credito predial, medida elaborada com solicita actividade pelo sr. duque de Loulé, incansavel em a apressar e submetter á tela da discussão como complemento logico da allodialidade da terra e do decretamento da lei hypothecaria; uteis alterações em alguns artigos da pauta, reduzindo-se entre outros os direitos do papel de impressão, homenagem ás industrias litterarias consagradas á circulação do pensamento e á dilatação dos conhecimentos humanos; a importante providencia para a venda e remissão dos fóros, censos e pensões em poder da fazenda nacional; numerosas provisões de regularisação financeira e de administração fiscal, bem como muitas propostas sobre marinha e necessidades ultramarinas; complicações diplomaticas satisfactoriamente desenlaçadas, uma das quaes arrancou a dois caracteres de maxima probidade e superior illustração, os srs. Martens Ferrão e Mattos Corrêa, um voto de louvor ao governo; todos estes resultados completavam a renhida campanha parlamentar de seis mezes de aturadas lutas, debandando

as forças da opposição, já desmoralisadas pelos desastres, n'uma desordem tempestuosa que faz recordar aos lidos em historias de guerra a retirada de Moscow As ambulancias trasbordando de feridos; as carretas fracturadas; os obuses parlamentares dos sitiantes enterrados nos paues; o terreno juncado de vòtações nominaes, espolio dos vencidos; e um exercito outr'ora temeroso, disperso em patrulhas solitarias e velozes na carreira, attestavam a gravidade dos revezes.

Os chefes, esses, escondiam na fuga a vergonha das catastrophes, que tinham provocado com summa inhabilidade; e melancholicos e cabisbaixos entranhavam-se pela solidão, divorciados com os soldados, sombrios, taciturnos como criminosos a quem perseguem as visões e espectros, cortejo inseparavel dos remorsos, lictores invisiveis das consciencias perturbadas. No seu isolamento e impopularidade profunda, repetiam mentalmente a miseravel consolação do avaro de Horacio:

« *Populus me sibilat, etc.* »

De quando em quando, nos ultimos momentos da *da sessão* ouvia-se a voz do sr. Fontes, ou o sr. José

Maria d'Abreu — derradeiro cantor dos cysnes! — nos seguintes dialagos com o presidente:

— O sr. Fontes: sr. presidente não ha numero na sala.

— O sr. presidente: vae verificar-se.

— O sr. secretario: Estão presentes 65 srs. deputados; mais do que o numero legal.

— O sr. Fontes: estou satisfeito.

Ou então o seguinte:

— O sr. José Maria d'Abreu: sr. presidente não ha numero.

— O sr. presidente: já hoje se verificou tres vezes, a pedido de v. ex.ª, que ha numero legal.

— O sr. José Maria d'Abreu: requeiro a reverificação.

— O sr. secretario (pela quarta vez): estão presentes 62 srs. deputados; mais dois do que os que o regimento exige.

Os olhos que ha pouco se fixavam na patria e na liberdade, desciam d'estes vultos epicos a espetarem-se, Argos subalternos, na contagem material e arithmetica dos deputados presentes á sessão!

XXV

Concluir-se-ha que nos vangloriamos com a retirada de uma opposição, que á força de amiudar os excessos se enfraquece e abandona desalentada e perdida o campo da luta legal? Poderá induzir-se, que desejamos que o silencio reine no *forum* e nas assembléas politicas, e que á voz dominadora do poder responda a mudez universal? Não, mil vezes não!

Voltaire dizia de Deus, que se este não existisse, seria necessario invental-o: o mesmo póde dizer-se da opposição, como elemento vital do systema representativo.

Graças á liberdade humana e á independencia da razão não faltarão opposições aos governos. Mesmo quando estes são justos, civilisadores e beneficos, não pensem que a opposição, este protesto espontaneo da razão, não ha de travar o carro do poder e pleitear os gosos e insignias do mando.

Sal politico, a opposição preserva os governos da podridão do silencio, symptoma terrivel de embru*tecimento* se os povos se lhe submettem, como os

bois ao jugo; e expressão de despotismo sombrio quando é imposto pelo terror e pela violencia.

Se não professamos a superstição do poder, educados como fomos na escola da liberdade energica e popular, não nos prostramos em adoração ante as opposições, só porque o são, quando nos apparecem raiadas de instinctos aristocraticos e de preconceitos de intolerancia religiosa, e aspirando em politica a um ordeirismo jactancioso, glorificado na apotheose da resistencia doutrinaria de Guizot; politica obstinada e imprudente que em tres dias de insurreição colhe os fructos, vendo fluctuar sobre os abysmos a corôa, o sceptro, e a dynastia de um rei esclarecido e liberal!

Estes partidos conservadores até á destruição, desadoramol-os: são o delirio da obcecação e do orgulho que o vento popular derriba e esparge no chão como folhas outoniças!

Aos governos progressistas, que a opinião transporta docemente na sua barca doirada, e a quem os corpos politicos, filhos do suffragio popular, tenham posto nas mãos a palma do triumpho, diremos, que não adormeçam descuidosos no regaço das victorias; não se enervem nos ocios de um sybaritismo afeminado e degradante; não trepem mages-

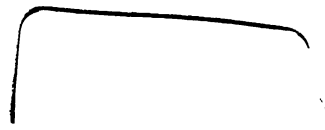
tosos aos pedestaes da vaidade propria, lavrados no mais friavel de todos os marmores, pedestaes que uma ligeira convulsão faz tremer na base, tombando com elles no raso do chão as estatuas animadas que os coroarem, embora soberbas de suas attitudes correctas e academicas; não prestem ouvidos complacentes ás lisonjas dos clientes famintos, ecco mentiroso de consciencias envilecidas, nem se inebriem com os incensos que ardem nas caçoletas de filigrana dos thuribularios espectaculosos, turba mercenaria, enxame servil, escolta de janisaros dos poderes victoriosos, que os desampara covardemente apenas despontam os revezes — luto da prosperidade — e começa a empallidecer até mergulhar de todo nas sombras melancolicas da desgraça ou da impopularidade o astro da fortuna e da gloria.

Á opposição, que teme como presentes funestos os conselhos dos adversarios, diremos que é bello e nobre conquistar o poder, mas sem se arrastar pelas lagoas e pantanos da calumnia; sem victoriar os milhafres clericaes que do fundo das ruinas gothicas espreitam o ensejo de rasgar os vôos; sem cubrir de piedosas offrendas o sepulchro de revoltas inglorias e rapaces; renunciando de uma vez para *sempre* a exhumar os frades, estes fosseis do catho-

licismo, e a armar de protecção credula a hypocrita milicia dos lazaristas, que sob as vestes negras como a propria perfidia estillam a peçonha de um fanatismo sombrio e mussulmano, que embrutece a alma, atrophia a intelligencia e aniquila a liberdade, porque onde estão ellas, quando o espirito e a consciencia são encadeados pela superstição e pelo terror como escravos opprimidos por gargalheiras de ferro?

Para que embriagar-se com a taça das devoções elegantes e frivolas, indignas do culto austero e modesto do primitivo catholicismo, em vez de approximar dos labios a lympha pura e crystalina das verdades democraticas e sociaes do evangelho, d'este codigo divino em que são punidos o orgulho, a corrupção, a hypocrisia e os vicios dos poderosos, e cujas paginas exhalam o amoravel perfume da fraternidade humana! As oligarchias de devotos apparatosos e theatraes, constituidas em casta religiosa, nunca salvaram o deposito sagrado das crenças herdadas dos avós. Embuste e miseria tudo isso!

Prestada sincera homenagem ás idéas e ás necessidades do tempo, poderá a opposição lançar ás ondas a sua arca com menor perigo de se submergir aos primeiros impetos da tormenta na espuma

dos abysmos, e com a perspectiva auspiciosa, de aproar incolume ás praias risonhas do poder de que se afastam, condemnados fatalmente a encontrarem o tumulo nas ondas populares, todos os que não guiar a estrella polar da liberdade!

FIM